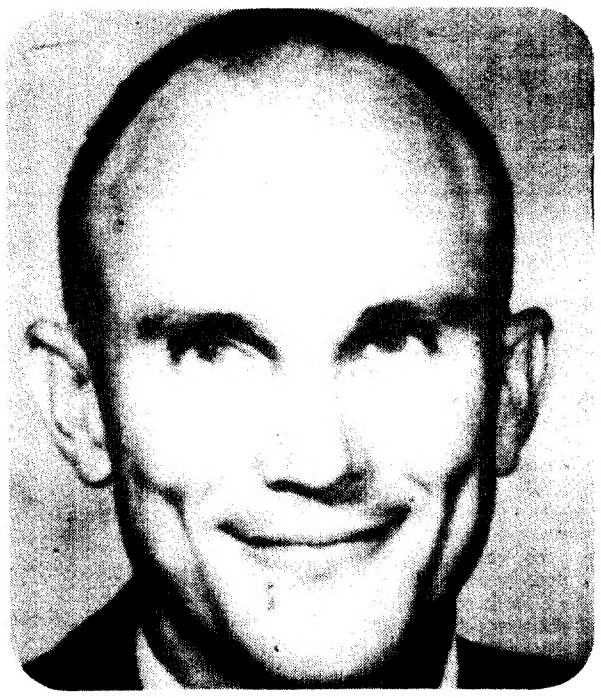
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 16 DE ABRIL DE 1972-N.º 17714-ANO 52.º-PREÇO 1$50

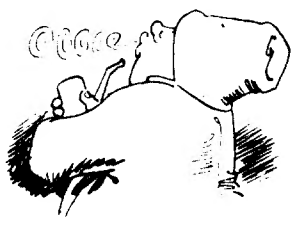
O PRIMEIRO HOMEM A SER PAI NA LUA



John Mattingly (foto ao alto), o astronauta que hoje estará a caminho da Lua com os seus companheiros da Apollo-16, Charles Duke e John Young, poderá ser o primeiro homem a tornar-se pai no espaço. Sua esposa está nos últimos dias da gravidez e poderá dar à luz quando Mattingly pisar na Lua. (ÚLTIMA PÁGINA)

CIGARRO
A MORTE LENTA

O cigarro é mais daninho do que a tuberculose antes da descoberta dos antibióticos: pode provocar cancro no esófago, na bexiga e nos pulmões, bronquite crónica, doenças cardio vasculares e outras. No mínimo, quem fuma um maço por dia está a reduzir a sua própria vida em cinco anos. (Leia o que dizem os médicos na pág. 2)



DL DOMINICAL

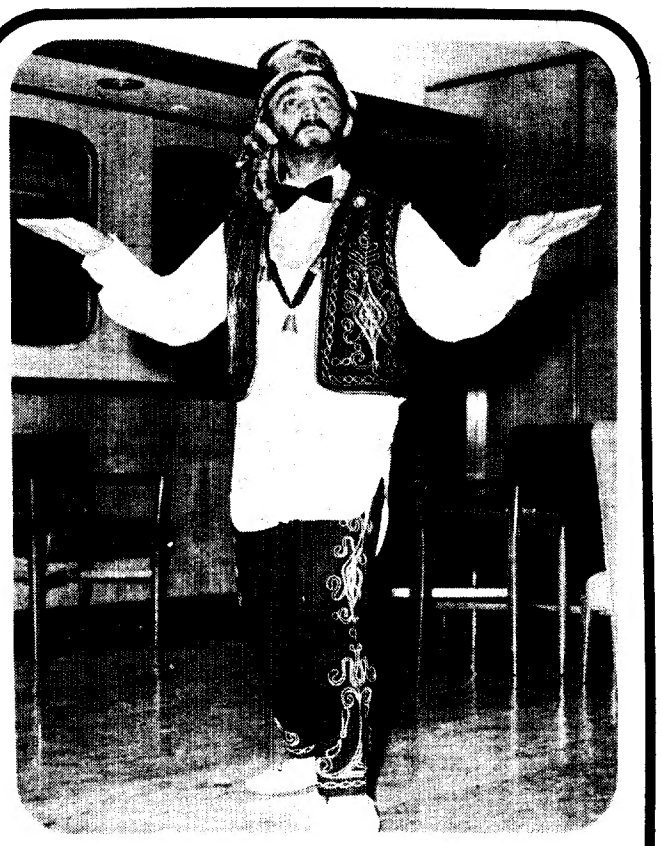
O GANGSTER QUE LIA SARTRE	O CASO DO HOMEM NO SOTÃO

BENFICA PODE SER CAMPEÃO HOJE

Se o Benfica vencer hoje em Leixões e o Setúbal derrotar o Sporting em Alvalade, os encarnados serão campeões desde já, às vésperas do sensacional encontro com o Ajax. Em Alvalade, a questão poderá ser decidida no meio-campo, entre Peres e Matine: quem jogar melhor levará o seu «team» à vitória. Esta e outras matérias sensacionais estão no «DL»/Desportos, hoje com 12 páginas e matérias de Neves de Sousa, Mário Nobre, Daniel Reis, Alexandre Pais, Diana Andringa e Regina Louro.

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

Peres ou Matine: quem domina o meio-campo?



«Só cantar não basta. É preciso toda uma «mise en céne».»

Esmagar ou ser esmagado

João Maria Tudella, o criador de «Kanimambo», vai reaparecer. Há anos afastado dos palcos e dos estúdios de gravação, prepara-se agora, segundo anunciou bombàsticamente ao «DL», para «esmagar ou ser esmagado». Reaparecerá na praça com um disco «comercial, mas de qualidade». Tudella não se limitou a revelar os seus planos: deu a sua opinião sobre a música portuguesa e a promoção de discos, que considera «muito mal feita». (NA OITAVA PÁGINA).

OS MALEFÍCIOS DO TABACO

Cancros do pulmão, da laringe, da bexiga, doenças cardio-vasculares, casos de gravidez difícil, prematuros, bronquite crónicas, úlceras gástricas.

São sem conta os malefícios imputáveis ao hábito, espalhado pelo Mundo inteiro, de fumar cigarros. O processo do tabaco já está feito, as investigações sobre a sua toxidade levaram, a resultados infelizmente positivos. Não obstante, quase todos os adultos fumam. Esta paradoxal situação não se refere apenas à França, mas este país, produtor de tabaco é, sem dúvida, um dos últimos a ainda dar realce à publicidade dos cigarros, lutando, com bem escassa energia, contra o tabagismo.

No estrangeiro, especialmente nos países anglo-saxões , multiplicam-se os relatórios, abundam as decisões no sentido de se tentar remediar a situação, dado que o tabaco, só por si, nos tira cinco anos de vida, e os seus estragos estão a substituir, em importância, os provocados pela tuberculose, antes de terem surgido os antibióticos.

Foi isso que levou, aliás, o professor André Lwoff, prémio Nobel da Medecina, director do Instituto Nacional de Investigações sobre o cancro, a declarar, recentemente, à Academia de Cirurgia: **«Individualista por temperamento o francês não acredita nas estatísticas. Estas não lhe dizem pessoalmente respeito. E depois, como fazer com que um tóxicomano escute a voz da razão?»**

«O que é que se tem feito em França, neste domínio?», pergunta o professor Lwoff. **«As instâncias encarregadas de velar pela saúde da nação mantêm-se mudas e quedas. A Saúde Pública tem, sem dúvida, receio da poderosa «Rue de Rivoli» e dos seus privilégios, pois se dá o caso de uma das mais frutuosas contribuições orçamentais provir de um dos mais nocivos atentados contra a saúde. Trata-se de uma empresa nacional cujo êxito agrava, pesadamente o orçamento da Saúde Pública!»**

Cerca de 51 por cento dos médicos britânicos não fumam de todo em todo, só 19 porcento continuam a fumar cigarros. Os restantes deram preferência ao cachimbo ou aos charutos. Por outras palavras; 80 por cento dos médicos do outro lado da Mancha deixaram de fumar cigarros. O facto de o corpo médico, melhor advertido, por definição, ter passado a fumar nìtidamente menos, de há uns vinte anos a esta parte, do que a população inglesa no seu conjunto, é nìtidamente revelador.

O novo estado de espírito dos meios médicos não conquistou, infelizmente, nos diversos países do Mundo, os dirigentes governamentais, assim como o homem da rua. Os primeiros, por motivos económicos e políticos; os segundos, por ignorância, negligência, e, também, porque preferem a satisfação de um prazer imediato a um bem estar futuro, mostrando-se impermeáveis às advertências que os homens de ciência vão multiplicando contra a erva de Nicot.

Para o comprovar bastam os resultados de um inquérito epidemológico recentemente empreendido pelo Instituto Nacional da Saúde e Investigação Médica:

— Nas cidades, 83 por cento dos franceses e 13 por cento das francesas são fumadores. Trinta por cento daqueles homens e 11 por cento das mulheres fumam mais de um maço de cigarros por dia e 40 por cento fumaram mais de cento e cinquenta mil cigarros. Oitenta por cento dos fumadores masculinos começaram aos vinte e um anos;

— O hábito de fumar foi provocado, ou agravado, pelo serviço militar, em 60 por cento dos casos. Quanto aos não-fumadores, adultos ou crianças, tornaram-se, nas cidades, nos lugares públicos ou nos transportes colectivos, fumadores «passivos», involuntários, pois são obrigados a respirar o fumo dos outros. Avalia-se, em certos meios de alta densidade de população (cocktails, reuniões, congressos, escritórios, etc.), o fumo que lhes é imposto ao equivalente ao de três cigarros.

Aqueles números são tanto mais preocupantes quando caminham a par de outras estatísticas, de ordem médica, desta vez:

— **Os cancros do pulmão** triplicaram em número nestes últimos vinte anos: cinquenta e cinco mil cidadãos britânicos, para cima de dez mil franceses, por exemplo, compreendendo-se metade deles entre os trinta e cinco e os setenta e cinco anos. Este aumento relaciona-se directamente com o do consumo de cigarros. Ainda que certos cancros do pulmão se verifiquem entre os não-fumadores, embora se dê o caso de grandes fumadores não serem atacados pelo cancro do pulmão, mesmo que outros factores, como os poluentes atmosféricos, também intervenham, o papel do tabaco no espectacular aumento dos cancros do pulmão, desde o princípio do século, está absolutamente demonstrado, e isto de maneira rigorosamente proporcional ao consumo do tabaco, à maneira de fumar, à idade em que se adquiriu o hábito. O tabaco é também posto em causa, de nìtido modo, no aparecimento dos cancros da bexiga, e, com menor rigor, nos dos cancros da boca, da laringe e do esófago.

— **As doenças cardio-vasculares**, que matam um homem em cada três e uma mulher em sete, entre os trinta e cinco e os sessenta e quatro anos, também estão directamente ligadas ao consumo de cigarros: os fumadores, no seu conjunto, desde que fumem mais de dez cigarros por dia, correm duas vezes mais o risco de morrer do que os não-fumadores. São, também, mais vulneráveis às afecções cardíacas não mortais.

O tabaco fumado sob a forma de cigarros contribui, nìtidamente, para a aparição da angina de peito, assim como para as crises cardíacas com morte súbita, e, enfim, para a arteriopatia dos membros inferiores.

— **Os abortos espontâneos, os nado-mortos, os bébés de pouco peso** têm também que ver com o consumo de tabaco. Numerosos relatórios, todos significativos, apareceram a este propósito. Um estudo estatístico, empreendido em Villejuif, pelo dr. Schwartz, junto de sete mil mulheres grávidas, estabeleceu que era muito nìtido o aumento de mortalidade entre as mulheres que inalavam o fumo, e isto independentemente da sua condição social.

Por outro lado, um estudo retrospectivo, feito em colaboração pelos drs. Boué e Lazar, deixa sipor o papel não negligenciável do tabaco nos abortos espontâneos precoces, quando ras cromossómicas. Enfim, é notório que as grandes consumidoras de cigarros dão à luz antes do tempo e que os bébes pesam, em geral, menos de dois quilos e meio, com os riscos que isto comporta. O simples facto de evitar o hábito de fumar nos princípios da gravidez permite evitar aqueles riscos.

— **A bronquite crónica e o enfisema, a que as pessoas prestam pouca atenção, quando a primeira mata, nos nossos dias, mais do que a tuberculose, têm o tabagismo como principal factor predisponente. Como sempre, o tabaco não é o único elemento responsável,**

SETE DIAS NO MUNDO

AS OPÇÕES DE NIXON

E o Vietnam continuou a ser o assunto da semana. A ofensiva das forças da FNL já vai na terceira semana e o seu ímpeto não abrandou. Pelo contrário, os ataques cada vez atingem mais pontos, cada vez se aproximam mais das grandes cidades. Eles estão nas imediações de Hué, bombardeiam Saigão, atingem Da Nang. De um momento para o outro a guerra transformou-se num conflito clássico, convencional. A situação só é comparável à de 1965, quando os americanos se viram obrigados a enviar em força tropas combatentes para evitarem o colapso dos seus protegidos de Saigão. Os ataques são tão poderosos e perigosos que o presidente Van Thieu se viu obrigado a enviar para a frente os paraquedistas de «élite» que, normalmente, apenas servem para proteger o seu palácio de eventuais golpes de estado. Mas detenhamo-nos um pouco nas razões da ofensiva. Os americanos, entre várias hipóteses, levantam uma que nos parece fecunda. Segundo ela, o ataque generalizado dever-se-ia à decisão da FNL de passar à guerra convencional, logo que o número de americanos no Vietnam não permitisse a sua participação significativa nos combates de terra. Assim, teria começado a preparar esse tipo de guerra. Logo que os preparativos ficaram acabados, a ofensiva foi ordenada e ela aí está. Embora possa pecar por um pouco simplista, pois é de crer que se tenha levado em consideração a oportunidade política e diplomática, a hipótese tem a grande vantagem de colocar no são a questão de fundo. Isto é, a FNL tem uma estratégia e prossegue-a independentemente de factores que se agigantam aos olhos dos observadores da superfície. De certo modo pode dizer-se que a guerra regressou ao que fora em 1965. Trata-se de obter a vitória que então esteve à mercê da FNL. A intervenção americana obrigou os estrategas da Frente a modificar a sua táctica, mas o objectivo permaneceu inalterável. Agora, com a retirada a que os americanos foram obrigados pelos desfavores das armas, a possibilidade de forçar a vitória voltou a colocar-se. Mas, sete anos passados, a situação não poderia ser idêntica à de 1965. Apesar do seu aparente falhanço, a «vietnamização» sempre reforçou consideràvelmente o poderio militar do regime de Saigão. Mas esse reforço encontrou uma contrapartida do outro lado. São os próprios americanos quem admite que a violência desta ofensiva não tem precedentes. A esse respeito estão os americanos muito preocupados, pois ligam o auxílio soviético em armas às tropas da Frente à projectada visita de Nixon a Moscovo. Pensa-se em Washington que, caso o presidente vá a Moscovo, terá de fazer face, pelo menos no que respeita ao Vietname, a uma situação de inferioridade, o que, naturalmente, não é do seu agrado. Mas que poderá o chefe do executivo americano fazer? Que opções lhe restam? Pode suster a retirada e enviar tropas de combate, como Johnson fez em 1965. Mas isso implicaria muito provàvelmente a derrota eleitoral em Novembro. Pode limitar-se a ordenar o que já ordenou: os bombardeamentos maciços no Norte e no Sul. Essa opção, no entanto, complica-lhe a política externa e não resolve a questão militar. Pode recomeçar as conversações de Paris. Isso, contudo, teria como resultado o ter de ouvir reivindicações a que dificilmente os americanos se podem furtar, no momento em que a guerra lhe corre mal. Pode, por fim, ordenar a retirada total e acabar com os bombardeamentos, pondo à prova a vietnamização. Porém, esse gesto seria o mesmo que reconhecer a derrota. Difíceis opções.

SEGUNDA-FEIRA

Encabeçados por Roy Jenkins, três membros do «gabinete sombra» inglês demitiram-se. A decisão foi justificada com o apoio dado pela direcção do Partido Trabalhista a uma emenda proposta por alguns deputados conservadores no sentido de se submeter a um referendo a entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum Europeu. Sem ser surpreendente, a demissão destes trabalhistas dissidentes coloca algumas questões interessantes. A primeira é a de que, ao contrário (ou à semelhança?) da França onde o governo faz um referendo porque sabe que vai ganhar, os partidários do Mercado Comum ingleses não querem submeter-se ao voto popular por receio de perder. A segunda será a de saber se a entrada britânica na Europa dos «seis-dez». é de facto do interesse do povo inglês. Não se trata já de saber como ele votaria, mas apenas se ele tem alguma coisa a ganhar com a integração.

TERÇA-FEIRA

Ao mesmo tempo que a polícia anuncia ter prendido dois suspeitos relacionados com as mortes de Sallustro e de um general na Argentina, o presidente Lanusse afirma que levará por diante o seu projecto de fazer eleições em Março do próximo ano e a CGT condena as actividades dos extremistas que levaram à morte daqueles dois homens. A posição de Lanusse, acompanhada pelo apoio, indirecto pelo menos, da CGT, que tem grande penetração peronista, contribui para o isolamento do Exército Revolucionário Popular. Decisiva para este isolamento deve ter sido a escolha de Sallustro para vítima de um rapto. O administrador da Fiat não representava o que de mais impopular possa existir no regime argentino.

QUARTA-FEIRA

No Cairo, os dirigentes dos movimentos palestinianos decidiram unificar as suas forças para melhor poderem lutar simultâneamente contra a ocupação israelista e contra o regime jordano do rei Hussein. A eficácia desta união continua a ser duvidosa, como o têm sido todas as outras tentativas para concertar as actividades dos guerrilheiros. Desta vez a questão agrava-se pelo facto dos palestinianos terem pràticamente perdido a base de apoio que o território ainda dominado por Hussein lhes oferecia. A decisão de lutar contra o rei é perfeitamente compreensível se nos lembrarmos que as tropas fiéis ao soberano hachemita fizeram muito mais mortos entre os palestinianos do que as israelitas.

QUINTA-FEIRA

O presidente Salvador Allende inaugurou a terceira conferência da UNCTAD em Santiago do Chile. No seu discurso, Allende exigiu «a substituição de uma ordem económica e comercial já ultrapassada e radicalmente injusta, por uma ordem justa e baseada num novo conceito do Homem e da dignidade humana», como única forma de estreitar o fosso que separa as nações ditas subdesenvolvidas dos países industrializados. Allende, que manifestou esperanças de que a conferência pudesse dar um passo nesse sentido, ergueu a voz contra o domínio das economias paupérrimas de alguns países pelos grandes «trusts» radicados nos países mais evoluídos do mundo capitalista.

SEXTA-FEIRA

O presidente Nixon encontrou-se em Ottawa com o primeiro-ministro Pierre Elliot Trudeau. O que os dois estadistas têm entre mãos como passivo nas relações entre os países que representam é a extrema dependência do Canadá em relação aos Estados Unidos. Como Trudeau já disse, ser-se vizinho dos EUA, é como «dormir encostado a um elefante.» Qualquer estremecimento do elefante constitui um perigo de morte para quem ao lado dele se deixe dormir. Muitos canadianos estão agora a acordar para essa realidade. É já um princípio. Ser-se vizinho dos EUA significará sempre uma certa dependência em relação às oscilações americanas. A geografia tem muito peso.

SÁBADO

O petróleo aviva mais um conflito. São o Iraque e a Pérsia que se digladiam numa questão fronteiriça de solução aparentemente difícil. A região é rica em petróleo e ambos os países, que fundamentam a sua economia quase exclusivamente nesse produto, procuram aumentar as suas rendas. Por enquanto, não parece haver intervenções estrangeiras. Contudo, caso o conflito se agrave e prolongue, elas surgirão inevitàvelmente. Nessa ordem de ideias, não nos espantaremos se a URSS aparecer a apoiar o Iraque e Teerão tiver o auxílio americano.

PRÉDIOS VELHOS
PARA DEMOLIR
NO CENTRO DE CASCAIS
VENDEM-SE
COM PROJECTOS
OU ANTEPROJECTOS APROVADOS
PARA NOVOS EDIFÍCIOS
PROPRIETÁRIO:
JOAQUIM BARAONA
Av. Valbom, 28-1.º
Telef.: 282345 — CASCAIS

SA
6º SALÃO DE ANTIGUIDADES
12-23 Abril
Das 17 às 24 h.
NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

MALEFÍCOS DO TABACO

sendo-o, também a poluição atmosférica, pela combustão de carvão ou de mazute dentro das casas. Porém, todos os inquéritos empreendidos fazem realçar que o tabaco, acrescentando-se à poluição, faz com que os fumadores estejam sujeitos a um nível de toxidade muito superior ao dos não-fumadores.

— **A tuberculose e a cirrose do fígado** encontram-se mais espalhadas entre os fumadores do que entre os não-fumadores. Para estas duas doenças o papel do tabaco não é, contudo, flagrante, e a maior parte dos médicos explica este fenómeno pelo facto de muitos dos grandes fumadores serem também grandes consumidores de alcool, cujo papel agravante ou provocador daquelas doenças está perfeitamente estabelecido.

OS NOVOS CIGARROS

Seja como for, a correlação entre o tabaco e aquelas afecções caracterizadas é rigorosamente proporcional ao consumo de cigarros, à maneira de fumar, à qualidade do tabaco, à duração do hábito. Isto não deixou de despertar a atenção dos que se empenham, a diversos títulos, na luta contra o tabagismo. Qual é o elemento culpado? Não se poderá suprimir ou abrandar-lhe os efeitos, sem afectar a economia, nem fazer com que milhões de homens e mulheres deixem de fumar?

A nicotina, que age sobre o sistema nervoso, encontra-se, de há muito, na primeira fila dos acusados. Outras substâncias, conhecidas pela sua acção irritante e o seu efeito particular, os alcatrões, são considerados como «promotoras», «iniciadoras» do cancro. As recomendações feitas aos fumadores no sentido de não engolirem o fumo, de deixarem grandes «beatas», a aparição de filtros (um por cento dos cigarros em 1950, 75 por cento, hoje em dia) foram preconizadas com vista a formar uma barreira entre a nicotina, os alcatrões e o organismo humano. É melhor do que nada, diz-se por toda a parte, mas notòriamente insuficiente. As investigações encaminham-se, hoje no sentido de neutralizar as toxinas do tabaco no organismo, por meio de diversas moléculas químicas. Por isso se estudam os factores bioquímicos (especialmente hormonais) da resistência de certos grandes fumadores, que conseguem escapar às afecções ligadas ao tabaco. Enfim, diversos laboratórios começaram a interessar-se pelo fabrico de cigarros sintéticos, sem nicotina, até mesmo sem tabaco. A SEITA, por seu lado, lançou, em Abril, uma nova marca de cigarros, «Gallia», com muito menos nicotina (34 por cento do teor de um «gauloise caporal» vulgar).

Aquele cigarro é vendido, por enquanto, apenas na Provença e na Côte d'Azur, dada a complexidade do seu fabrico. A extensão da sua difusão a toda a França está prevista para o segundo semestre deste ano.

Tais iniciativas são, bem entendido, de encorajar. Os grandes consumidores torcem já o nariz provando, com isto, a sua dependência da droga — a nicotina. Mas a luta contra o tabaco não deve ficar por aqui. São já muitos os países a admiti-la. A Grã-Bretanha, o Canadá, os Estados Unidos fazem enormes esforços no sentido de informar o público, restringindo a publicidade, exigindo a aposição de avisos nos maços de tabaco e tentando pôr de pé uma política coerente. Em Itália, o Senado aprovou, recentemente, um projecto de lei proibindo que se fume em lugares publicos e nos meios de transporte, sob pena de pesadas multas.

Em França, não nos podemos orgulhar de acções semelhantes. Sejam, porém, quais forem as razões económicas sempre postas em destaque, os relatórios dos peritos são concordes em reconhecer que a luta contra o tabaco empreendida com lealdade compensaria, por diminuição das despesas com a saúde e pela recuperação de vidas produtivas, os lucros perdidos com a diminuição da venda de cigarros.

O problema é, aliás, semelhante no que respeita ao alcool. A sua resolução, sabe-se de há muito, não é apenas de ordem técnica, mas, acima de tudo, política. O tabaco e o alcool não passam de drogas cuja difusão é autorizada, favorecida até pelos poderes públicos. Seria bom que a este respeito se assumisse uma atitude tão rigorosa, pelo menos, como a que se tem a respeito da «marijuana».

Zarzuela em cenário e desportivo

A Companhia Lírica Nacional Espanhola, dirigida por José Tamayo, vai apresentar no Palácio dos Desportos de Barcelona ainda em Abril, a sua «Antologia da Zarzuela».

OS PASSOS

ISABEL DA NÓBREGA

Diz o Eclesiastes que nem o Sol nem a Morte se podem olhar de frente. Já tenho desejado acrescentar ao versículo a palavra Solidão. Depois esqueço-me.

Hoje andei a pensar nisso. E sei exactamente porquê. Sei também em que momento espigou a meditação que tem vindo a enlear-me como fio de liana ou folha de erva tenra que se ouviu crescer.

Andei a pensar nisso e na solidão de segunda ordem que é a única ao alcance da maior parte das pessoas. E de que modo a maior parte das pessoas a usa! Enfia-a como túnica precatória que depois rasga em grande alarido no meio da praça; usa-a num vistoso toucado semelhante aos conhecidos leques de plumas de avestruz; choca-a amorosamente, como a ave mãe à avezinha; espreita-a, afaga-a, dá-lhe brilho, como o avarento às suas joias; há quem se ensaboe com ela, há quem cnafurde nela.

Se fossemos dotados de um exacto sentido das proporções, chamaríamos pelos nomes certos as diversas formas da nossa dificuldade de viver: o quotidiano espanto doloroso que os actos indecifráveis dos outros rasgam em nós, daqueles a quem nos habituámos a dar o absurdo nome de **semelhante;** a subterrânea aflição que nos corrói, o mal-estar no mundo, mundo que chega a parecer de todos e não de nós, a ansiedade que se desata em agonia — às vezes só porque pronunciámos despreocupadas palavras. Longe delas começamos a recear que tenham ido ferir, confundir alguém, confundindo-nos. Cresce o receio até à agonia. («E se pensou que eu disse isto para dar a entender aquilo, ou que o disse num secreto e interessado desígnio?») Mortificamo-nos. E só esquecemos quando outra mortificação se sobrepõe.

Também às vezes porque julgamos decifrar em inofensivos discursos malicia e rancor a nós dirigidos. Ou porque percebemos de súbito que cresceu e duplicou o número dos nossos inimigos. — Falo do pouco, de males menores. Porque entre os míseros seres humanos há privilegiados — os que apenas sofrem de insegurança e desamparo.

Mas quem alguma vez disse que era fácil aguentar, revelou-se néscio. Talvez nunca ninguém o tenha dito. Outros vão logo às do cabo. Solidão para aqui, solidão para ali, sentam-na à mesa, nos joelhos, alisam-lhe o pêlo ou as penas com orgulho e despudor.

Não creio que possa tratar-se por tu a Solidão, a solidão verdadeira.

A outra, sim, dá para ser apregoada, usada como isca ou como senha, como brinco, como dote pessoal. — Com tanta complacencia, a solidão ainda pode ser uma grande companhia.

Sobre todas estas coisas meditava por causa da senhora que me falou nos passos.

A corrente da memória trouxe-me uma reflexão de Pascal que não é dirigida à solidão, antes ao espírito de combate, mas que me serve aqui muito bem: «Nada é tão insuportável ao homem como estar em repouso pleno, sem paixões, sem amor, sem divertimento, sem aplicação. Sente então o seu vácuo, o seu abandono, a sua insuficiencia, a sua dependência, a sua impotencia, o seu vazio. Logo do fundo da alma lhe sobe à tona o tédio, a preversidade, a tristeza, a mágoa, o despeito, o desespero.»

Por isto não me é difícil entender que uma pobre, mesquinha, frustrada criatura, frente ao seu próprio despeito, à sua própria preversidade, ou ao seu surdo desespero, lhe chame solidão. Isso a desculpa aos olhos próprios e alheios, isso lhe desenha um perfil interessante, isso lhe confere o papel ostensivo — e obsessivo — de vítima.

Quanto à Solidão, aquela que còmodamente distingo pela maiúscula, julgo-a da mesma ordem da inocência — a verdadeira inocência não sabe que o é, não se espanta de o ser, não se observa nem se valoriza... No momento em que isto for e fizer, já antes se perdera.

A minha vizinha do andar de baixo tem muita idade e vive sòzinha.

Poucas vezes a vejo, porque nunca sai, não sobe nem desce escadas; porque eu saio e entro sempre em correria, porque o egoismo adia a visita, o bom-dia, aplanta que se encomendou no florista.

Estive um tempo fora. No regresso subia com as malas, e o estrondo sincopado de encontro aos degraus chamou a atenção da senhora que apareceu no patamar. Perante o seu contentamento de me ver tornei a sentir-me envergonhada.

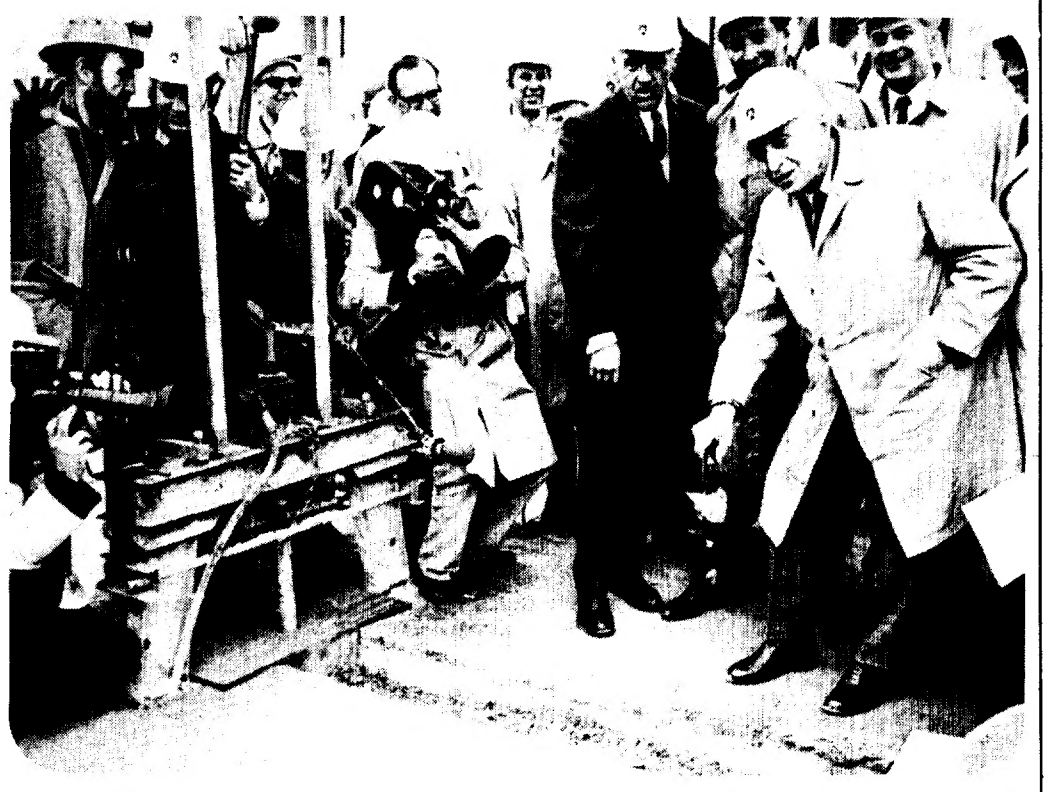
«Sim, a sua vida... Gostava de vê-la mais vezes mas não faz mal. Sabe, bastam-me os seus passos embora cheguem aqui abafados pela alcatifa. Gosto tanto de os ouvir. A verdade é que tinha saudades do som dos seus passos lá em cima.»

Sorrir. Tentar sorrir com a mesma naturalidade com que ela sorria.

Sem lhe permitir perceber que eu tinha o braço à frente dos olhos. Encandeada.

QUADRATIM

A TORRE DE MONTPARNASSE



ÚLTIMA PEDRA: Laurent Legrain-Eiffel (á direita), neto do construtor da famosa torre parisiense, colocou a última pedra na nova torre da cidade, a de Montparnasse, edificada no lugar da antiga estação de caminhos de ferro do bairro e atingindo uma altura de 209 metros, que a torna o segundo mais alto edifício de Paris- depois da torre Eiffel. O hastear de uma bandeira francesa sublinou a importância do acontecimento. A torre de Montparnasse destina-se a escritórios, enquanto Eiffel alberga, por vezes, manifestações de índole mais ou menos política: ontem, um homem de cerca de 30 anos lançou-se do alto dela, sem papéis de identificação, mas com os bolsos cheios de papéis sobre a guerra da Indochina e a conferência de paz de Paris e uma pequena mensagem, dirigida aos grandes do Mundo: «Por favor, acabem com a guerra, suplico-lhes. Não sou louco. Dominique»

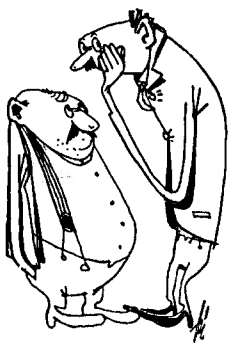
Crónica de DOMINGO

TORQUATO DA LUZ

HÁ CINCO ANOS

Vou pela Rua de S. Bento abaixo, calmamente, não porque tenha tempo (cada vez dá para menos), mas porque estou cansado, a cabeça feita num farrapo, em suma, exausto. Vou devagar, pois. Mais cem metros e meterei a chave à porta; dez minutos depois, estarei dentro dos lençois e, antes que passe meia hora, dormirei como um justo (nem para insónias tenho tempo).

Não vou a pensar em nada senão nisto, juro. Esqueci-me do jornal, da lufa-lufa diária, disto tudo que nos arrasa e vai, pouco a pouco, destruindo. Quase encostado à parede, não dou por quem passa, nem pelos carros que circulam velozes a esta hora tardia. De súbito, porém, uma voz antiga, surgida do fundo dos anos, vem ferir-me os tímpanos:



— Eh, pá, tás bom? Aos anos que não te via! Moras aqui?

Tanta pergunta, de rajada, obrigou-me a voltar. A cara que fiz (tenho o que se chama uma péssima «memória fotográfica») deve ter surpreendido quem se me dirigia, tanto assim que se apressou a perguntar-me:

— **O senhor** não é o ...?

Aí reconheci-o, como se despertasse dum sonho:

— Eh, pá, háquantosanos...

Uns quinze, talvez. Ora vejamos (fizemos contas): anadávamos no terceiro ano, lembras-te? Vamos mas é beber um copo!

E fomos. Mil coisas para contar. Casou, tem dois filhos, um já anda na escola. A certa altura, perguntei:

— Onde é que vives?

— Ali à Praça das Flores, há cinco anos, mais ou menos...

Contei-lhe que, há cinco anos também, vivo ali à Praça das Flores. E rimos muito.

Veja, Compare e Compre a sua

Ford

Transit

IMBATÍVEL EM VERSATILIDADE
EM

J. Mendes Coelho, Lda.

(O CONCESSIONÁRIO FORD MAIS ANTIGO DE LISBOA)

R. Alexandre Herculano, 6-A
R. Gomes Freire, 7-C TELEF. 53 98 01

Euro-Pacific
Joint Service

para:

LOS ANGELES — SAN FRANCISCO
VANCOUVER E SEATTLE

N/M. «BLANKENSTAIN» em 19 do crte.
* N/M. «RHEINLAND» em 27 do crte.

* escala Portland

Os Agentes Gerais:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, Nº 4 TEL. 366056 362266
LISBOA 2 PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE, LDA.

LOTES PARA MORADIAS
NA ZONA DE CASCAIS
ISOLADAS OU GEMINADAS

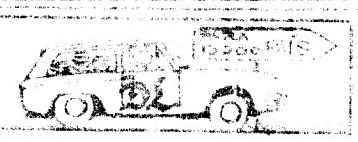
•

Preços a partir de: 100 contos

Proprietário: JOAQUIM BARAONA

Av. Valbom. 28-1.º

Telefs.: 282345 - 280739 — CASCAIS



O TEATRO COMO COMUNIDADE

CLARA ROCHA: uma proposta de juventude

Entrevista por URBANO TAVARES RODRIGUES

Clara Rocha: quem se interessa profundamente pelo teatro não pode deixar de se lembrar dela. Terminou há dez anos o curso do Conservatório, com a mais alta classificação. Estreou-se no «Trindade», em «A Casa dos Vivos», de Graham Greene, num pequeno papel, ao lado de Álvaro Benamor e Lygia Teles. Reapareceu em «Deliciosamente Louca», com Eunice, Henriqueta Maya, João Perry, José de Castro. Foi primeira figura, com Raul Solnado, no filme «O Milionário». Contracenou com José de Castro na televisão em «A Luz Verde». Teve um desempenho pitoresco na comédia «O Impostor Geral», com que o «Villaret» abriu as suas portas ao público.

Depois, afastou-se. Recebeu uma bolsa do governo francês para frequentar, em Estrasburgo, o **Centre Dramatique de l'Est**. Estudou sociologia na Faculdade de Vincennes em 1969. Nesse mesmo ano, integrada no «Teatro Oficina», dirigido por Carlos César, criou em Paris, com vigor e subtileza, a personagem de Matilde, na pezaa de Luís ENTE HÁ Luar», até hoje levada à cena apenas na capital francesa. Recentemente, fez parte do elenco do Teatro Experimental de Cascais, nos espectáculos em Paris.

Mais do que pela sua trajectória dramática — para empregar o chavão consagrado — Clara Rocha interessa-nos pelo que pensa do teatro, como o sente, o vive e o projecta.

Eis o diálogo que travámos:

— Como concebe o teatro, hoje?

— O teatro de hoje, como o de sempre, creio, deverá identificar-se com a sua época. Assim, o teatro dos nossos dias tem de dar o seu contributo para libertar o homem da situação absurda em que valores predominantes individualistas o colocaram. Falo em «situação absurda» porque ela não permite o pleno desenvolvimento das capacidades do homem, pois, ao desintagrá-lo do conjunto de interesses da colectividade, afirma, implìcitamente, a supremacia do indivíduo colocado numa situação social privilegìada (plutocracia) ou a do naturalmente mais dotado (meritocracia, tecnocracia). Consequentemente, a dramaturgia burguesa apenas nos pode oferecer a imagem de seres isolados e, no melhor dos casos, incompatibilizados já com o seu mundo exterior, mas sem força para o alterar, justamente porque agem isoladamente, segundo

Clara Rocha falando ao nosso redactor

os valores propostos pelo sistema. Presentemente, o teatro de vanguarda sente já a necessidade de apelar para a comunicabilidade entre os homens: é nesse sentido que a barreira entre actores e público tende a desaparecer, a fim de que, conjuntamente, sejam preservados os verdadeiros e fundamentais interesses da humanidade.

— Quais os defeitos mais graves das estruturas vigentes?

— Referindo-se às estruturas vigentes, não poderei deixar de falar de estruturas económicas bastante desniveladas, por me perecerem o factor fundamental que justifica que apenas uma certa camada da população tenha acesso à cultura e disponha, portanto, dos meios para fazer e ver teatro. Ora, como esta camada, de um modo geral, se limita a uma cópia exterior do que se faz lá fora, como me parece o elemento menos dinamizador, o mais conservador da nossa sociedade, o teatro, a cultura pla-

nam, tão frequentemente, na inautenticidade ou no conservadorismo a que estamos habituados.

— Como acha que se poderia fazer teatro em Portugal?

— Justamente, proporcionando maior promoção social e elevando o nível cultural de toda a população, o teatro reflectiria, decerto, uma imagem de nós mais evoluida e identificar-se-ia com os interesses de toda a realidade portuguesa, fazendo-a, portanto, progredir.

— Parece-lhe possível a implantação em Portugal de um teatro popular?

— As representações dos autos, a luta dos teatros amadores por sobreviver, até as representações de fantoches que infelizmente se vão tornando raras, são manifestações que me parecem reflectir o gosto teatral do povo pelo espectáculo, por teatro. Seria portanto apenas necessário fomentar esse gosto e essas tradições populares no sentido da autenticidade e dos interesses atrás referidos.

— Interessam-lhe as diligências do **Living Theatre** e de Grotowsky?

— Embora usando processos diversos, o teatro de Grotowsky e do **Living** procuram, julgo, uma nova linguagem teatral capaz de exprimir o homem dos nossos dias. O **Living** tenta abolir a hierarquia nas responsabilidades a assumir; no agrupamento de Grotowsky cabem a este a maior parte das funções directivas. O ingresso de um actor no **Living** não depende de qualquer tipo de selecção; pelo contrário os elementos de que dispõe Grotowsky sofrem rigorosa selecção. O teatro de Grotowsky tem ainda a particularidade de se dirigir a um público restrito, nunca mais de 80 pessoas, creio, e diz-se assim **«élitaire»**. Embora sabendo que esse público de **élite** poderá pertencer a todas as camadas sociais, permito-me pensar que o seu teatro teria maior utilidade quando dirigido a um maior número de pessoas. A organização do agrupamento de Grotowsky funciona, pois, mais dentro do esquema habitual e tendo por base uma disciplina rigorosa, ao contrário do que se passa relativamente ao **Living Theatre**. No entanto, como diz Judith Malina, elemento fundador do grupo, «obtemos aliás resultados bastante semelhantes, pelo nossa falta de método e de disciplina». Talvez por temperamento, mais do que por convicções de qualquer ordem e embora sabendo a comunidade do **Living** demasiado ambiciosa para a época, as minhas simpatias dirigem-se mais para as diligências do **Living**, que é presentemente, segundo declarações de alguns dos seus elementos, o agrupamento humano mais evoluído do mundo.

LOLLO E DE SICA BRINCAM DE PINÓQUIO

A película «Pinóquio», de Luigi Comencini, que vai ser apresentada em cinco episódios na televisão italiana, será também distribuída aos cinemas. Andrés Balestri, Nino Manfredi, Gina Lollobrigida, Lionel Stander, Franco Franchi, Ciccio Ingrassia, Mario Adorf e Vittorio de Sica são os principais intérpretes.

PISCINA DO TAMARIZ

REABRE AO PÚBLICO

Veja, Compare e Compre a sua

Ford

Transit

IMBATÍVEL EM VERSATILIDADE
EM

J. Mendes Coelho, Lda.

(O CONCESSIONÁRIO FORD MAIS ANTIGO DE LISBOA)

R. Alexandre Herculano, 6-A
R. Gomes Freire, 7-C TELEF. 53 98 01

Euro-Pacific
Joint Service

para:

LOS ANGELES—SAN FRANCISCO
VANCOUVER E SEATTLE

N/M. «BLANKENSTAIN» em 19 do crte.
* N/M. «RHEINLAND» em 27 do crte.

* escala Portland

Os Agentes Gerais:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, Nº 4 TEL. 386056 362266
LISBOA 2 PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE, LDA.

LOTES PARA MORADIAS
NA ZONA DE CASCAIS
ISOLADAS OU GEMINADAS

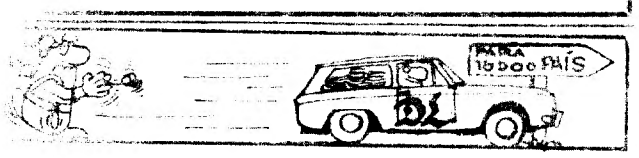
•

Preços a partir de: 100 contos

Proprietário: JOAQUIM BARAONA

Av. Valbom, 28-1.º

Telefs.: 282345 - 280749 — CASCAIS



O TEATRO COMO COMUNIDADE

CLARA ROCHA: uma proposta de juventude

Entrevista por URBANO TAVARES RODRIGUES

Clara Rocha: quem se interessa profundamente pelo teatro não pode deixar de se lembrar dela. Terminou há dez anos o curso do Conservatório, com a mais alta classificação. Estreou-se no «Trindade», em «A Casa dos Vivos», de Graham Greene, num pequeno papel, ao lado de Álvaro Benamor e Lygia Teles. Reapareceu em «Deliciosamente Louca», com Eunice, Henriqueta Maya, João Perry, José de Castro. Foi primeira figura, com Raul Solnado, no filme «O Milionário». Contracenou com José de Castro na televisão em «A Luz Verde». Teve um desempenho pitoresco na comédia «O Impostor Geral», com que o «Villaret» abriu as suas portas ao público.

Depois, afastou-se. Recebeu uma bolsa do governo francês para frequentar, em Estrasburgo, o **Centre Dramatique de l'Est**. Estudou sociologia na Faculdade de Vincennes em 1969. Nesse mesmo ano, integrada no «Teatro Oficina», dirigido por Carlos César, criou em Paris, com vigor e subtileza, a personagem de Matilde, na pezaa de Luís ENTE HÁ Luar», até hoje levada à cena apenas na capital francesa. Recentemente, fez parte do elenco do Teatro Experimental de Cascais, nos espectáculos em Paris.

Mais do que pela sua trajectória dramática — para empregar o chavão consagrado — Clara Rocha interessa-nos pelo que pensa do teatro, como o sente, o vive e o projecta.

Eis o diálogo que travámos:

— Como concebe o teatro, hoje?

— O teatro de hoje, como o de sempre, creio, deverá identificar-se com a sua época. Assim, o teatro dos nossos dias tem de dar o seu contributo para libertar o homem da situação absurda em que valores predominantes individualistas o colocaram. Falo em «situação absurda» porque ela não permite o pleno desenvolvimento das capacidades do homem, pois, ao desintagrá-lo do conjunto de interesses da colectividade, afirma, implìcitamente, a supremacia do indivíduo colocado numa situação social privilegiada (plutocracia) ou a do naturalmente mais dotado (meritocracia, tecnocracia). Consequentemente, a dramaturgia burguesa apenas nos pode oferecer a imagem de seres isolados e, no melhor dos casos, incompatibilizados já com o seu mundo exterior, mas sem força para o alterar, justamente porque agem isoladamente, segundo

Clara Rocha falando ao nosso redactor

os valores propostos pelo sistema. Presentemente, o teatro de vanguarda sente já a necessidade de apelar para a comunicabilidade entre os homens: é nesse sentido que a barreira entre actores e público tende a desaparecer, a fim de que, conjuntamente, sejam preservados os verdadeiros e fundamentais interesses da humanidade.

— Quais os defeitos mais graves das estruturas vigentes?

— Referindo-se às estruturas vigentes, não poderei deixar de falar de estruturas económicas bastante desniveladas, por me perecerem o factor fundamental que justifica que apenas uma certa camada da população tenha acesso à cultura e disponha, portanto, dos meios para fazer e ver teatro. Ora, como esta camada, de um modo geral, se limita a uma cópia exterior do que se faz lá fora, como me parece o elemento menos dinamizador, o mais conservador da nossa sociedade, o teatro, a cultura pla-

nam, tão frequentemente, na inautenticidade ou no conservadorismo a que estamos habituados.

— Como acha que se poderia fazer teatro em Portugal?

— Justamente, proporcionando maior promoção social e elevando o nível cultural de toda a população, o teatro reflectiria, decerto, uma imagem de nós mais evoluida e identificar-se-ia com os interesses de toda a realidade portuguesa, fazendo-a, portanto, progredir.

— Parece-lhe possível a implantação em Portugal de um teatro popular?

— As representações dos autos, a luta dos teatros amadores por sobreviver, até as representações de fantoches que infelizmente se vão tornando raras, são manifestações que me parecem reflectir o gosto teatral do povo pelo espectáculo, por teatro. Seria portanto apenas necessário fomentar esse gosto e essas tradições populares no sentido da autenticidade e dos interesses atrás referidos.

— Interessam-lhe as diligências do **Living Theatre** e de Grotowsky?

— Embora usando processos diversos, o teatro de Grotowsky e do **Living** procuram, julgo, uma nova linguagem teatral capaz de exprimir o homem dos nossos dias. O **Living** tenta abolir a hierarquia nas responsabilidades a assumir; no agrupamento de Grotowsky cabem a este a maior parte das funções directivas. O ingresso de um actor no **Living** não depende de qualquer tipo de selecção; pelo contrário os elementos de que dispõe Grotowsky sofrem rigorosa selecção. O teatro de Grotowsky tem ainda a particularidade de se dirigir a um público restrito, nunca mais de 80 pessoas, creio, e diz-se assim **«élitaire»**. Embora sabendo que esse público de **élite** poderá pertencer a todas as camadas sociais, permito-me pensar que o seu teatro teria maior utilidade quando dirigido a um maior número de pessoas. A organização do agrupamento de Grotowsky funciona, pois, mais dentro do esquema habitual e tendo por base uma disciplina rigorosa, ao contrário do que se passa relativamente ao **Living Theatre**. No entanto, como diz Judith Malina, elemento fundador do grupo, «obtemos aliás resultados bastante semelhantes, pelo nossa falta de método e de disciplina». Talvez por temperamento, mais do que por convicções de qualquer ordem e embora sabendo a comunidade do **Living** demasiado ambiciosa para a época, as minhas simpatias dirigem-se mais para as diligências do **Living**, que é presentemente, segundo declarações de alguns dos seus elementos, o agrupamento humano mais evoluído do mundo.

LOLLO E DE SICA BRINCAM DE PINÓQUIO

A película «Pinóquio», de Luigi Comencini, que vai ser apresentada em cinco episódios na televisão italiana, será também distribuída aos cinemas. Andrés Balestri, Nino Manfredi, Gina Lollobrigida, Lionel Stander, Franco Franchi, Ciccio Ingrassia, Mario Adorf e Vittorio de Sica são os principais intérpretes.

PISCINA DO TAMARIZ

REABRIU AO PÚBLICO

Tratamento de água sob a direcção técnica do eng.º químico B. de Mesquita

Informações no TAMARIZ — Telef. 261665

RUBINSTEIN

o último romântico

Rubinstein prolonga a época romântica

crítica de música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Há dias, para receber Rubinstein __ e para o receber em apoteose __ o Coliseu encheu-se de flores, decerto por simpática iniciativa da Marquesa de Cadaval, Presidente da Sociedade de Concertos de Lisboa e Presidente de Honra da Juventude Musical Portuguesa, a quem o célebre pianista ofereceu o concerto. Isso criou um ambiente de festa preparada, que adivinhávamos com os seus ritos peculiares, o cerimonial da praxe, os protestos de boa educação, como convém. Ao primeiro relance, as seis mil pessoas que enchiam completamente a vasta sala pareciam dispostas a colaborar. Por ser mais «escolhida» a composição social do público mobilizado pelas duas associações de concertos? Apenas por influência da inesperada decoração da sala? Ou porque, duma maneira ou de outra, se suscitou no público o não estado de espírito de ir ouvir boa música, nas condições óptimas em que um mestre da interpretação pianística pode fornece-la, mas o de ir assistir à exibição duma vedeta, para mais em festa de despedida __ ou de consagração e despedida (em Portugal)?

Em todo o caso, o Coliseu foi fértil em aplausos e aplausos. Uns aplaudiram Rubinstein porque a sua função, ali, era aplaudir tudo e todos: foram os que menos se fizeram ouvir, valha a verdade. Outros aplaudiram-no porque sabiam **a priori** quem estavam a aplaudir: era o grosso do público, como ficou demonstrado pelo invulgar calor da recepção que dispensou ao pianista quando este surgiu no palco pela primeira vez. Mas, quantos se terão sentido realmente impelidos __ como nas grandes noites musicais do Coliseu __ a premiar o artista com a exuberância dum entusiasmo sincero?

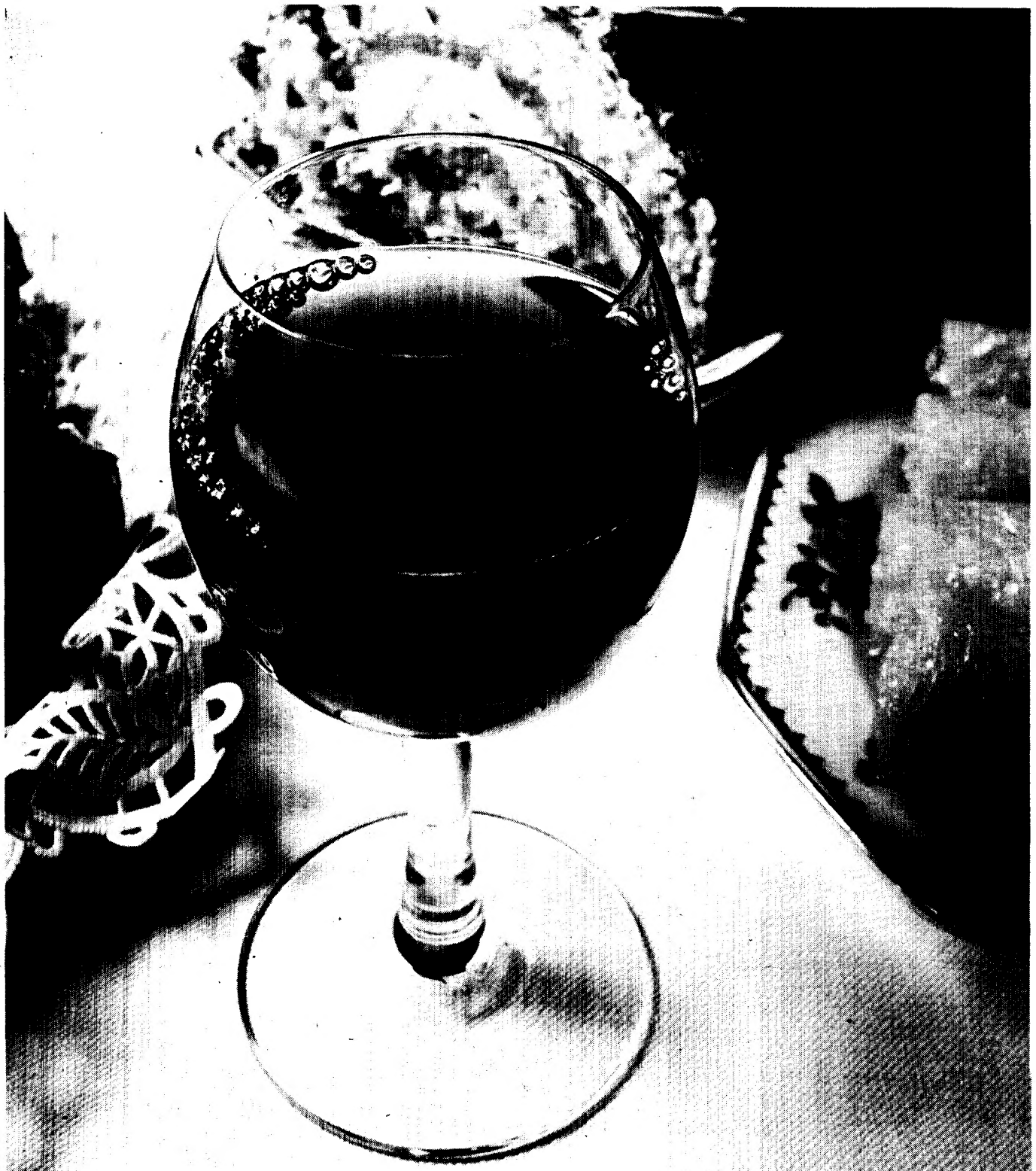
E no entanto, depois dos improvisos de Schubert __ um dos quais Rubinstein suprimiu do programa (talvez por se ter apercebido de que já era suficiente o tempo psicológico de «aquecimento» do público e dele próprio, como intérprete) __, quando atacou os primeiros compassos do **Allegro maestoso** da Sonata em fá menor (n.º 5) de Brahms, toda a gente com um mínimo de receptividade musical deve ter tido a noção do que é restituir à vida um compositor do século passado, e restituí-lo de corpo inteiro. Entretanto, no **Allegro energico,** a surpresa maior foi a do extraordinário vigôr e frescura que um octogenário era capaz de imprimir à interpretação. Na verdade, Rubinstrein não vive apenas do nome, é um pianista com todas as suas faculdades ainda bem despertas: primeira verificação a provocar no auditório a substituição do entusiasmo encomendado pelo entusiasmo sentido.

Depois, com Chopin e Liszt, o ponto culminante da «pedra filosofal» da interpretação pianística. A notação musical, isto é, as pautas e as notas nelas inscritas, passa a ser exterior às próprias obras, à essência mesma da música. Da leitura (ainda que muito bem assimilada...) duma obra, Rubinstein transita para a investigação da vontade íntima do compositor, do seu **querer** profundo, que transcende o âmbito limitado de um código de sinais. Com ele, a música escrita transforma-se numa pálida imagem da música viva; como se esta saisse directamente do cérebro do compositor para as mãos do executante. Em suma: a perfeita síntese entre a mentalidade romântica do intérprete e o conteúdo romântico da música interpretada.

Efectivamente, ver e ouvir Rubinstein é ter perante nós o paradigma do grande artista romântico. Pelo que toca, pelo que considera tocável, pela forma como toca, já o dissemos algures, Rubinstein pertence ao século passado. Mas, como se assume coerentemente no tempo dele e se identifica com a própria música que interpreta (ela constitui já parte integrante de si mesmo), tudo o que faz resulta sincero e convincente. Nem sequer é uma reconstituição histórica: é a permanência ou o prolongamento, na actualidade, da época romântica. Também, por isso mesmo, é um caso único, estèticamente legitimado pela idade, que, em certa medida, não pode fazer escola nas modernas gerações de pianistas.

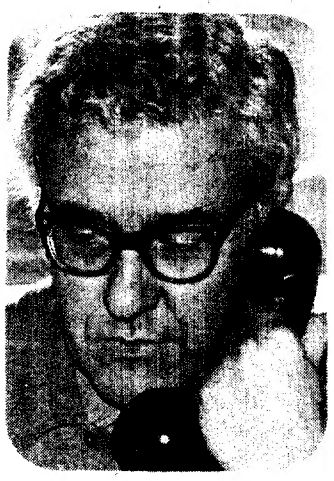
No fim do concerto, talvez já nada houvesse de fabricado nas intermináveis ovações em que o público o envolveu. Respondeu com três extraprogramas; destes, houve duas incursões fulgurantes no século XX (um trecho do brasileiro Vila-Lobos e outro do espanhol Manuel de Falla) que deviam querer significar um gesto de simpatia para com o público português (por «aproximação», evidentemente). Assim terminou o memorável «show» do (agora já podemos admitir que assistimos à exibição duma vedeta...) último representante do pianismo romântico.

Casa da Comédia
Rua S. Francisco Borja, 22
(Janelas Verdes)
Todos os dias às 22 h. Sáb. e domingos, 16 h.
Play Strindberg
(Dança da Morte em 12 Assaltos de Friedrich Dürrenmatt
C/ Carmen Dolores — Augusto de Figueiredo e Álvaro Benamor
Direcção de Jorge Listopad
Subsd. Gulbenkian e F. Teatro
Tel. 677299-18-A-Grupo-D



Esta é das primeiras ideias
para beber Vinho do Porto acompanhado
É ainda das melhores.
Vinho do Porto à sobremesa. Com doces.
Ideia que agradou e ficou.
Vinho do Porto. O que é puro corre leve.
Tawny ou Ruby. Até sempre.
Porto
é bom companheiro

JORNAL DOS ESPECTÁCULOS



ARMINDO BLANCO

ANABELA OU EU SOU CONTRA BEBÉ PALMER

«Viva a Pandilha». No segundo dia de representações, meia casa e três horas e tal de espectáculo. Verdadeira maratona. No palco, os actores fazem prodígios para salvar um texto irremediàvelmente ruim. No intervalo, saio para tomar um cafèzinho e encontro no bar o César de Oliveira. O meu primeiro impulso é de passar-lhe uma descompostura: desertando do ABC com os seus parceiros Rogério Bracinha e Paulo da Fonseca, deixou o campo livre para os Avilas, Damas e Coelhos, que evidentemente só poderiam fazer o que fizeram, vale dizer, um texto de mediocridade bolorenta e reaccionária.

Mas aparece a minha amiga Io Apolloni, mais bonita ainda sem maquilhagem, e imediatamente fico em boa paz com o mundo.

— Que tal? — pergunta-me César, referindo-se à revista.

— A Aida e a Anabela estão a fazer milagres. Mas a tonica é de um insuportável mau gosto.

César explica-me os motivos que o levaram e à sua parceria a sair do ABC. Não estou autorizado a divulgá-los; mais dia menos dia, César conta tudo para ser publicado. Para já, lamento que ele esteja a enfrentar dificuldades de toda a ordem com a sua revista para o Monumental. Acho o elenco deveras singular: Florbela, José de Castro, Irene Isidro, possìvelmente João Perry. O palhaço Quinito desistiu: considerou esta tarefa superior às suas forças. No mais, muita gente nova, que pode dar certo ou afundar-se. E uma atracção nacional cujo nome continua a ser mantido em sigilo falando-se, entretanto, em Paco Bandeira.

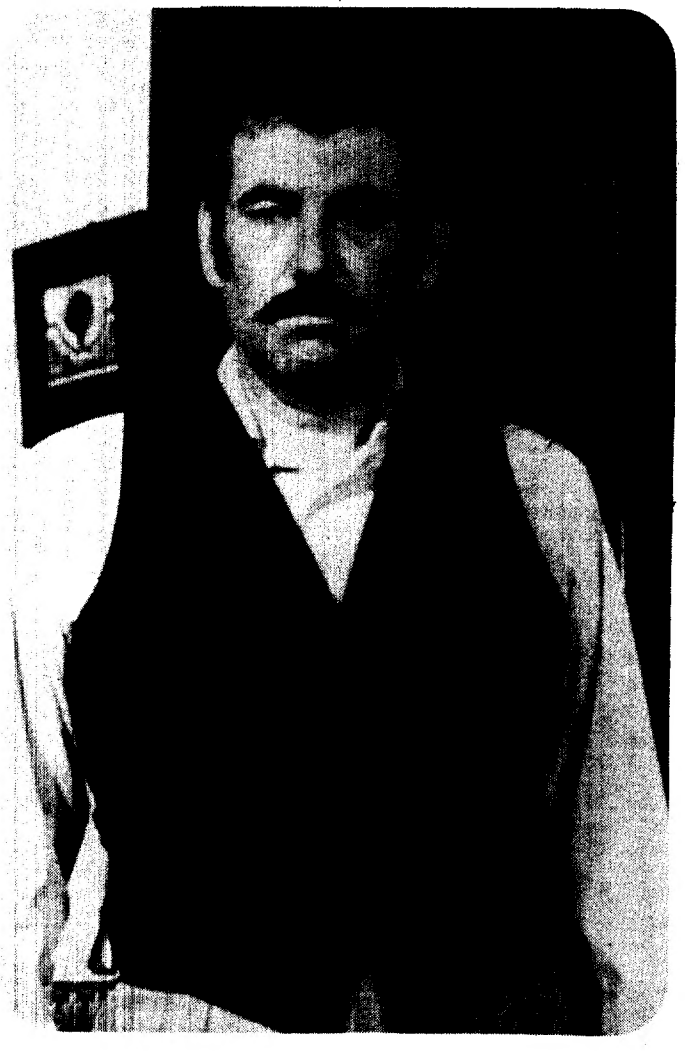
Não é uma pena? Três excelentes autores César, Bracinha, e Fonseca, os mesmos de «Saídas da Casca», o único espectáculo ligeiro significativo que à época nos deu, forçados a buscar no teatro declamado valores que, afinal, o género ainda possui, ainda que dispersos ou criminosamente desaproveitados. Não falei com César sobre Anabela, porque o intervalo veio interromper a conversa, mas, na realidade, gostaria de perguntar-lhe qual o motivo por que, em Portugal, vocações tão extraordinárias têm de marcar passo, esperar uma oportunidade que talvez não chegue nunca. Em qualquer parte do mundo, Anabela já seria uma estrela: é bonita e comunicativa, canta, dança, tem um invulgar senso caricatural, arranca pedras desse areal vazio que é o texto da «Pandilha». Como? O que é que lhe falta? Nada, evidentemente. Tudo indica que o problema é de autores e por isso gostaria que César, tão receptivo à crítica, explicasse tais fenómenos, motivo de tantas frustrações, neuroses e desistências conhecidas.

Para o Monumental, por exemplo, falava-se em Margarida Mauperrin, outro caso notório de talento por explorar, mas de repente apareceu Florbela, que deveria estar a esta altura ensaiando «Olvida los Tambores», e deixou-se para lá a sensacional «Dorina» que Céu Guerra substituíu no «Tartufo». No Maria Vitória joga-se com uma atracção estrangeira, Bebé Palmer, que de corpo inteiro não vale o dedo mindinho de Anabela. Há, isto é cristalino, um receio generalizado de lançar gente nova. A gerontocracia continua a dominar os palcos lisboetas, por incompetência empresarial (Humberto Cunha prega abertamente a regressão aos velhos moldes da revista) e ausência de imaginação e criatividade. Creio, também, que certos autores preferem trabalhar com actores experimentados. Aida Baptista e Leónia Mendes, no ABC, valorizam textos que um novato não saberia defender, como é o caso de Maria Francisca no Maria Vitória, que vai para o brejo com a incrível ceifeira que lhe deram para fazer.

César: você precisa aparecer para discutir estas coisas. Sei que há problemas nacionais mais graves, não preciso que os moralistas de piquete permanente me lembrem isso. Mas, às vezes, os mistérios menores provocam-nos uma curiosidade danada. Afinal, há pessoas que pagam 80 escudos por um ingresso e não é justo deixá-las ao alcance de uma Bebé Palmer de arribação, enquanto a maravilhosa Anabela estraçalha as cordas vocais na pedreira do ABC.

Anabela, queremos Anabela

DE STRAUB A LOPES



João Guedes: um grande actor

Fernando Lopes cita Straub: «É preciso que o filme destrua a cada minuto, a cada segundo, o que dizia no fotograma anterior, porque estamos sufocados de lugares-comuns, porque é importante ajudar as pessoas a destruí-los». Já está em exibição «Uma Abelha na Chuva», do mesmo director que em «Belarmino» tentara a abordagem do Cinema/Verdade. Três anos de elaboração, dificuldades financeiras, uma longa aventura do espírito: um cineasta «lê» um romance para nós, recria-o em imagens e o resultado parece por vezes gelado, ainda que sempre inteligente. Antes da estreia já o filme fora promovido à condição de obra-prima. Importante seria que, para além do entusiasmo meramente tribal, o público em geral o fosse avaliar, estabelecendo aquela corrente de interesse sem a qual o nosso cinema não irá além das aventuras ocasionais.

BADALO

O jornalista Fernando Ávila, furioso com a crítica de Carlos Porto à revista «Viva a Pandilha», de que é um dos autores, proibiu a entrada de um repórter do «DL» nos bastidores do ABC. O jornalista Fernando Ávila, que já era o pior autor teatral do ano, passou a merecer também o título de «o mais prepotente». Veja esse fígado, Ávila, veja esse fígado.

Leio que Natalina José se prepara para uma temporada no Brasil. Natalina está excelente em «Viva a Pandilha»: é uma das que transforma o nada em alguma coisa. Mas não vai, claro, ficar sentada à espera que o tempo passe e que os empresários descubram autores.

E no mais, tem aquela história do escritor Alexandre Babo dizendo que, «em alguns casos», a censura se justifica. Pois.

O desejo de partir

Título: O DESPERTAR DE UMA ADOLESCENTE (Taking Off); Realização: Milos Forman, 1971 (EUA); Intérpretes: Lynn Carlin, Buck Henry, Linnea Heacock, Georgia Engel, Tony Harvey, Audra Lindley, etc; Distribuição: Filmes Lusomundo; Estreia: cinema Estúdio Apolo 70 (6-4-1972).

CRITICA DE
FILMES
RAUL CALADO

Milos Forman (é claro que todos recordamos «Os Amores de uma Loura») é um homem de talento — um talento como nós gostamos: simples, irónico, gozador. A última coisa que fez na Checoslováquia foi «O Baile dos Bombeiros» — que é um filme absolutamente delicioso; a primeira que realizou nos Estados Unidos estreou-se agora entre nós e no Apolo-70: «Taking Off» (aqui «O Despertar de uma Adolescente»).

Uma primeira importante anotação: Forman mantém o talento e o fino humor cáustico que o celebrizaram. Uma segunda: ele não conhece os americanos senão superficialmente e evidencia-o bem. Essa parece ser a grande diferença em relação aos filmes anteriores: Forman cai com frequência no lugar-comum, incapaz de escalpelizar (por desconhecimento?) os grupos sociais que observa.

Por tudo isso, e talvez por várias outras razões, «Taking Off» não é aquele festival de ironia e gozo que o tema permitiria esperar. O que é então?

Em primeiro lugar um filme quase totalmente realizado em montagem paralela: ou seja, assistimos não a uma, mas a duas histórias, contadas em entremado. Essas duas histórias correspondem a duas importantes camadas da sociedade americana: os burgueses médios (ou seja, um agregado constituído pelo «chefe-de-família-homem-de-negócios», pela «dona-de-casa-mãe» e, em teoria, pelos filhos); e ajuventude (aqui encarada apenas como, exactamente, «o-filho-de-família-atrás-citada»).

Constata-se que burguêsmente, mediocremente, estùpidamente (ou qualquer outro mente que se queira aplicar), tudo funciona na aparência até aos 15-16 anos das criancinhas. E aí aparece uma espécie de epidemia: o «taking Off». Ou seja, surge o irresistível desejo de «partir», de «largar», de «levantar voo».

O «taking off», generalizado acarreta duas consequências divergentes: a formação do grupo dos pais abandonados e a verificação pelos filhos de que não basta sair de casa para alterar o «stato quo». Para procurar explicar o fenómeno juvenil, os pais procuram experimentar os mitos das criancinhas (e parecem gostar, o que nos pode levar a imaginar que, dentro de uns anos, a América será constituída por uma multidão de famílias em estado de permanente «taking off»). Entretanto as ditas criancinhas escolhem a originalidade de fazer **todas** exactamente **o mesmo**. É a imagem da brutificação maciça.

Filme sobre dois universos de mentalidade infantil, sobre grupos em que a idade mental dos 15 anos nunca será ultrapassada, sobre pessoas que nunca chegam na verdade ao seu estado adulto, «Os amores de uma adolescente» é interessante, desencantado, algumas vezes aborrecido. Bastante inferior, de um ponto de vista humano, aos trabalhos anteriores de Forman.

Duas sequências notáveis: o concurso de canções (e a montagem «verso a verso», curiosíssima) e a explicação do «técnico» sobre «o que é um cigarro de marijuana».

Humor cruel, burlesco sublime, ao lado de lugares comuns e banalidades chatas.

Quanto ao documentário espanhol «Galgos», vale a pena beber a bica porque o café entre nós continua por um preço razoável e é, com frequência, de excelente qualidade.

Milos Forman dirigindo Buck Henry em «Taking Off»

A orquestra Gulbenkian triunfa em Espanha

No Teatro Lopez de Ayala, cheio de público, na cidade espanhola de Badajoz, deu um concerto extraordinário a Orquestra de Câmara Gulbenkian, dirigida pelo maestro Wernes Andreas Albert.

Na primeira parte do programa a Orquestra Gulbenkian interpretou o «Concerto de Brandeburgo», de João Sebastião Bach e a «Sinfonia número 94 em Sol Maior» de Haydn. Na segunda parte foi ouvida a «Sinfonietta» de Joly Braga Santos e a «Sinfonia Clássica opus 24» de Prokofiev. O público apreciou a qualidade excepcional desta orquestra, assim como - escreve a agência espanhola Efe - a brilhante direcção do maestro Andreas Albert, premiando orquestra e regente com prolongados aplausos. A agência espanhola dedica um vasto telegrama à actuação da orquestra da Fundação Gulbenkian, nos termos mais elogiosos, fazendo ainda referências no mesmo tom ao maestro Andreas Albert e ao próprio Gulbenkian, «grande filantropo nascido em Sutkari em 29 de Março de 1869 e falecido em Lisboa em 1955».

O JARDIM ONDE VIVEMOS
realização de VITTORIO DE SICA
ÓSCAR MELHOR FILME ESTRANGEIRO
*
URSO DE OURO FESTIVAL DE BERLIM
MAIORES DE 18 ANOS
BREVEMENTE

Todos querem CATLOW vivo ou morto
Grupo C - 14 anos MGM METROCOLOR • PANAVISION®

NOVO CASINO ESTORIL
SLOT MACHINES ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS
SALA DE JOGOS TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS
JEAN PAUL CARA
VEDETA DA CANÇÃO FRANCESA
EVA ET TANYA TOVARICH
DO "OLYMPIA" DE PARIS
AMÉRICO LIMA
COM RAUL SILVA NOBRE COSTA
HIGH SOCIETY BALLET
"NUEVOS AMIGOS" "OS MOZAMBEAT'S"
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA
PATT SO NO WONDER BAR
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR A 1,0 H. Maiores de 21 anos

50% DE DESCONTO PARA ESTUDANTES
(Subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian)
VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa
HOJE 2 SESSÕES às 21 horas às 23 horas 4.º MÊS
DOMINGO, às 16 h. e às 21.45 h.
O Tartufo
RAUL SOLNADO e a sua Companhia com FERNANDO CURADO RIBEIRO, FERNANDA MONTEMOR, MÁRIO PEREIRA, MANUELA MARIA, JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM, HENRIQUE VIANA, NORBERTO DE SOUSA, BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA e MARIA DO CÉU GUERRA no papel de "Dorina"
DIVERTIDÍSSIMO !!! M/18 anos

TEATRO • tel 326037 VARIEDADES
VASCO MORGADO APRESENTA à noite: 21.45 h.
DE RAY COONEY E JOHN CHAPMAN
GRUPO D (Maiores de 18 anos)
8.º MÊS
Empresta-me o Teu Apartamento
Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO
6.as FEIRAS e SÁBADOS 2 SESSÕES — 20.45 e 23 h.
DOMINGO: à tarde, às 16 h.

TEATRO LAURA ALVES TEL 326776
VASCO MORGADO APRESENTA à noite, 21.45 h.
Domingo à tarde, 16 h.
UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA DE EDWARD ALBEE
GRUPO D (Maiores de 18 anos)
6.º MÊS
Quem tem medo de Virgínia Woolf?
Com JACINTO RAMOS, GLÓRIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUÍS MATA
Encenação de JOÃO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro
50 % de desconto aos estudantes benefício da Fundação Gulbenkian
ÚLTIMOS DIAS

TEATRO CAPITÓLIO TEL 326525
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO apresentam em 2 sessões, às 20.45 e 23 h.
A ORIGINALÍSSIMA REVISTA POPULAR
ORA BOLAS P'RO' PAGODE!
com JOSÉ VIANA — LÍGIA TELES, BARROSO LOPES — DORA LEAL
A atracção nacional CIDÁLIA MOREIRA
CARLOS MIGUEL — MARIANO FRANCO — DINA MARIA — EDUARDO VILAVERDE e pela primeira vez no «compère» CARLOS GONÇALVES
GRUPO D — M/ 18 ANOS
AOS DOMINGOS À TARDE Às 16 HORAS
3.as Feiras, descanso da companhia

TUDELLA VOLTA PARA esmagar ou ser esmagado

Texto de FERNANDO GUERRA

«Regresso com uma intenção: esmagar ou esmagar-me!»

João Maria Tudela não poderia ter começado melhor. Afastado há algum tempo das lides cançoneteiras, volta para «esmagar».

«De outra forma não teria necessidade de voltar. Sinto, de facto, necessidade de cantar, mas reaparecer em disco é um caso muito sério. É por isso que eu digo: só vale a pena voltar para esmagar ou para me esmagar, ou seja, ou para alcançar a mesma posição que já tive junto do grande público ou, então, o contrário: não conseguir nada disso».

Tudella de novo em disco. Uma nova etiqueta o vai lançar. Com que reportório?

«Posso dizer que não vai ser composto por coisas de carácter popular, no sentido de «popularucho», mas espero fazer uma coisa de qualidade capaz de ser, ao mesmo tempo, popular. Conto com a minha experiência de mercado e com a outra, a experiência artística. Tenho a obrigação de saber o que pode ser aceite pela maioria do público sem condescender com a falta de qualidade».

KANIMAMBO

Outra das ideias do cançonetista: regravar vários títulos já antigos que foram êxito no início da sua carreira.

«Resolvi, por razões de vária ordem, regravar vários sucessos de há 12-13 anos. Desde «Moçambique» a «Kanimambo», «Hambanine», «Lourenço Marques», etc. Estas canções, com as quais alcancei um êxito notável, foram gravadas quando dos meus primeiros passos artísticos, puramente amadores. Gravei na África do Sul e, nessa altura, havia que dar às canções uma toada «dançavel», porque o mercado sul-africano assim o exigia. Regravar todas essas canções é ter a oportunidade de fazer o trabalho que não consegui realizar na altura. Não sei se o êxito se repetirá, mas o que está em causa é um bom trabalho e não um sucesso comercial».

O COMEÇO E O RESTO

Tudo começou assim:

«Eu trabalhava numa grande empresa internacional onde teria um futuro muitíssimo bom. Quando gravei «Kanimambo», em 1959, o êxito, em Portugal e no estrangeiro, foi tão grande que, seduzido por isso e aproveitando as férias dessa empresa, estive no Brasil onde cumpri muitos contratos e, depois, vim à Metrópole. E os contratos sucediam-se. De tal modo assim foi que, quando do meu regresso a Moçambique, decidi abraçar a vida artística».

«Entendo que o artista em Portugal pode sobreviver perfeitamente»

Tudo isto se passou antes de Maio de 1962. Depois foi uma caminhada fácil a princípio, talvez não tão fácil mais tarde. De qualquer modo Tudella acha que se pode viver perfeitamente da «vida artistica».

«Entendo que, em Portugal, o artista pode sobreviver perfeitamente. Não digo que tenha trabalho permanente, mas consegue viver com uma certa segurança. Lisboa é o grande centro da vida artistica. Já o Porto, a segunda cidade do país, nem sequer tem Teatro a funcionar, a não ser o que sobra da capital. Só que tem de considerar-se todos os contratos para romarias, festas de carácter muito popular, que existem por esse país fora, desde os fins da Primavera até quase ao fim do Outono. Não se ganha muito por actuação, mas suponhamos que se cobra uma média de cinco contos. Num período de grande popularidade e à média de um espectáculo por dia, atingir-se-ia a soma de cento e cinquenta contos por mês. Admitamos que não se consegue isso. Baixemos para cem contos. Evidentemente que o artista tem depois o resto do ano em que ganha um pouco aqui e ali. Pode, se for muito popular, ganhar uma média de trinta contos por mês. Não que isto seja muito, comparado com o que se ganha lá fora, em Inglaterra, por exemplo. Mas temos que contar que o que o artista ganha é, apenas, uma «fatia» de um «bolo nacional». Ele é remunerado proporcionalmente àquilo que se ganha noutros empregos, ou seja: se o artista ganha pouco, o funcionário público também, e por aí fora».

A CRITICA

Falámos, em seguida, do papel da critica. Toda a gente conhece João Maria Tudella. Toda a gente se lembra das suas canções. Pois é ele que diz que Mário Castrim...

«...é um dos grandes responsáveis pela melhoria da canção portuguesa, porque a sua critica tem tanta força junto do público e de determinados sectores que houve a necessidade de se procurar, com verdade ou sem ela, a critica favorável de Mário Castrim».

Mas Tudella não se fica por aqui.

«Havia artistas que já tinham qualidade, como o José Afonso, o Adriano Correia de Oliveira e pouco mais. Mas chegou-se a uma altura em que se pôs tão urgentemente o problema da qualidade das letras que se cantavam que se atingiu um extremo que gerou uma grande confusão da qual ainda não saímos. A música continua a ser fundamental, pois que de música se trata, o que não quer dizer que essa música não possa ter uma letra ou um poema com mais conteúdo. Não estou a falar em contestação, que foi donde se partiu, e também não é isso que pretende quem canta para chegar ao grande público. Cantar, dizer um poema que possa ser uma critica à sociedade, pode ser uma critica às várias coisas que nos acontecem diáriamente, mas é bom não esquecer que as «revoluções» não se fazem com canções».

Saber usar a inteligência

Tudella ainda nos disse que o comportamento em palco da grande maioria dos artistas «novos» se quedava uns degraus abaixo daquele que era apanágio dos da «velha guarda», como Simone, Madalena e Calvário.

Só cantar não chega. É também necessária toda uma «mise en scéne».

PROMOÇÃO

Eis uma coisa que João Maria Tudella conhece bem: promoção.

«Por exemplo: Portugal, dado o nível de vida, maior indice de mortalidade, menor alfabetização, etc, deveria, pelos meus cálculos, situar-se no décimo-oitavo posto no Festival da Eurovisão. Daí que eu ache muito bom ter-se partido da última posição, «a piori», para a sétima que obtivémos: isto é importantíssimo uma vitória notável! Tudo o que nos der nome, em qualquer ramo em que haja competição europeia, tudo quanto se conquiste, para além da posição que efectivamente temos no concerto europeu, pois acho que é sempre uma vitória. Como no caso do 3.º lugar nas «misses» em Londres, no ano passado, como aquilo que o Benfica faz no panorama futebolístico. Fale-se nem que seja do berlinde. O que é que preciso é que, quando estamos metidos na Europa, se fale de nós e se fale bem. Eu tenho umas ideias muito minhas, e nunca me arrependo de ser um pouco atrevido nas minhas afirmações. Não esquecendo o espantoso sétimo lugar que «arrancámos» este ano em Edimburgo, acho que se a RTP me confiasse toda a estrutura para uma representação portuguesa no festival de Eurovisão, eu posso garantir que, a partir desse momento, nós íamos para ganhar. Há aqui duas coisas fundamentais: uma é o festival da canção portuguesa, em que se elege a melhor canção para consumo «caseiro». Outra coisa é uma canção para a Europa, que não tem nada a ver com a primeira. Deveria ser feita em «laboratório», onde que se procurasse os condimentos necessários que pudessem, efectivamente, conquistar a maioria da Europa. Não é tão difícil como parece.

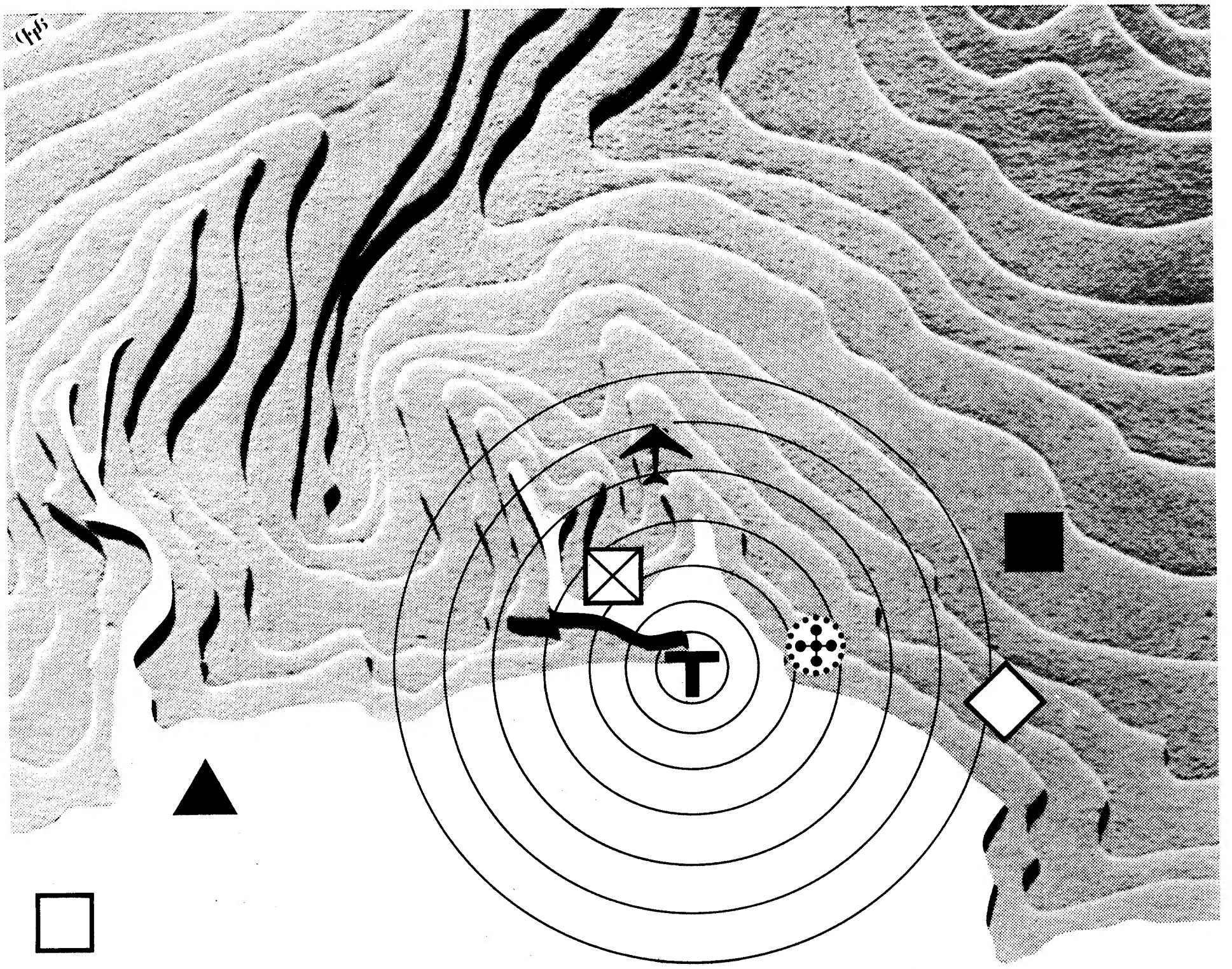
E Tudella explica, para quem queira aprender a fazer as coisas:

«É apenas uma questão de se agir com inteligência, que é uma coisa que foi dada aos homens para ser usada».

JOTOCAR, S.A.R.L.
PORTO-LISBOA

(Fabricantes dos colchões de molas das afamadas marcas internacionais «EPEDA» e «DELTA-LOC», estofos, artigos para estofador, cofres, portas fortes, etc.)

INFORMAMOS TODOS OS N/ ESTIMADOS CLIENTES E PÚBLICO EM GERAL QUE, DEVIDO À URBANIZAÇÃO DO LOCAL ONDE SE ENCONTRAVAM AS INSTALAÇÕES DA N/ ASSOCIADA FÁBRICA PORTUGAL E DA N/ DELEGAÇÃO, EM LISBOA, OS N/ SERVIÇOS FORAM POR ESTE MOTIVO, TRANSFERIDOS PARA A RUA N.º 2 DA MATINHA, FRENTE À RUA DO TELHAL AOS OLIVAIS (Poço do Bispo), TELEFONES 383282-383505, ONDE PODEREMOS AINDA COM MAIOR EFICIÊNCIA CONTINUAR A BEM SERVIR A NOSSA CLIENTELA



o centro turístico de uma zona de turismo

A Praia de Alvor é o natural centro turístico de uma das mais importantes zonas turísticas do Algarve.
É nesse pólo de atracção que a TORRALTA desenvolve um grande complexo turístico algarvio, valorizando sobremaneira essa zona privilegiada.

LEGENDA

- T Torralta
- ⊠ Alvor
- Casino
- ■ Portimão
- ◇ Praia da Rocha
- ▲ Lagos
- □ Praia D. Ana
- Aeroporto

TORRALTA

UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS

A MAFIA EM GUERRA

O GANGSTER QUE LIA SARTRE

WASHINGTON Alguém andara a ver demasiados filmes, pois quando Joseph Gallo foi abatido a tiro nas primeiras horas da manhã da penúltima sexta-feira, a cena podia ter sido extraída directamente de «O Padrinho», o poema épico da Mafia em que Marlon Brando desempenha o principal papel e que está a bater todos os «records» de bilheteira em Nova Iorque e em todo o país.

Por PETER JENKINS «Guardion»/«DL»

Os Gallos são um clã dissidente da «Cosa Nostra» chefiada por Joseph Colombo, uma das cinco *famílias* de Nova Iorque. Já nos primeiros anos da década de 60, os irmãos Gallo haviam desafiado o então chefe da família, Joseph Profaci, e da contenda resultaram mais de uma dúzia de assassínios no mundo do crime. Joseph Gallo, conhecido como «Crazy» Joe, foi libertado da penitenciária de Sing-Sing no ano passado, após uma reclusão de oito anos por extorsão e, desde o seu regresso a Brooklyn, corriam persistentes rumores de outra tentativa para atacar a rede controloda pela *família* Colombo.

Esposa e filha de Joe Gallo nos funerais.

O ASSASSÍNIO

Quinta-feira, passava o 42.º aniversário de Joe Gallo e ele comemorou-o no puro estilo *mafioso*. O grupo era constituído pela jovem esposa de Gallo, uma ligação de há três semanas apenas, o seu guarda-costas Pete Diapoulas, a amiga do guarda-costas, a irmã de Gallo, Carmella Fiorella e a sua enteada de 10 anos, Lisa. Beberam champanhe no «Copacabana» até às 4 da madrugada e, depois, andaram às voltas pela cidade no «Cadillac» negro de Gallo, modelo 1971, parando no «Umberto's», na Mulberry Street.

O assassino entrou pela porta lateral, empunhando uma calibre 38. Foi descrito como sendo um indivíduo de meia idade, calvo, com cerca de 1,73 m. de altura, vestindo um casaco de «tweed». O guarda-costas ripostou ao fogo, o mesmo tendo feito um desconhecido que se encontrava ao balcão. Foram trocados vinte tiros. O assassino fugiu num carro que o aguardava. Diapoulas foi ferido. Gallo foi atingido por três balas, saíu cambaleante para a rua em perseguição do seu assassino e caíu morto.

«Crazy» Joe Gallo tinha, recentemente, iniciado uma vida que não era bem vista pela geração mais velha dos mafiosos. Desde que saíra de Sing-Sing, passara a fumar ópio, a ser visto com amigos de cor, e constava que lia livros, incluindo Camus e Sartre. Havia travado amizade com o actor Jerry Orbach, que tinha encarnado a sua figura no filme «The Gang That Couldn't Shoot Straight», extraído da narrativa do escritor nova-iorquino Jimmy Bresling sobre as rixas entre as quadrilhas de Gallo e Profaci. E andava a colaborar com a mulher de Orbach numa autobiografia e num argumento para cinema. Estava a tornar-se uma espécie de celebridade da Broadway, com o mundo do espectáculo a pensar ser ele um dos seus queridos. Quando caíu morto na Mulberry Street, na madrugada de sexta-feira sua irmã Carmella Fiorella disse: *Ele deixou de ser quem era .. Foi por isso que isto aconteceu*.

Agora a polícia faz pouco caso desta explicação. Pensa que Gallo foi assassinado, ou com represália pelo atentado contra Joe Colombo no ano passado, ou por um membro da sua própria quadrilha, ou por um «*tipo mercenário que queria fazer nome à sua própria custa*». Com «O Padrinho» em exibição, com casas à cunha, em toda a cidade de Nova Iorque, a última hipótese não deixa de ser plausível.

A RIVALIDADE

Joe Colombo foi gravemente ferido, em Junho passado, numa tentativa de assassínio, quando falava numa reunião da sua Liga dos Direitos Civis, em Columbus Circle. Foi a Liga dos Direitos Civis que censurou, com êxito, as palavras «Mafia» e «Cosa Nostra» do filme de Brando, ameaçando a Paramount com perturbações no trabalho. Colombo foi alvejado por um negro, Jerome Johnson, que morreu durante o atentado. Gallo foi interrogado mas libertado em seguida, e a polícia disse que Johnson era um indivíduo desequilibrado e que agira sòzinho. Não obstante, persistiram os rumores de que isto fora mais um capítulo da rixa Gallo-Colombo.

O filme «O Padrinho», baseado na obra de grande êxito de Mario Puzzo, do mesmo nome, foi inspirada, segundo se diz, pelas rixas de *família* entre os Bonanno e os Profaci, a guerra de quadrilha que, ao tempo, foi conhecida como «Banana Split». Tem sido considerada pelos críticos e por eles descrita como o «E tudo o vento levou» dos filmes de «gangsters». Tem a duração de três horas e está recheado de violência. Embora todo ele divertido, maravilhosamente filmado e garantido com um «Oscar» pelo retrato que faz do velho Don Corleone, quase que chega a romantizar a Mafia como uma parte da herança americana. Numa reunião depois da noite da estreia, inevitàvelmente assistida, pelo conselheiro presidencial Henry Hissinger, a Nova Iorque elegante foi servida de «spaghetti» por criados envergando os mais típicos fatos mafiosos, às riscas.

A MITOLOGIA

Pode ser verdade que a Mafia esteja a passar para a mitologia americana, tal como o Oeste selvagem. As acções do crime organizado continuam a ser vastas, mas as velhas *famílias* italianas estão a ser desafiadas, nas suas bases mais profundas, pelas quadrilhas negras e porto-riquenhas. O crime organizado é um dos caminhos que as próprias minorias reivindicam.

Segundo se diz, os velhos chefes não vêem com bons olhos o tráfico de narcóticos tanto por questões morais como porque é mais perigoso do que o jogo, a usura e a extorsão. As velhas *famílias* adquiriram enormes interesses legítimos em bens imobiliários e no jogo. Podem voltar-se agora, também, para a edição de livros e para Hollywood, em busca de ganhos adicionais. Não obstante, a Mafia continua viva e pronta a matar em Nova Iorque, como o assassínio de Joe Gallo deixa ver. Foi morto apenas a alguns metros de distância do local em que Marlon Brando no seu papel de Don Corleone é morto no filme.

PARA QUE AS CRIANÇAS NÃO BRINQUEM NA RUA

PAIS ASSOCIA PARA A CONSTI DE UMA CR

Talaíde é uma pequena povoação entre Paço d'Arcos e o Cacém, onde as crianças, filhas de modestos operários, brincam na rua.

Em Talaíde, as crianças são iguais a todas as outras, mas o ambiente em que são criadas favorece o desenvolvimento, no seu espírito ainda muito moldável, de tendências que comprometerão a sanidade da sua vida futura. Os pais tomam consciência deste problema e resolvem procurar uma solução. Primeiro, através do recurso (infrutífero) às entidades superiores. Depois, eles próprios lançam mãos à obra, contribuíndo com a única coisa que têm para dar: o trabalho. Mas não basta: a concretização desse trabalho exige materiais. Materiais de que os modestos habitantes de Talaíde não dispõem...

Entretanto, dezenas de crianças brincam na rua, sem saberem que têm direito a uma creche.

__É o seguinte: ali onde eu moro, em Talaíde - ao pé de Paço d'Arcos, um bocadinho acima de Porto Salvo, queremos ver se arranjamos um sítio onde se possa deixar as crianças. É que as mulheres trabalham, compreende, é preciso ajudar os maridos, e os miúdos não têm onde ficar. Lembrei-me que podíamos construir uma creche para eles e falei com uns rapazes de lá. Um deles foi ter com o sr. Bernardo José Figueiredo Sabido (o sr. Sabido é senhorio de quase todos) e ele propôs-se oferecer-nos o terreno. A mão-de-obra damos nós, não se gasta nada. Agora precisávamos era de materiais. Foi por isso que aqui vim.

A ESPERANÇA

Apareceu na redacção do «DL» quase com o ar de quem pede desculpa. Aos gestos bruscos correspondem, no entanto, palavras precisas:

__**Tenho cinco filhos que ainda não vão à escola. O mais velho vai fazer sete anos. Aqui estão as cédulas: o Marco Paulo, de 6, o Hélder Filipe, de 5, a Ana Paula, de 4 e os gémeos de 3 anitos. Há ali muitas pessoas em condições idênticas. Aquilo tem cerca de 250 famílias. Os miúdos brincam na rua, sem ninguém que tome conta deles, aproximam-se do rio (onde as pessoas despejam o lixo), mexem em toda a porcaria, cortam-se: já tem havido acidentes. Só por sorte ainda nenhum foi atropelado.**

Razões, mais razões. A construção de uma creche surge como uma esperança que é preciso tornar certeza: são as crianças que estão em jogo. Meninos e meninas que não têm, por ora, sítio decente para brincar, gente preparada para as ensinar, antes de franquearem as portas da escola primária.

«O terreno fica ali em

«Desviávamos o

Uma creche trazia toda a espécie de vantagens. Desviávamos os miúdos do

Desperdiçar não é grandeza Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

EM TALAÍDE

AM-SE RUÇÃO ECHE

«Foi então que resolvemos erguer a creche pelos nossos próprios meios...»

convívio com os mais velhos, ue já tem um bocado de «ma-ndrice», nem sempre respei-m a inocência. Podíamos ir ara as nossas ocupações ais descansados, sabendo ue ficavam bem entregues. E, nfim, criava-se um convívio ara miúdos e miúdas. Isso tor-ava-os menos tímidos, mais reparados...

Dispunha-se a sair da re-ção do «DL» tão discreta-ente como entrara. Apenas m pouco mais rico de espe-nça: podia ser que, lendo o elo lançado através do jor-l, as pessoas acorressem a rnecer os materiais...

Sim, recordámo-nos. A polícia, um processo por chantagem, a fotografia nos jornais, as declarações:

— O sr. comandate da Polícia viu o caso com humanidade e até me deu uma carta para eu pedir trabalho ao sr. J. Pimenta. Mas não fiquei com ele: trabalho na Figuerinha, ao pé de Talaíde... Em média, tiro uns 3.450$00 por mês.

Na estrada que liga Paco d'Arcos ao Cacém, um desvio, a partir de uma seta que indica Talaíde. Centenas de metros adiante, à linha branca de fábricas sucede-se a paisagem verde de campos inabitados.

cima... Mais ou menos 600 metros quadrados...

miúdos do convívio com os mais velhos...»

AS CARTAS

Não convém publicá-lo, r causa daquele caso das rtas anónimas... lembra-se? seu colega é que sabe. quele do bigode é que tratou assunto...

Mais à frente, divisa-se o povoado: pequenas casas com um só piso, de ambos os lados da estrada onde os camiões deixam uma nuvem de poeira. Crianças brincando em frente das casas e de um ou outro estabelecimento. Um letreiro na parede de um prédio: Bairro Fernando Sabido. Quando perguntámos onde mora o indivíduo do mesmo nome, há uma pequena multidão a indicar-nos o caminho, respeitosamente. Quinta de Santa Bárbara: entrámos. No pátio, reconhecemos o homem que veio à redacção, acompanhado por mais dois da «comissão». Estão à nossa espera: combinámos conversar todos em casa do sr. Sabido. Mas este prefere receber-nos em privado: os outros ficam na rua. Uma empregada conduz-nos até ao seu escritório:

TERRENO

— Aceitei participar nesta iniciativa como já o tenho feito com outras coisas que me parecem absolutamente lógicas e humanas. Já participei na criação do Bairro Auto-construção de Porto Salvo, na formação do grupo de futebol... A escola primária foi oferta do meu pai. Agora vieram pedir-me que cedesse o terreno para a creche: faço-o de boa vontade, uma vez que reconheço as contingências da vida desta gente, as suas necessidades. As mulheres têm que ajudar os maridos e as crianças ficam aí abandonadas o dia inteiro.

Filho de lavradores, o sr. Fernando José Figueiredo Sabido é, também, lavrador reformado e proprietário: cerca de 2 milhões de metros quadrados de terreno, segundo nos informa. Na região, o terreno para prédios orça à volta de 50 escudos o metro quadrado. Mas o sr. Sabido preferiu lançar-se na construção; por isso, a população de Talaíde é quase toda sua inquilina.

As rendas variam entre 150 e 550 escudos para as famílias mais modestas: pedreiros, carpinteiros, pintores, que trabalham nas obras em redor. Mas há outra categoria de casas para pessoas que também têm um nível de vida mais elevado (trabalham em Lisboa na maior parte dos casos), cujas rendas vão de 550 a mil escudos.

São as famílias mais modestas que vão utilizar a creche: precisamente as que têm mais filhos.

O terreno oferecido pelo sr. Fernando Sabido tem cerca de 600 metros quadrados e foi escolhido pelos próprios interessados. Fica à entrada da povoação, junto à estrada. O projecto já foi submetido a aprovação da Câmara.

Usarei toda a minha influência pessoal para mover dificuldades burocráticas e de outro tipo. O meu filho é presidente da Junta de Freguesia de Barcarena e vereador da Câmara de Oeiras.: conto com ele para a coisa ir àvante o mais depressa possível. Além do terreno, estou disposto a colaborar monetàriamente, até porque é necessário e não faço sacrifício nenhum.

MÃO-DE-OBRA

Sacrifício fazem, sim, os pais das crianças a quem se destina a creche: pedreiros, carpinteiros, pintores, que fornecem a mão-de-obra para a construção. Esta tem de ser adiada até ao Verão, para aproveitarem os fins de tarde que as suas ocupações lhes deixam livres. Trabalhando também ao domingo, **se tudo correr bem, a coisa deve ficar pronta ao fim do ano.**

Os meus filhos já não aproveitam directamente o benefício, pois um tem 10 e outro 6 anos e já andam na escola. Mas interessa-me ajudar os outros e acho que isto deve ser uma obra de todos - diz-nos o sr. José Marques Ribeiro, ex-pedreiro e proprietário de um café: três a quatro contos de rendimento médio mensal.

— Eu tenho três filhos, com dez, dois e um ano. A mulher ajuda-me no estabelecimen-

Continua na pag 15

BAIRRO FERNANDO SABIDO

No bairro Fernando Sabido, as crianças brincam na rua, de mistura com cães e lixo.

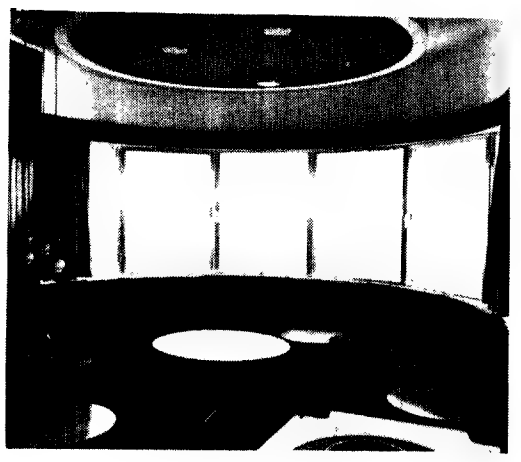
SENSACIONAL

NOVA MODALIDADE

EM J. PIMENTA S. A. L. R.

NA VENDA DE APARTAMENTOS MOBILADOS

Informe-se imediatamente, no seu próprio interesse, das vantagens que lhe oferecemos



25 contos
325 contos
ou outras quantias
podem ser aplicadas em **J. Pimenta, S.A.R.L.**, com elevado rendimento na aquisição, em **COMPROPRIEDADE** ou propriedade exclusiva, de apartamentos mobilados em regime de propriedade horizontal.

Em Lisboa (Olivais), junto da Est. C.º de Ferro, Amadora, Reboleira, Paço de Arcos, Cascais (Alto da Pampilheira), Coimbra, Porto e Luanda, as propriedades construídas por **J. Pimenta** estão indicadas para a aplicação das suas economias.

APARTAMENTOS MOBILADOS DESDE 180 CONTOS

Informações nos locais de construção e nos escritórios de

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Lisboa — Pr. Marquês de Pombal, 15 • 45843 - 47843

Sede Social — Queluz - Av. António Enes, 25 • 952021 / 2

DL Mulher

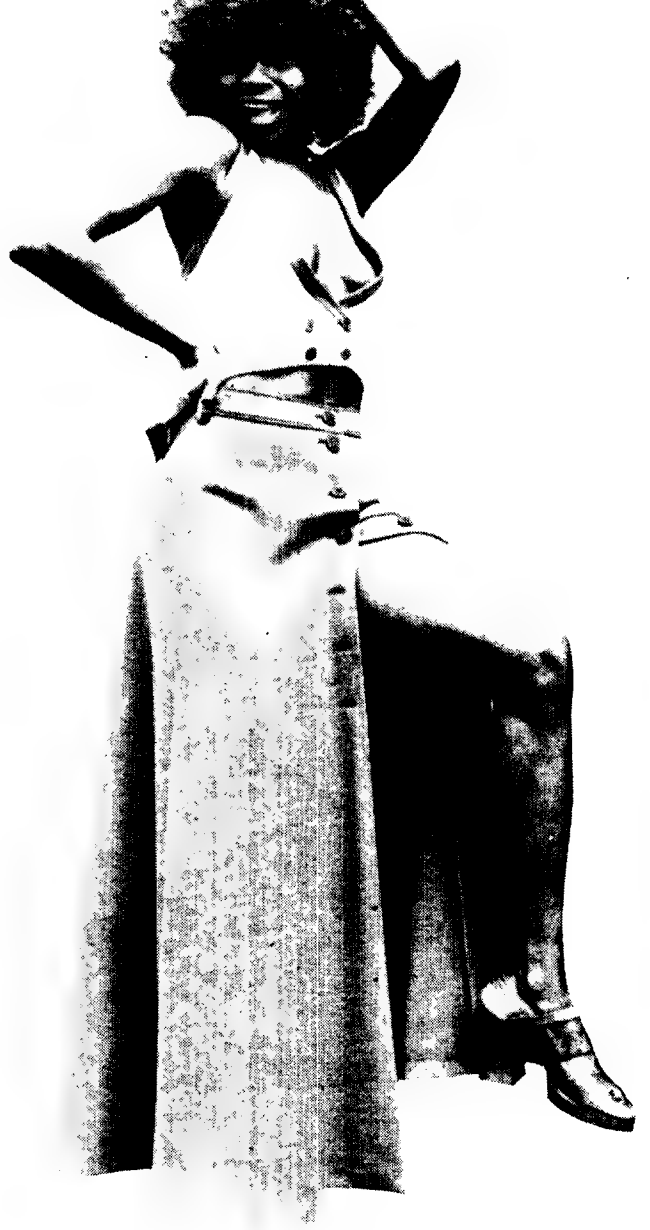
JÁ COMEÇOU A CAMPANHA

OUTONO 72

Enquanto ainda surgem, esporàdicamente, alguns modelos para o Verão, que a passos largos se avizinha, os costureiros de todo o mundo começam a pensar muito a sério na moda para o Outono. Não há nada como fazer as coisas a tempo e horas. Por isso as capitais da moda europeia — Paris, Londres e Roma; dão já provas de um movimento espantoso em relação às ideias para o «pronto-a-vestir» a usar no próximo Outono. Não serão muito originais os modelos ora apresentados, tratando-se, antes, de dar um certo «toque» em ideias já conhecidas, mas tenhamos em conta que só agora a corrida começou. E os «patrões da moda» não estão dispostos, como se vê, a perder tempo!

Vestidos simples, em tecido estampado, desenhados por Valentino para os dias de Sol que o Outono deste ano com certeza ainda terá.

De Paris surge este conjunto que seria vulgar não fosse a ideia das maxi-luvas e a combinação do laranja da camisola com o «beige» do casaco de lã



O modelo Myna Bird veste um «duas peças» desenhado por Diana Mackinnon, de Londres, especialmente concebido para os dias mais quentes do próximo Outono

Jacques Esterel não faz por menos: lança mão de ideias ousadas e desportivas para a época fria do fim deste ano. Ambos os modelos são semelhantes, o da esquerda em flanela vermelha com cinto negro e, o da direita, em flanela negra com cinto vermelho

Este «poncho» com capuz não voará com o vento, que os botões laterais não são só para enfeitar. O conjunto, um desenho de Valentino, o célebre costureiro romano, foi concebido já a pensar na época Outono-Inverno deste ano.

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLÍNICA —
CONSULTAS DAS 9 ÀS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

VENDA PARTICULAR
MOBILIÁRIO USADO
Recheio de moradia c/ 40 divisões. Barato
Av. Aeroporto, 147

LUSTRES
Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).
VENDA AO PÚBLICO

Maudie sabe das coisas.

APRENDA COM OS MODELOS A TER UMA FIGURA ESBELTA

Os modelos, que ditam as tendências da moda e da aparência, estão a dedicar grande atenção à figura e à saúde.

«Muitas das nossas jovens estão a tentar perder algum peso», revelou o director de uma agência londrina.

Quando uma figura melhor significa mais trabalho, o incentivo para se perder alguns quilos está à vista... mas, por vezes, é mais difícil libertarmo-nos de alguns quilos do que de muitos.

Os modelos não podem arriscar-se a perder a forma, facto que exclui imediatamente uma dieta de choque. Quererão as nossas leitoras libertar-se de um pouco do peso que têm a mais? E is como quatro famosos modelos resolvem o problema.

Maudie

A escultural Maudie James tenciona perder cerca de três quilos antes do Verão. Maudie pesa 54 quilos e as suas medidas são 86-62-90.

Começou a fazer exercícios de ginástica num clube londrino duas vezes por semana, combinado com um regime alimentar que compreende uvas ao pequeno-almoço, requeijão e salada ao almoço e carne magra e novamente salada ao jantar.

Eis um dos exercícios para as pernas que Maudie faz:

1) Deita-se no chão, as pernas juntas, as mãos ao lado do corpo, mantendo os dedos dos pés voltados para cima.

2) Move a perna direita cerca de 60 cm. para um dos lados; fecha as pernas.

3) Repete 10 vezes com cada perna.

Eva

Eva Rueber-Staier, «Miss» Mundo 1969, e actualmente um modelo famoso, possui um corpo sólido **susceptível** de adquirir peso supérfluo.

— «O problema é que eu não faltava uma uma vez à ginástica quando era uma **teenager**. Logo que deixo de fazer exercício, o peso começa a aumentar. Tenho 1,70 m. de altura e 54 quilos - mas estou a tentar perder algum peso. Um dia por semana alimento-me exclusivamente de fruta - e participo também nas sessões de dança ao som de música de **jazz** realizadas numa escola londrina. Assim, os exercícios tornam-se divertidos.

Ana

Ana Hanson acaba de inscrever-se num clube de saúde de Londres, a fim de participar em sessões de exercícios vigiados.

Por outro lado, segue um regime semi-vegetariano.

— «Não sou gorda (53,5 quilos, 1,63 m.), mas a minha figura não é das melhores. Sei que nunca faria exercícios sòzinha, e por isso vou três vezes por semana ao clube. Durmo melhor e tenho também melhor aspecto. O meu regime: tomo um iogurte por dia, ao almoço como vegetais frescos variados acompanhados de manteiga e sumo de limão e ao jantar uma **pequena salada.**

Karin-Ann

Kari-Ann Moller, famoso modelo que sempre aparece nas fotografias envergando os trajos mais **sexy,** é outra das fiéis frequentadoras dos clubes de saúde.

«Vou com uma rapariga minha vizinha e encorajamo-nos uma à outra. Os exercícios ajudam a reduzir o peso supérfluo 86-61-89 parecem umas medidas óptimas até que nos lembramos de olhar para outras partes do corpo. Actualmente peso 54 quilos, no próximo mês tenho de pesar apenas 51, com um regime de fruta, carne e salada. Como quando tenho vontade e não a horas pré-determinadas.

DIÁRIO

OS CONTOS DE FADAS

Entrou na sala de espera do consultório, sentou-se e mergulhou logo, sem transição, na leitura que trazia consigo. Era uma jovem discreta, de aparência modesta, baixinha, pouco bonita, nada bonita mesmo, sejamos francos. Cara redonda, feições sem graça, cabelo pobre. Vi-a pois quando entrou, depois deixei de a ver porque se sentou ao meu lado, na única cadeira livre, e só lhe avistava as mãos papudas, com unhas minúsculas, cor-de-rosa transparente, agarrando a revista, passando a folha.

Olhei sem querer para o que ela lia, na altura não pensava no jornal mas no dente que me estava a doer. Que lia ela com tanto entusiasmo, tão apaixonadamente? Estava longe de mais para decifrar as legendas, mas as fotografias eram sugestivas, diziam muito. Dois jovens belos e um pouco tenebrosos, ele, sobretudo, a cavalo. Falam, o que dizem não sei. Algumas fotos adiante, há uma rapariguinha de ar melancólico e rosto vulgar, que serve chá a uma senhora idosa. Ao fundo, um criado de colete às riscas. Aquilo passava-se em casa com criado de colete às riscas. Quem seria a rapariga vulgar? Uma parente pobre? Uma afilhada da mãe do «rapaz»? Uma dessas coisas, decerto. Claro que a rapariga vulgar mas bondosa vai casar na última fotografia da última página com o belo tenebroso. Eu sei e a jovenzinha ao meu lado também o sabe. Sabe mas sofre até ter a certeza. Porque é ela, de certo modo, quem vai casar, quem vai ter uma vez mais a certeza de que a beleza e o dinheiro não dão a felecidade, de que a bondade é sempre recompensada, de que não é preciso ser bela, nem culta, nem das chamadas «boas famílias» para conquistar o homem sonhado (culto, rico, belo e de famílias excelentes). Todas as fotonovelas que até hoje leu — e foram decerto muitas — lhe disseram que é aconselhável ser-se pobre, bondosa e ignorante, não para conquistar o céu mas para alcançar os bens deste mundo. Porque a outra, a má, não é geralmente nada disso. E é quem perde.

Nunca vi leitora mais atenta, mais entrege, mais esquecida de que o mundo existe. Pobre rapariga, pobres raparigas drogando-se com histórias de fadas que nem sequer têm poesia, nem imaginação nem beleza.

EMÍLIA BRAVO

FORMAÇÃO DE UMA NOVA SOCIEDADE EM PORTUGAL

A British Leyland, cujos carros desde há anos ocupam posição cimeira no mercado automóvel português com uma penetração de cerca de 17,5 por cento, no intuito de ainda melhorar as operações de importação, montagem, distribuição e assistência da sua gama de automóveis (Austin, Morris, MG, Wolseley, Triumph, Jaguar e Daimler) convidou os seus dois principais distribuidores em Portugal — as firmas J. J. Gonçalves, Sucrs., Comércio e Indústria, S.A.R.L. (Austin e Triumph) e Eminco — Empreendimentos Industriais e Comerciais, S.A.R.L., sociedária da firma A.M. Almeida, Lda. (Morris, MG e Wolseley) a participarem, cada um com a quota de 40 por cento e a British Leyland com 20 por cento, na constituição de uma nova sociedade, a British Leyland de Portugal, Automóveis, Lda.

Esta nova sociedade iniciará brevemente a sua actividade, passando a distribuição das marcas dos veículos ligeiros produzidos pela BLMC a fazer-se através de uma única entidade, o que trará grandes benefícios não só para os seus clientes como também para a actividade comercial e industrial do automóvel em Portugal.

As actuais redes de venda e de assistência continuarão a cargo de A.M. Almeida, Lda. (Morris, MG, Wolseley) e de J.J. Gonçalves, Sucrs., Automóveis, Lda. (Austin e Triumph), em Lisboa e no Porto, e no restante território nacional através de uma rede de 107 concessionários. Os veículos da BLMC continuarão a ser montados em Setúbal na IMA — Indústria de Montagem de Automóveis, Lda., a fábrica de maior produção em Portugal, com uma capacidade de montagem de 20000 veículos onde, desde 1964, foram produzidas 70000 unidades, das quais 14000 em 1971, associada de J. J. Gonçalves, Sucrs., Comércio e Indústria, S.A.R.L. e de Eminco.

Referindo-se à constituição da nova sociedade, Lord Stokes, Presidente do Conselho de Administração da British Leyland, disse: «Temos tido uma longa e feliz associação com os srs. Almeida e Gonçalves e estamos encantados por entrar num tipo de associação ainda mais íntima. E este um desenvolvimento lógico da nossa estratégia europeia para melhor servir os concessionários das várias marcas da gama da veículos da British Leyland, com todos os benefícios que daí resultam para o cliente sob a forma de melhorias no serviço após venda e no abastecimento de peças. Igualmente consolidará a nossa posição cimeira no mercado português»

DL POLICIAL

Os grandes crimes deste século

O estranho caso do homem do sotão

A morte do industrial Fred Oesterreich, em Agosto de 1922, entrou na história criminal como o «caso do homenzinho do sótão», e como um dos mais extraordinários que se conhecem. Não pelo seu significado **material** (já houve e haverá outros bem mais horríveis e graves), mas pelo enigma de que se revestiu.

Após ter-se dado figurou nos jornais dos E.U.A., como «crime inexplicável», abalando os ânimos policiais epla sua total falta de lógica.

TRÊS TIROS

Tudo começou com um caso de amor — e tudo terminou também por causa do amor.

Fred Oesterreich morava com a mulher, Walburga, numa mansão. A casa ficava no meio de um parque tranquilo reservado aos moradores ricos de Los Angeles. Ao contrário do que era corrente, o casal vivia muito para si tendo poucos contactos com os vizinhos. Em dez anos não fizeram, por exemplo, qualquer obra de reparação no edifício. Ao que se supunha vivia bem e em harmonia.

Na noite de 21 para 22 de Agosto de 1922, este estado de coisas modificou-se sùbitamente quando a senhora Norton e a amiga, a sr.ª Ranson, ouviram uma detonação. A seguir as duas mulheres escutavam gritos pedindo socorro. Correram para a janela que dava para a **vila** dos Oesterreich. Não viram nada. Decidiram telefonar para os vizinhos que moravam do outro lado e para os que moravam defronte.

Minutos depois encontravam-se todos na rua a ponderar se deviam ou não chamar a Polícia. Acabaram por o fazer apressadamente ao escutarem o som de um martelar surdo. A Polícia chegou pouco antes da meia noite. Tanto a entrada principal da casa como as traseiras estavam trancadas. Os agentes arrombaram a porta e penetraram cautelosamente no vestíbulo. Na sala de estar viram, à luz de um candeiro aceso, um corpo caído. Tratava-se do sr. Fred Oesterreich. Estava morto. A desordem reinava à volta: duas cadeiras viradas, a porta da varanda aberta, a cortina caída. Tudo indicava tratar-se de um assalto praticado por ladrões surpreendidos pelo dono da casa, a quem teriam morto na fuga.

HERDEIRA

Pancadas vindas do andar superior interromperam as primeiras investigações. Os polícias seguiram o barulho até se deterem defronte de um quarto fechado. Ao abrirem a porta deparou-se-lhes a sr.ª Walburga que gritou e desmaiou. Pouco depois voltou a si e contou então o que sucedera.

Estava ocupada a coser roupa quando ouviu no terraço uma discussão acalorada. Uma das vozes era a do marido. De repente soaram três tiros. Correu para fora e viu um desconhecido que lhe deu uma pancada na cabeça.

Às perguntas dos polícias respondeu, confusa, que não sabia exactamente quantos tiros ouvira. Também não lhe era possível descrever o homem que a atacara...

Após ter-se recuperado um pouco mais foi donduzida ao local do crime. Desmaiou diante do cadáver do marido. Mais tarde verificou que (aparentemente) apenas lhe faltava o relógio de pulso, um presente bastante valioso que ela lhe dera na altura do décimo aniversário de casamento. A caixa do relógio era cravejada de diamantes e a corrente de oiro trançado.

A hipótese inicial confirmava-se: os assaltantes tinham sido surpreendidos por Fred Oesterreich que foi morto para que os não pudesse identificar.

As investigações de rotina prosseguiram. A autópsia do cadáver deu como **causa mortis** três tiros desferidos por uma arma de calibre 25. Uma das balas atravessou o coração.

O «Caso Oesterreich» deu que falar durante umas semanas. Walburga Oesterreich era a herdeira única do marido. Os bens deixados foram avaliados pelo tribunal em cerca de 600 mil dólares, que nessa altura era uma quantia considerável.

O inspector Herman Cline, ligado ao caso, não lhe atribuiu um significado por aí além. Mas de súbito surgiu-lhe uma ideia inteiramente nova: a hipótese de a viúva estar envolvida no jogo. Ao que se sabia não havia caso algum sentimental na sua vida, mas a perspectiva do dinheiro (da herança) podia muito bem ter-lhe feito aparecer um pretendente...

Cline requisitou os autos do processo e estudou-os a fundo. Os polícias tinham encontrado Walburga Oesterreich no quarto fechado por fora. Ela não podia ser, por isso, a autora. No entanto fez investigações **nesse sentido. Poder-se-ia tra**tar de um crime «encomendado»... Não existem assassinos profissionais que executam o **trabalho** mediante determinadas quantias de dinheiro?

UM EMBRULHO

Cline procurou o advogado da viúva. Durante a conversa o seu relógio despertou-lhe a atenção: a corrente de oiro maciço era entrelaçada e o relógio tinha uma coroa de brilhantes. Desempenharia o advogado algum papel na vida amorosa de Walburga? Cline perguntou-lhe sem rodeios pela origem do relógio. Ele respondeu-lhe prontamente: era um presente de anos da sua cliente.

Mediante uma indiscrição que até hoje não foi esclarecida, um repórter tomou conhecimento do facto e publicou a história do relógio. Poucos dias depois apresentou-se à Polícia um amigo de Walburga dizendo que ela lhe pedira no início de Setembro de 1922, semanas depois do assalto, para deitar fora, em qualquer lugar, «umas miudezas que lhe despertavam lembranças desagradáveis da juventude».

Cline pediu-lhe que o levasse ao local para onde ele atirara o tal embrulho. Tratava-se de um canal de esgotos. Com grande surpresa encontraram-no pendurado numa rede. Tinha lá ficado aquele tempo todo. Num lenço sujo viram então peças de um revólver de calibre 25.

Os especialistas em balística examinaram-nas com todo o cuidado. As marcas encontravam-se completamente desfeitas pelo que era impossível reconstituir o número e a marca. Em consequência, apenas se apurou o facto de a sr.ª Walburga se ter desfeito de uma arma de calibre 25 pouco tempo depois do assassínio do marido. Mas não se podia provar que a arma era idêntica à do crime...

Apesar disso foi passada uma ordem de prisão contra Walburga Oesterreich na esperança de ela se envolver em contradições. A explicação que deu foi, porém, aceitável: a arma era do seu marido e como ele fora morto com uma igual, temeu complicações.

O seu advogado requereu imediatamente a suspensão da ordem de prisão. Mas nesse momento apresentou-se um outro amigo do casal contando que a viúva lhe pedira também para se desfazer de um embrulho...

Cline e dois funcionários da Polícia estavam presentes quando o segundo embrulho foi encontrado numa moita. Estava enterrado quase à superfície e continha peças desmontadas e enferrujadas de um revólver de calibre 25. Tanto o número como a marca estavam limados. O exame laboratorial mostrou que a arma tinha o mesmo calibre da do crime; pequenos pormenores deixavam concluir, no entanto, que não fora utilizada.

O pedido de **habeas corpus** foi indeferido embora a viúva continuasse à margem de acusações por falta de provas.

SUPERMERCADO

No dia 16 de Janeiro de 1925, depois de 18 meses de prisão preventiva (para investigações), Walburga Oesterreich foi posta em liberdade. O tribunal entregou-lhe todos os bens do marido. Ela desfez-se da casa e mudou-se para Beverly Hills onde adquiriu uma vivenda com loja que transformou em supermercado, o primeiro de Hollywood.

Ràpidamente extraiu lucros elevados, que não a fizeram, no entanto, abandonar o modo simples de viver. Apenas as vizinhas afirmavam que recebia visitas masculinas depois de fechar a loja...

Cinco anos depois, um advogado apresentou-se ao promotor do Tribunal de Los Angeles revelando que, tinha sido amante de Walburga Oesterreich há anos, antes da morte do marido. Ao ser presa ela pediu-lhe que fizesse um grande favor: em sua casa, num sotão, vivia um meio irmão atrasado mental que precisava de alguém que cuidasse dele..

Como ela não podia revelar a nenhum dos seus conhecidos o facto, contava com ele. O jurista, depois de comprar víveres, entrou em casa, subiu as escadas e bateu três vezes seguidas, como Walburga lhe dissera. Depois de alguns minutos de espera a porta abriu-se e surgiu um indivíduo baixo, branco como papel. Para sua surpresa ele iniciou uma conversa inteligente. Assegurou que não tinha qualquer parentesco com Walburga. Era apenas seu amante há mais de vinte anos. Onde quer que os Oesterreich morassem ele tinha um esconderijo cùidadosamente camuflado para estar sempre perto de Dolly, o diminuitivo de Walburga. Ele chamava-se Otto Sanhuber.

ATINGIDO

Na noite de 21 para 22 de Agosto de 1922 foi acordado por uma discussão violenta. Fred e Walburga altercavam furiosamente. De repente a sua Dolly gritou. Correu pelas escadas abaixo armado de um dos seus dois revólveres e viu Dolly caída. Fred estava junto dela. Este ao vê-lo tentou desarmá-lo. Na confusão gerada foram disparados dois tiros. Fred foi atingido mortalmente.

uma vez por dia. Quando a sua situação (continua ele) se tornou impossível fez greve da fome. O seu maior sofrimento era, porém, a infidelidade de Dolly, pois mais de uma vez fora testemunha de visitas de outros homens.

A confissão bastava para

justificar o **processo criminal** contra ele e contra **Walburga**. Durante os trabalhos judiciários preliminares, o juiz Carlos Hardy deferiu o requerimento do advogado de Walburga pedindo uma separação do processo. Com isso a acusação contra ela diminuiu substàncialmente.

Sanhuber foi julgado em primeiro lugar. Logo de início tornou-se claro que era injustificada a acusação de assassínio premeditado. Segundo as leis do estado da Califórnia o assassínio premeditado pode ser punido em qualquer tempo, ao passo que o assassínio simples prescreve depois de sete anos. O tribunal deveria por isso libertar Sanhuber apesar da virtual sentença de culpa emitida pelos jurados. Assim, o sensacional processo contra o «homenzinho do sótão» rebentou como bolha de sabão.

A acusação contra Walburga era de «conspirar para assassinar o marido». Mas como podia ela ser condenada por instigar e ajudar um assassínio não premeditado?

No seu caso não se tinham ainda esgotado os sete anos sobre o último julgamento, mas dadas as circunstâncias era de excluir a hipótese de os jurados se pronunciarem a favor da sua culpabilidade.

Walburga fez uma descrição pormenorizada dos acontecimentos que correspondem à confissão de Sanhuber. Na sua narrativa havia apenas um detalhe novo não tivera nenhuma briga com o marido. Tropeçou, escorregou, caiu e pediu ajuda. Quando ele a levantava apareceu Otto. Fred reconheceu-o e compreendeu tudo. Investiu contra ele, dando origem à confusão que provocou os tiros. Otto Sanhuber compareceu como testemunha mas negou o depoimento inicial: não tinha disparado contra Fred, tinha-o, sim, encontrado morto no chão, vítima talvez de um assaltante que fugira.

SEM RESPOSTA

A defesa alegou que não houvera nem assassínio premeditado nem sequer assassínio. Quando Sanhuber chocou com Oesterreich disparou sem querer. Mesmo que tivesse usado a arma conscientemente seria em legítima defesa.

Os jurados reuniram-se durante um dia e uma noite. Não havendo unanimidade, os seus trabalhos foram encerrados sem êxito e a acusada posta em liberdade. Em meados de Dezembro desse ano o tribunal suspendeu formalmente a perseguição a Walburga Oesterreich que voltou para casa, em Beverly Hills, dedicando-se de novo ao super-mercado. Otto desapareceu sem deixar rasto.

Ainda hoje não se sabe o que realmente aconteceu nessa noite. Se tivesse havido luta Otto dificilmente teria tido oportunidade de usar a arma. Além disso os orifícios dos tiros no fato da vítima não acusavam resíduos de pólvora nem de queimaduras. Portanto, a boca do revólver tinha que estar afastada mais de meio metro.

Como se teriam passado as coisas? Teria Otto querido ajudar na verdade a sr.ª Walburga supondo que ela estivesse a ser ameaçada? Queria ele rebelar-se dessa maneira e protestar contra treze anos de submissão? Ou tornar-se herói? Ou mostrar que era capaz de impor-se ante a mulher amada? As perguntas não têm fim nem resposta.

Levantou Dolly. Depois disse-lhe como haviam de proceder. Os tiros deviam ter sido escutados pelos vizinhos de maneira que era preciso agir depressa. Empurrou Dolly para o quarto, deu-lhe as necessárias instruções e fechou a porta por fora. Depois derrubou duas cadeiras, atirou fora a chave, encenou uma desordem geral, rasgou cortinas etc. Em seguida refugiou-se no seu esconderijo.

À pergunta do jurista porque não se apresentara mais cedo na Polícia, o advogado respondeu que tinha receio de ser expulso da Ordem por não ter guardado sigilo e ter violado a ética profissional. Além disso tudo lhe parecera tão extravagante que o interpretou como produto da mente atrasada do homem. Por isso calou-se e deu assistência ao «homenzinho do sótão» até à libertação de Walburga.

Sob o fogo cruzado das perguntas do promotor, o estranho advogadoteve de admitir que o seu tardio depoimento não se devia a razões morais...

ABANDONADO

A pedido de Walburga tinha arranjado um emprego para o meio irmão, que se mudara para uma zona de apartamentos. Depois disso ela trocou-o por outro amante sem a menor consideração.

Otto Sanhuber e a sua Dolly foram presos. O «homenzinho do sótão» repetiu a mesma história à Polícia e ao juiz auditor. Walburga recusou-se a prestar declarações com base na Constituição americana que garante a todo o acusado o direito de se calar se o seu depoimento constituir matéria prejudicial para si.

O caso de Otto, simultâneamente macabro e grosseiro, foi confirmado pela Polícia. Tinha sido enjeitado pelos pais havendo mesmo dúvidas quanto ao seu verdadeiro apelido e à sua data de nascimento. Com 18 anos terminou um curso de mecânico de máquinas de costura. No começo de 1908 a firma para que trabalhava mandou-o à fábrica de têxteis de Fred Oesterreich. O dono simpatizou com ele e chamou-o depois para ir a sua casa consertar uma máquina. Aí conheceu Walburga que tinha perdido um filho há pouco. Meses depois ela tornava-se a primeira mulher da sua vida, o que o prendeu de uma meneira invulgar.

Quando Walburga teve de fazer uma longa viagem levou Otto consigo. O facto chegou aos ouvidos do marido que a proibiu de receber no futuro fosse quem fosse e a isolou por completo. Apesar disso Otto continuou a frequentar a casa. Certo dia, o marido chegou mais cedo do que o habitual e ela escondeu-o. Assim começou a vida de Otto no sótão, vida que durou de 1909 a 1930. Os Oesterreich mudaram-se quatro vezes e quatro vezes Walburga arranjou novos esconderijos...

HUMILHADO

Sanhuber era simultâneamente seu filho, seu amante, seu criado e seu escravo. Obrigava-o a uma obediência cega - se é que se podia acreditar no depoimento dele. Apenas podia abandonar o esconderijo uma vez por semana, à noite, para dar uma volta pelo quintal. De dia, durante a ausência do marido, tinha que fazer todo o serviço doméstico. Para se alumiar, Walburga dava-lhe velas que marcava a fim de controlar o seu uso; Para as suas funções fisiológicas tinha um simples balde que despejava

PAIS ASSOCIAM-SE PARA A CRIAÇÃO DE UMA CRECHE

«Brincam ao pé do rio, onde as pessoas despejam o lixo»

Continuação da pag 11

to - tenho uma casa de pasto - e não pode bem tomar conta deles.

E o sr. Horácio Alves Barroso, outro dos interessados que fala. O lucro do seu pequeno estabelecimento não suporta a despesa que resultaria de ir deixar os filhos à creche mais próxima, em Paço d'Arcos.

OS MATERIAIS

Talaíde, cerca de 700 habitantes, tem, neste momento, cerca de 40 crianças em idade e condições económicas de utilizar a futura creche. As despesas para pagamento a pessoal (enfermeira, educadora) serão custeados pelos pais dos miúdos, proporcionalmente aos rendimentos e independentemente do número de filhos que beneficiem da instituição.

Sabe - diz-nos o sr. Amadeu Lemos (o das cartas anónimas que, por fim, acedeu a revelar o nome) - **antes de nos decidirmos a esta iniciativa conjunta, tentámos conseguir a coisa a nível superior, através da assistência social. Expusémos várias vezes a nossa situação, mas não fomos atendidos. Foi então que resolvemos erguer a creche pelos nossos próprios meios e recorrendo ás pessoas que quisessem ajudar-nos. Conseguirmos o terreno foi a base de tudo...**

— **Fica ali em cima** - interrompe um dos companheiros - **quer ver? O projecto compreende uma sala de repouso, refeitório, sala de enfermagem, gabinete médico, gabinete de direcção, balneários, instalações sanitárias e um pequeno parque de recreio. De início, terá capacidade para 50 crianças, susceptível de ser aumentada.**

— Portanto, só falta angariar os materiais?

— **Pràticamente, é só o que falta. Depois de construído o edifício, contamos que nos ofereçam alguns móveis antigos. A Santa Casa dá-nos um subsídio para alimentação das crianças. Também contamos conseguir assistência médica gratuita. Quantos aos materiais, ficamos à espera que as grandes empresas de construção nos ajudem...**

Talaíde, povoação pobre, circundada por zonas fabris e urbanas, reflexo da expansão das empresas construtoras. Que talvez um dia venham a utilizar a força de homens e mulheres que hoje são meninos de rua...

Molière segundo Bulgakov

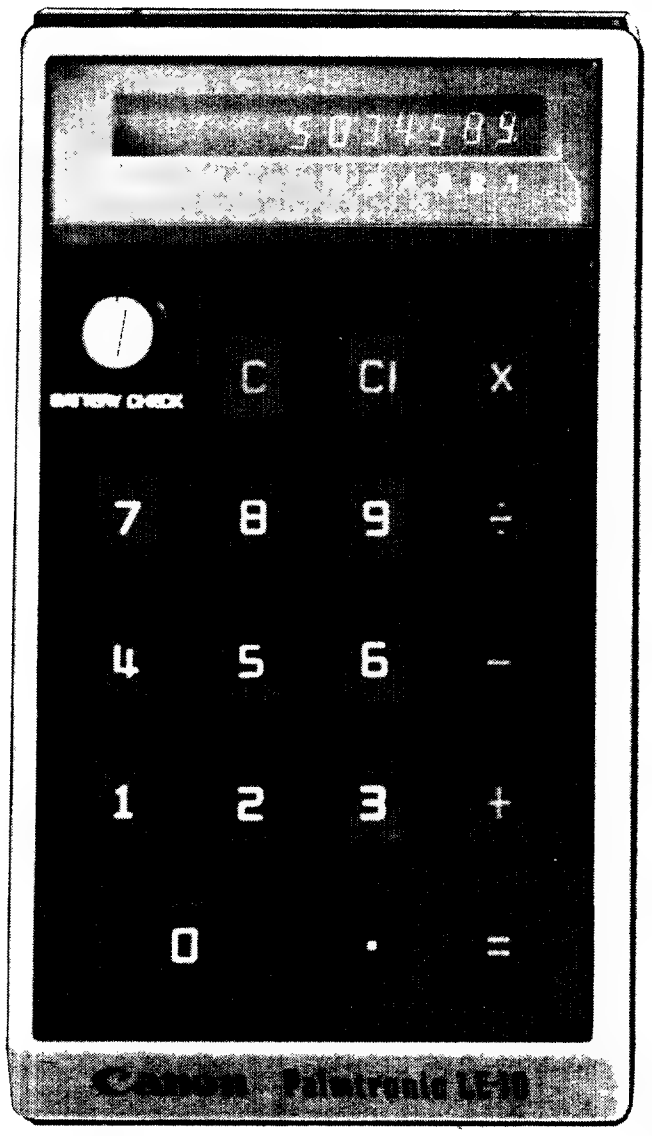
A peça de Mikhail Bulgakov, «Molière», está a ser representada pela primeira vez na Inglaterra. A estreia teve lugar no teatro «Shaw» de Londres e o elenco, sob a direcção de Jean Benedetti, é constituído pelos alunos do colégio «Rose Bruford».

"América Negra" em Madrid

No próximo dia 19 de Abril subirá à cena no Teatro da Comédia de Madrid a peça de Vicente Romero e Lorna Greyson, denominada «América Negra». A peça conta os problemas do povo negro norte-americano através dos seus poemas e das suas canções.

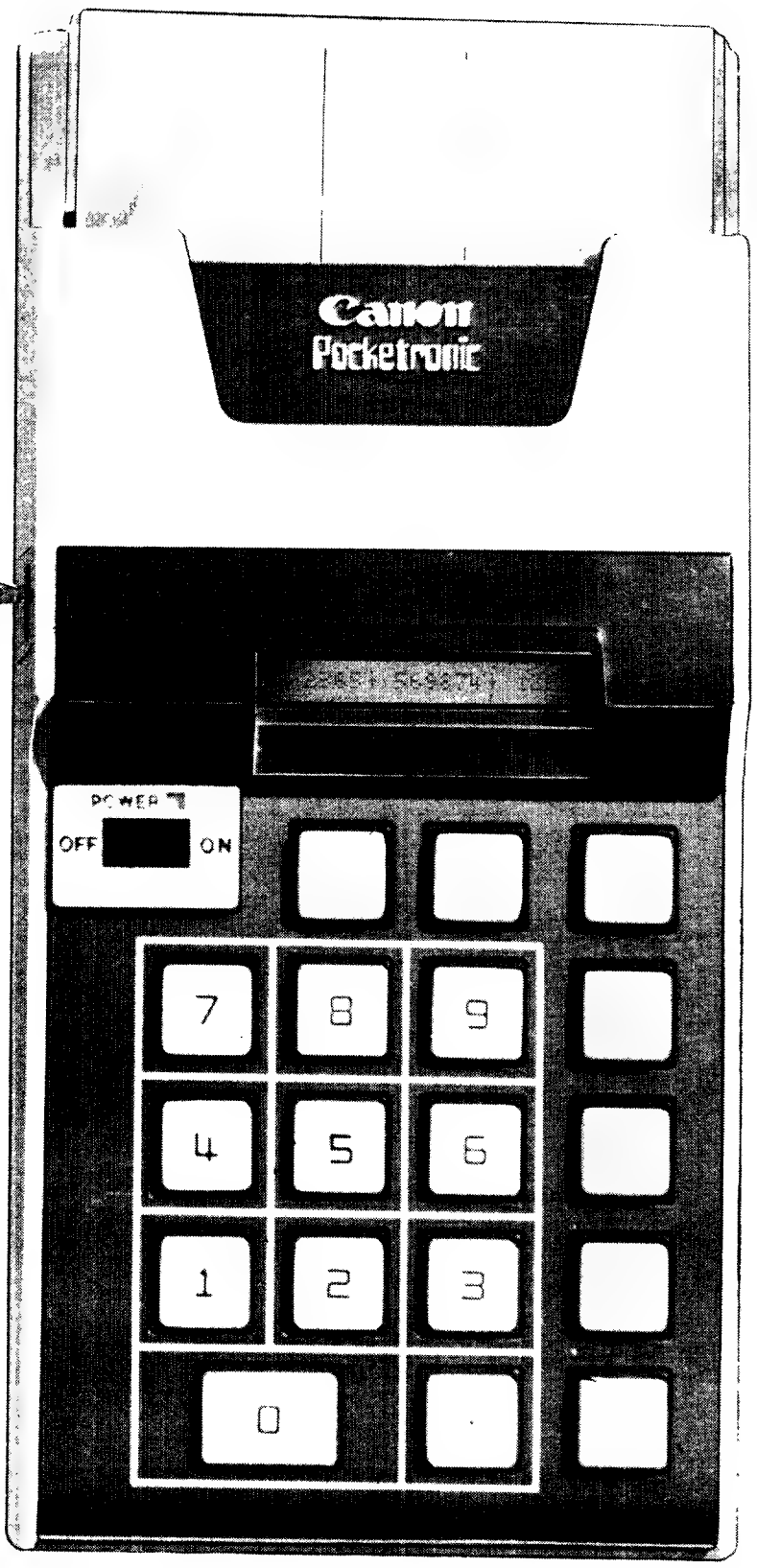
Canon sempre na vanguarda

DOIS RECORDES BATIDOS



10 DIGITOS + CONSTANTE • PILHAS + BATERIA + CORRENTE

tamanhos reais



12 DIGITOS + CONSTANTE + IMPRESSORA • BATERIA + CORRENTE

AS MAIS PEQUENAS CALCULADORAS ELECTRÓNICAS E A ÚNICA QUE POSSIBILITA A IMPRESSÃO TOTAL DO CÁLCULO PARA CONFERÊNCIA.

Canon Comundo

unigrupo

LISBOA - Comundo Dep. de equip. de escrit. - tel. 537091 - PORTO - Sonipol SARL, tel. 20553 - AVEIRO - Zume, Lda. tel. 25071 - COIMBRA - Zume, Lda. - tel. 24456
FARO - A Mecanográfica - tel. 22291 — FUNCHAL - Tecofi - tel. 22363 — SANTARÉM - Abel da Silva - tel. 24518 — PONTA DELGADA - Pereira & Pereira, Lda. - tel. 22672

1947
1972
Dardo
25
anos

OFERECE UMA MOEDA OLÍMPICA DE PRATA

NA COMPRA DO NOVO TELEVISOR

SIEMENS
OLYMPIC

O MELHOR NA TÉCNICA E NO PREÇO

7
LOJAS DARDO

AVENIDA DA LIBERDADE, 131
AV. ALMIRANTE REIS, 124
PRAÇA DE LONDRES, 7
RUA DE S. BENTO, 53-57
RUA D. ESTEFÂNEA, 193, D-E
R. GONÇALVES CRESPO, 26-B
R. 1.º DE MAIO, 146 (S. Amaro)

Dada a dificuldade na obtenção de moedas olímpicas, o prazo desta campanha é limitado.

Kingfisher Vinyl

PAPEL MODERNO
PARA REVESTIMENTO DE PAREDES.
NOVOS PADRÕES — NOVAS CORES.
COLECÇÃO 1972/73
Pessoal Técnico especializado
para assentamento
OXIDEX
Av. João Crisóstomo, 10-B — Telef. 53 23 83

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

PARA O PERÍODO DE 16 A 22 DE ABRIL

horōscopo

pelo astrólogo HORUS

ARIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Período bastante equilibrado. Não altere os seus projectos, prossiga na sua realização, pois os resultados não se farão esperar. Terá oportunidade de fazer uma viagem agradável. Estabelecer-se-ão boas amizades e poderá revelar a sua aptidão para receber visitas e hóspedes.

DINHEIRO: Procure ter sequência nas ideias e na acção, pois isso permitir-lhe-á atingir o objectivo e de maneira mais favorável. Sucesso bastante apreciável no domínio pecuniário.

PROFISSÃO: Se tem alguma reclamação ou alteração a fazer sobre o seu trabalho aproveite esta semana, pois terá sucesso. Não receie abordar os problemas que vos aborrecem, pois encontrará a solução adequada.

SAUDE: Seja prudente principalmente se pratica desportos, algo violentos, pois corre o risco de quedas ou ferimentos na cabeça.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Ajudando os outros, isto lhe proporcionará uma sensação de profundo bem-estar. Seja original e tome a iniciativa sempre que possível. Receberá de pessoas de sua família, benefícios que, o farão muito feliz. Estimule os outros com jovialidade. Terá prazer em se misturar com pessoas de tipos de vida diferente da sua e poderá ter aventuras muito interessantes.

DINHEIRO: Pode continuar numa fase de gastos excessivos de tal maneira que uma completa revisão do seu orçamento se torne necessária no fim da semana. Será mais feliz se controlar suas despesas e pensar que não é no custo que está o valor real dos presentes.

PROFISSÃO: Não seria feliz se a sua vida significasse algo mais do que simples divertimento. De facto as melhores alegrias deste período poderão vir do cumprimento dos seus deveres de uma maneira notável. Na verdade, sua carreira profissional pede o máximo de sua atenção, nesta semana. Poderão ocorrer mudanças nas suas condições de trabalho, que aumentarão as suas alegrias.

SAUDE: Acautele-se com a saúde, nada de excessos alimentares ou outros. Ao menor sintoma de alteração de saúde consulte o seu médico.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Se surgirem aborrecimentos em sua vida sentimental, atribua a culpa sòmente a si; mostre-se mais indulgente, mais amável, mais conciliante, se quiser alcançar a felicidade.

DINHEIRO: Os planos agora estabelecidos terão um desenvolvimento favorável no futuro; no entanto são prováveis alguns contratempos, pelo que terá de dar provas de paciência.

PROFISSÃO: E de aconselhar que faça o melhor uso das suas qualidades profissionais, evitando a brusquidão ou a intransigência. O seu prestígio pessoal só terá a ganhar com isso, no futuro.

SAUDE: Verifique a sua tendência para a gulodice, que muito prejudicará o seu estomago.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Satisfação de amor-próprio, depois de uma mudança de opinião a seu respeito. O ambiente familiar evoluirá favoràvelmente, depois da elaboração de novos planos a ele referentes. Procure distrair-se e esquecer por momentos as preocupações quotidianas.

DINHEIRO: Faça novos planos para o futuro e algumas inovações em seu trabalho lhe será muito favorável. Tome cautela nas despesas. E preciso agir ràpidamente sempre que os seus interesses estejam em jogo.

PROFISSÃO: As suas iniciativas pessoais serão coroadas de êxito, sobretudo no quadro profissional. A sua situação tende a afirmar-se e a estabilizar-se graças à sua eficiência pessoal.

SAUDE: Não leia demasiadamente; não perca o controle dos nervos e tudo será bem resolvido.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Não acredite em todas as promessas que lhe fizerem, e examine meticulosamente cada uma das situações em que se encontrar. Dê ouvidos à sua própria intuição, se quiser alterar seus planos.

DINHEIRO: A audácia e espírito resoluto proporcionar-lhe-ão o êxito num empreendimento que se propõe levar a cabo. Período importante e favorável para os problemas pecuniários. Boas probalidades de ganhos por meio da lotaria, jogos, especulações.

PROFISSÃO: Progresso apreciável no desenvolvimento dos seus assuntos profissionais e pecuniários. Evite, na medida do possível, um litígio com um superior mal intencionado a seu respeito.

SAUDE: Saúde, beleza, sedução, serão reforçados por cuidados e precauções para consolidar a energia vital.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Certifique-se de que está a par das coisas que lhe interessam. Haverá elementos favoráveis agindo para ajudar a ajustar satisfatòriamente assuntos sentimentais. A pessoa amada tudo fará nesta semana para ve-lo alegre e feliz; seja compreensivo e carinhoso.

DINHEIRO: Poderá progredir bastante, focalizando a atenção nas coisas importantes que precisam ser cuidadas este período. Concentre-se nos seus empreendimentos, em curso, sem se deixar tentar por uma proposta nova que peca por falta de solidez e profundidade.

PROFISSÃO: Notícias importantes a respeito duma grande viagem ao estrangeiro; faria bem em dar-lhe seguimento de maneira positiva. Se é comerciante ou industrial a sorte sorri-lhe-à particularmente.

SAUDE: Será satisfatória; com a condição de caminhar bastante ao ar livre, fazer respirações profundas para se desentoxicar.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: O seu ambiente doméstico está sob influências benéficas no presente período. Isso quer dizer que as suas relações de família serão harmoniosas e agradáveis. Os astros favorecem esta semana, particularmente, tudo o que se refira a este sector. As perspectivas são brilhantes para os jovens em especial.

DINHEIRO: Seja prudente no emprego do seu dinheiro. As suas esperanças não se realizarão e virão um pouco abaixo das suas previsões. Portanto, não faça despesas fúteis, porque terá de enfrentar compromissos inadiáveis a que não deve furtar-se.

PROFISSÃO: Em certos momentos deste período reinará uma certa confusão no seu espírito, acompanhada de mau-humor. Esforce-se para que tudo corra calmamente, não levante atritos nem faça modificações ou mesmo altere o seu procedimento habitual na sua vida profissional, igualmente não entre em desacordos com ninguém.

SAUDE: Não se exceda na sua vida social. Divirta-se, mas sem prejudicar a saúde.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: A sua vida social é protegida por magnificas influências durante este período. Assim gozará de grande popularidade no círculo das suas relações. A sua disposição amável e espírito de conciliação criarão à sua volta um ambiente agradável e harmonioso.

DINHEIRO Esplêndida oportunidade para realizar fundos. O dinheiro aparecerá donde e quando menos esperar. Por outro lado; há indícios de despesas exageradas, principalmente no capítulo das distracções e divertimentos. A sorte está do seu lado. Aproveite-a!

PROFISSÃO: Sua agilidade mental está sob o estímulo das boas radiações astrais. Aproveite para esclarecer situações duvidosas, encontrando para elas a solução desejada. O trabalho poderá ser realizado satisfatòriamente com rapidez e eficiência.

SAUDE: A boa saúde exige repouso e tranquilidade. Portanto, tenha cuidado com a sua vida social, para não cometer excessos. A moderação é o que lhe recomendamos.

SAGITTARIUS

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: O seu planeta-guia está em posição desfavorável, forçando-vos a mudar de atitude em relação a certas coisas. Procure ceder diante da pessoa amada e trate de tomar novas orientações.

DINHEIRO: Conte sobretudo com os seus ganhos profissionais, porque as questões financeiras relacionadas com jogos e especulações não estão favorecidas. Desta forma, as despesas talvez tentam de ser diminuídas.

PROFISSÃO: Tendências favoráveis no domínio profissional. Novas decisões são recebidas com entusiasmo, podendo portanto seguir em frente, na tarefa que empreendeu recentemente. Novas decisões depois de uma mensagem longamente esperada.

SAUDE: Da calma e descanso dependerá a sua saúde, nada de excessos.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Fará bem em confiar plenamente na pessoa amada para as iniciativas e a cooperação de que necessita, pois ela saberá como realizar melhor as coisas. Se souber agir hàbilmente os resultados serão bons.

DINHEIRO: Boas perspectivas no domínio pecuniário, visto que as transacções e especulações estão bem influenciadas. Desconfie entretanto duma certa tendência ao exagero.

PROFISSÃO: Durante esta semana seja prudente nos seus contactos com o meio profissional, para não provocar divergências inúteis e contrárias aos seus interesses. As outras pessoas poderão estar lentas em tomar decisões ou aceitar planos e propostas. Não as apresse, porém, e seja paciente.

SAUDE: Suprima por alguns dias a carne, e salsicharia.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: A sua vida sentimental poderá conhecer uma semana movimentada; evite ao máximo as discussões e sobretudo um rompimento. Aprenda a reagir convenientemente às sugestões no seu meio familiar. Procure ser mais caloroso na expressão dos seus sentimentos, dos seus afectos.

DINHEIRO: Cuide dos assuntos não resolvidos que estão exigindo atenção e use de cautela nas despesas. Procure seguir, se possível os planos prèviamente traçados. Não conte muito com o apoio alheio.

PROFISSÃO: Não se aborreça com uma pessoa influente da qual tem necessidade para manter um conhecimentosocialmenteinteressante Evite, no quadro profissional, dar demasiada importância aos detalhes.

SAUDE: Tenha cuidado com os resfriados no decurso das suas deslocações.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Não adie por mais tempo uma explicação necessária com pessoas de família; tem de saber impor-se no seu meio familiar, porque a realização dos seus projectos para o futuro depende disso.

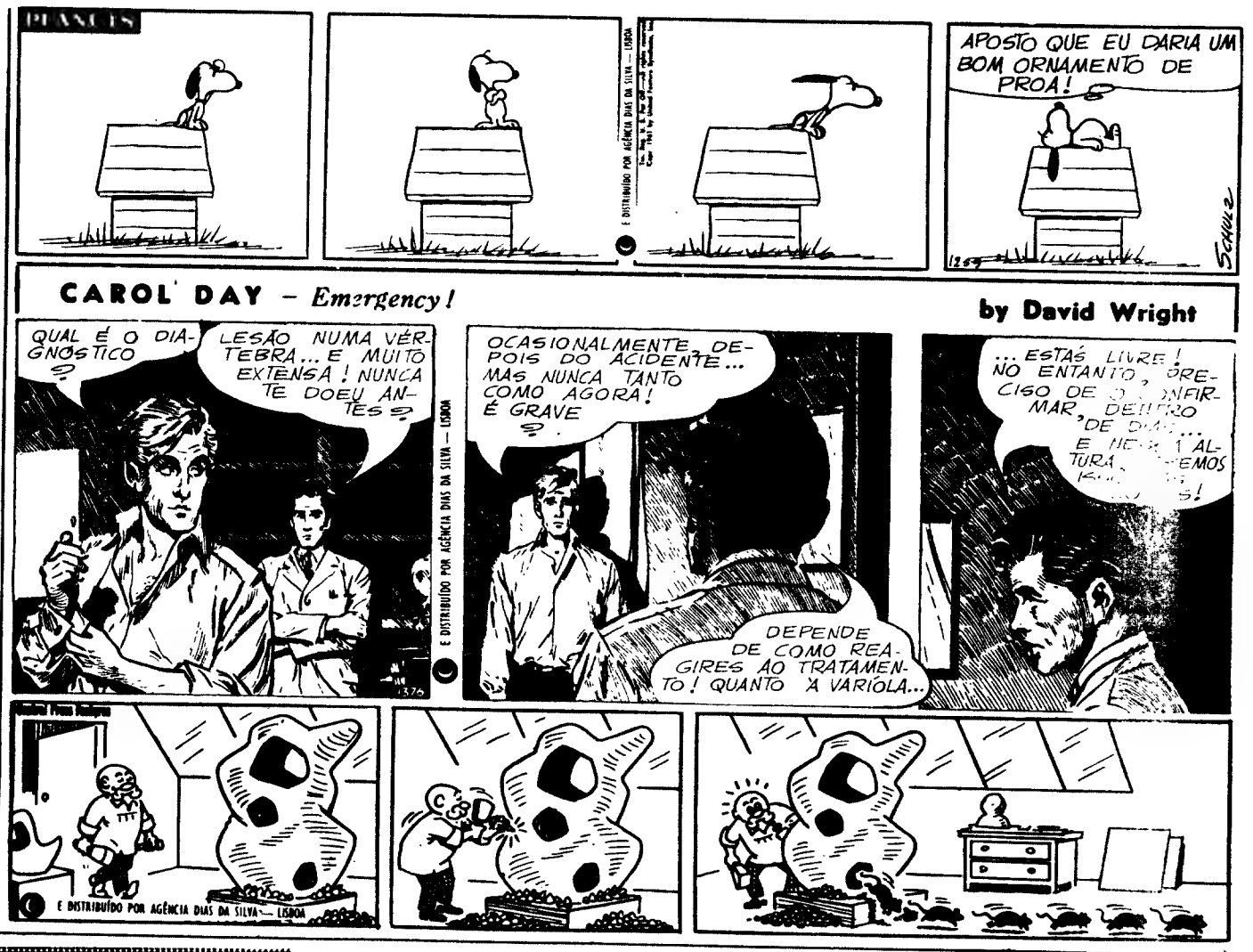
DINHEIRO: Concentre-se de preferência nos assuntos actualmente em curso; uma demora não é um revés, modere a sua impaciência; tudo terminará bem.

PROFISSÃO: Está em condições de conduzir uma acção destinada a aproximá-lo duma pessoa que julga útil para as suas ambições profissionais. Sucesso, graças a uma atitude maleável e compreensiva.

SAUDE: Alguns riscos do lado dos rins; procure fazer uma cura de depuração adequada. Consulte seu médico.

As flores de Grace

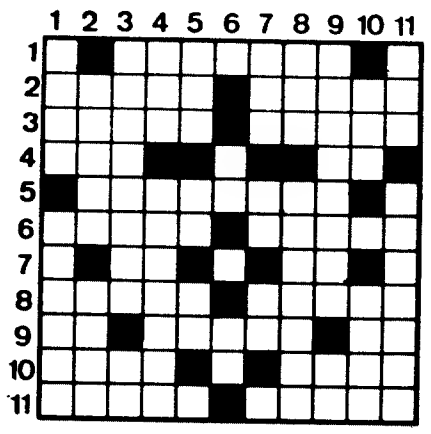
Grace Rymer, norte-americana especializada em decoração floral, está a realizar uma exposição de flores na Praia da Rocha, destinando-se a receita á Igreja Anglicana local. Grace, na foto com France Vasconcelos, é muito famosa nos Estados Unidos, tendo tido a seu cargo a ornamentação do baile que assinalou na Casa Branca a posse do Presidente Nixon



palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 063



HORIZONTAIS:

1 Festa anual dos Judeus, em memória da sua saída do Egipto (pl).
2 Apura. Enterra.
3 Freguesia do concelho de Coimbra. Naipe das cartas de jogar.
4 Chefe etíope (inv.º). Em partes iguais.
5 Esforços.
6 Tomes moça (Bras.). Quemar.
7 Viração. Pronome reflexo.
8 Rio dos Países Baixos. Cargo de ministro de Estado (fig.).
9 Porco. Dormir (Infant). Preposição latina que designa movimento.
10 O mesmo que aleia. Baú.
11 Arbusto trepador de Angola. Tiras de fígado temperadas e fritas.

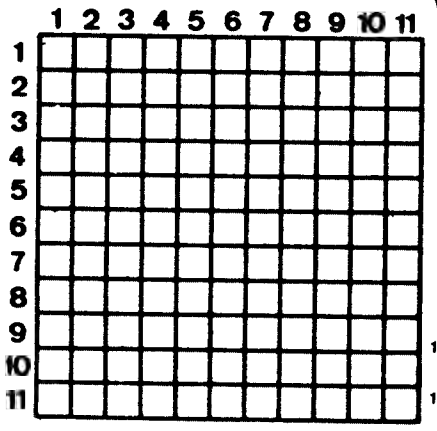
VERTICAIS:

1 Origens. Primeira parte do nome de uma freguesia do concelho de Alcanena.
2 Fio ténue. Planta do pé.
3 Partidas. Tempo do verbo ser.
4 Nome de mulher. Calmas.
5 Sadia. Abreviatura de Santíssimo. Nota musical.
6 Bário (s.q.). Laço.
7 Vazio. Oferece. Deus dos pastores.
8 Apelido. Tostaras.
9 Curasses. Duas consoantes desiguais.
10 Explode (fig). Copo.
11 Fúteis. Servas.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6221



HORIZONTAIS:

1 Rio do estado de Mato Grosso. Entre os Filipinos, a divindade. Romeiro de Meca.
2 Cidade da Albânia. Dar a cor do mel a.
3 Artigo definido. Repitas. Sódio (s.q.).
4 Roer. Descer do cavalo, ou de qualquer veículo.
5 Mulher que compra e vende roupas usadas. Récova.
6 Estimar. Lavrai.
7 Atmosfera. Sopro.
8 Campeão. O mesmo que lutar. Sufixo que designa estado.
9 Cidade de Itália. Resmungo.
10 Boi selvagem. Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Suspiros.
11 Freguesia do concelho e distrito de Aveiro Cabeça (pop)

VERTICAIS:

1 Formara as abas a. Pequena ave do Brasil.
2 Aquilo que se pesa de uma vez. Xaile das mulheres índias e parses.
3 Brisa. Assunto. Grande quantidade.
4 Comoveram.
5 Convidar para dançar (Bras.). Carril, calha de ferro.
6 Duzentos em romano.
7 Guarnecera de ameias. Estimam.
8 Aguardara.
9 O mais. Dar aviso de alguma coisa em voz alta Chiste.
10 Pequeno cão selvagem, ágil e bravo do Brasil. Vagar.
11 Encolerizara. Freguesia do concelho de Guimarães.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 062

HORIZONTAIS

VERTICAIS

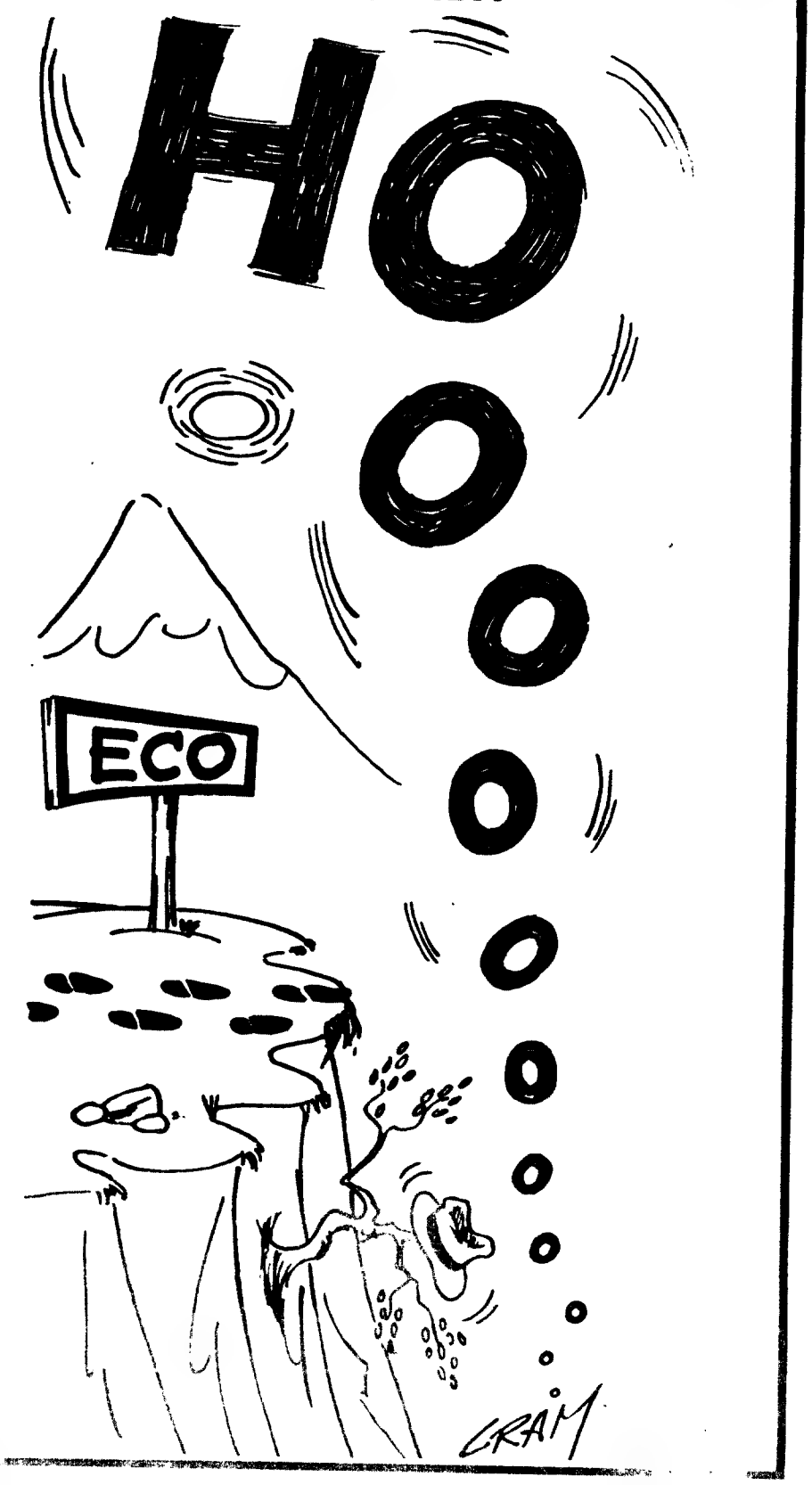
1 PE...

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6220

HORIZONTAIS

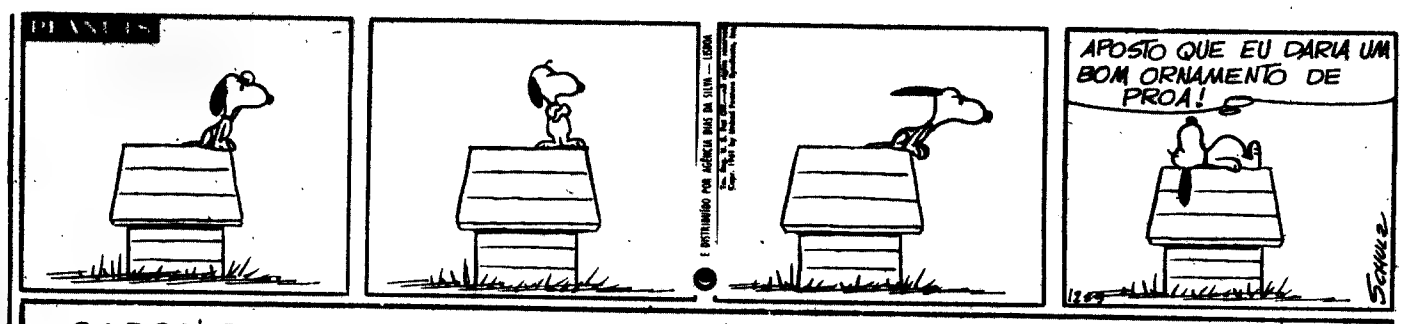
VERTICAIS

SEM LEGENDA



As flores de Grace

Grace Rymer, norte-americana especializada em decoração floral, está a realizar uma exposição de flores na Praia da Rocha, destinando-se a receita á Igreja Anglicana local. Grace, na foto com France Vasconcelos, é muito famosa nos Estados Unidos, tendo tido a seu cargo a ornamentação do baile que assinalou na Casa Branca a posse do Presidente Nixon



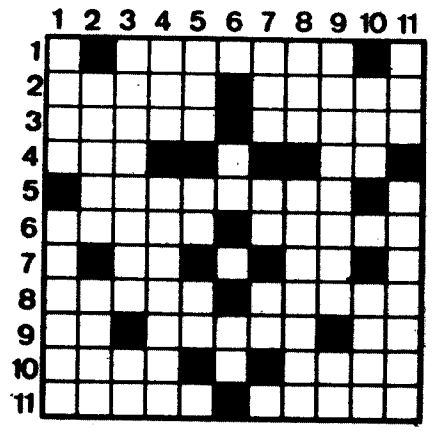
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 063

HORIZONTAIS:

1 Festa anual dos Judeus, em memória da sua saída do Egipto (pl).
2 Apura. Enterra.
3 Freguesia do concelho de Coimbra. Naipe das cartas de jogar.
4 Chefe etíope (inv.º). Em partes iguais.
5 Esforços.
6 Tomes moça (Bras.). Queimar.
7 Viração. Pronome reflexo.
8 Rio dos Países Baixos. Cargo de ministro de Estado (fig.).
9 Porco. Dormir (Infant). Preposição latina que designa movimento.
10 O mesmo que aleia. Baú.
11 Arbusto trepador de Angola. Tiras de fígado temperadas e fritas.



VERTICAIS:

1 Origens. Primeira parte do nome de uma freguesia do concelho de Alcanena.
2 Fio ténue. Planta do pé.
3 Partidas. Tempo do verbo ser.
4 Nome de mulher. Calmas.
5 Sadia. Abreviatura de Santíssimo. Nota musical.
6 Bário (s.q.). Laço.
7 Vazio. Oferece. Deus dos pastores.
8 Apelido. Tostaras.
9 Curasses. Duas consoantes desiguais.
10 Explode (fig). Copo.
11 Fúteis. Servas.

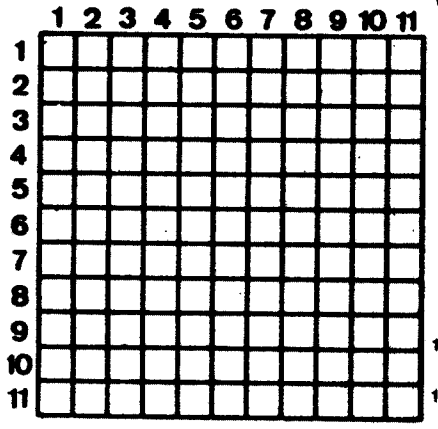
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6221

HORIZONTAIS:

1 Rio do estado de Mato Grosso. Entre os Filipinos, a divindade. Romeiro de Meca.
2 Cidade da Albânia. Dar a cor do mel a.
3 Artigo definido. Repitas. Sódio (s.q.).
4 Roer. Descer do cavalo, ou de qualquer veículo.
5 Mulher que compra e vende roupas usadas. Récova.
6 Estimar. Lavrai.
7 Atmosfera. Sopro.
8 Campeão. O mesmo que lutar. Sufixo que designa estado.
9 Cidade de Itália. Resmungo.
10 Boi selvagem. Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Suspiros.
11 Freguesia do concelho e distrito de Aveiro. Cabeça (pop)



VERTICAIS:

1 Formara as abas a. Pequena ave do Brasil.
2 Aquilo que se pesa de uma vez. Xaile das mulheres índias e parses.
3 Brisa. Assunto. Grande quantidade.
4 Comoveram.
5 Convidar para dançar (Bras.). Carril, calha de ferro.
6 Duzentos em romano.
7 Guarnecera de ameias. Estimam.
8 Aguardara.
9 O mais. Dar aviso de alguma coisa em voz alta. Chiste.
10 Pequeno cão selvagem, ágil e bravo do Brasil. Vagar.
11 Encolerizara. Freguesia do concelho de Guimarães.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 062

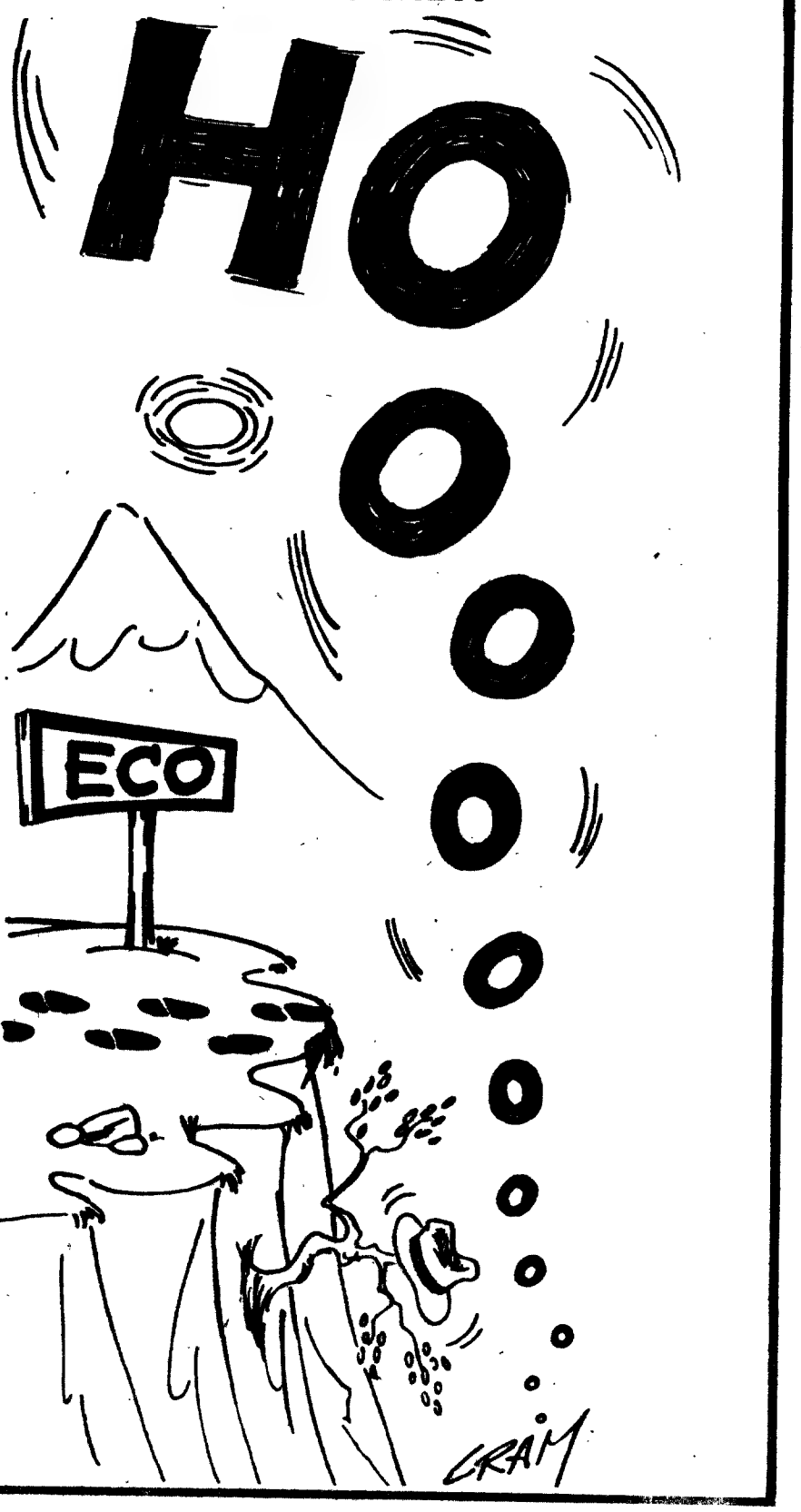
HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Provara. Gas	1 PEIXES. Cair
2 Reia Gato	2 Airó. NÃO.
3 Nem. Fama.	3 Ornes. Nauta
4 Xaém. Caro.	4 VEEM. Berre
5 Eis. Borras	5 Arm. Barro. A
6 Si. Aa. O[illegible]	6 Ra. Co. Aá. CV
7 [illegible]eras. A[illegible]	7 Para. A[illegible]
8 Airá. Amor	8 Garra. AGUA
9 Amuro. Age	9 Garoa. Amear
10 [illegible]ute. Crua	10 Ati. Soro.
11 Boi. Avar[illegible]	11 Soam. Serras

PROVÉRBIO Os peixes não vêem a água.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6220

HORIZONTAIS	VERTICAIS:
1 Âmpe[illegible]. Amuré.	1 Amorar. Amri
2 Ma[illegible]na. Caras.	2 Malo. Atrais.
3 [illegible]. Caim	3 Piela. Arimo.
4 Roi. Aná. Não	4 Eno. Vilas.
5 Aviarão	5 Ra. Airas. Co
6 Rá. Ir. Ca	6 Uno. Tré
7 Tala. Mali	7 Ac. Aroma. Ut
8 Arrasta. as	8 Mar. Asara
9 Mais. Aaro	9 Urano. Praça
10 Rim. Cáu. Cal.	10 Rara. Cram
11 Isolo. Trama	11 Esmola. Sola

SEM LEGENDA



SHER — SOCIEDADE HIDRO-ELÉCTRICA DO REVUÈ, S. A. R. L.

Capital: 250 000 Contos

SEDE: AVENIDA CINCO DE OUTUBRO, N.º 95-2.º — LISBOA

ACÇÕES

PAGAMENTO DO DIVIDENDO DE 1969

Comunica-se aos Senhores Accionistas que a partir do dia 17 do corrente mês de Abril se encontra a pagamento, também na Metrópole, o dividendo de 40$00 por acção, cativo de impostos, relativo ao exercício de 1969, votado na Assembleia Geral Ordinária de 21 de Maio de 1970.

As importâncias a pagar por acção, líquidas de impostos, são as seguintes:

acções nominativas	35$18,46
acções ao portador	26$50,096
acções ao portador registadas	35$50.96
acções averbadas às Instituições de Previdência	39$67,5

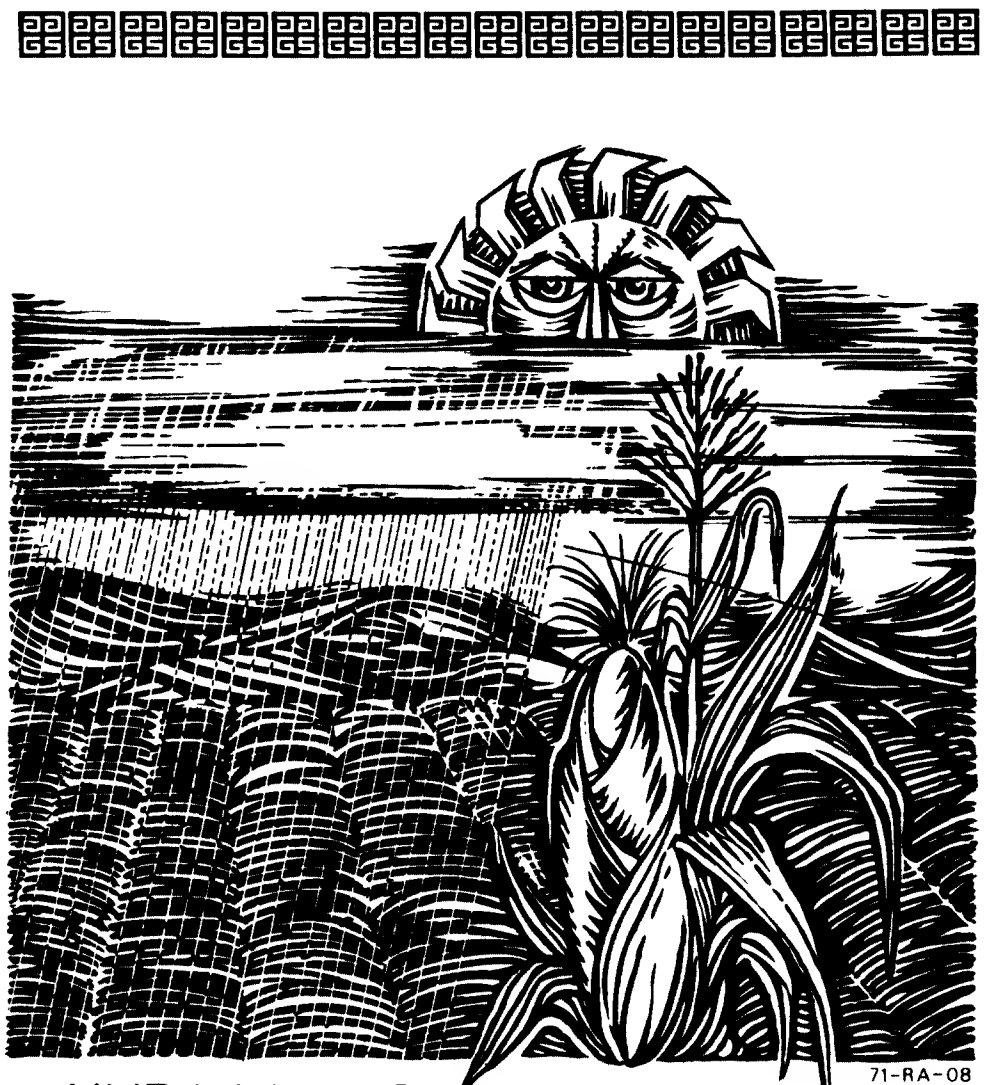
O dividendo das acções pertencentes ao Estado, Governo Geral de Moçambique e Instituições de Previdência será pago na Sede da Sociedade, para o que se torna necessário a apresentação dos títulos respectivos, a fim de serem carimbados.

O pagamento do dividendo aos restantes Accionistas será efectuado mediante a apresentação dos títulos, nos seguintes estabelecimentos de crédito:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO TOTTA & AÇORES
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS
PANCADA, MORAES & C.ª
BANCO PINTO DE MAGALHÃES

Lisboa, 11 de Abril de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



AINDA MELHOR QUE CHUVA
REGA POR ASPERSÃO
J.J.GONÇALVES,SUCRS.C.I. S.A.R.L.
ao serviço da lavoura
PROJECTA*ORÇAMENTA*EXECUTA
SOLICITE-NOS INFORMAÇÃO COMPLETA
AZINHAGA DOS LAMEIROS (ESTRADA DO PAÇO DO LUMIAR) — LISBOA-4 — TEL 794095/8
71-RA-08

televisão

SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

12.30 Abertura e Missa de Domingo
13.10 Dia do Senhor
13.30 Nos Bastidores da Aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Série Juvenil «Robin dos Bosques»
14.25 Hoje pode ver
14.40 TV Educativa
14.45 Eurovisão - Prova de ciclismo Paris-Roubaix
16.35 Tarde de cinema
17.10 Expedição
17.35 Vamos aprender judo
18.10 TV Rural
18.40 Eurovisão: Lançamento da Apolo XIV
19.15 Domingo Desportivo — 1.ª edição
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Cinema 72
20.10 Série comédia «Os Mausões de Chicago»
20.30 TV 7
21.35 Telejornal - 3.ª Edição
22.30 «Longstreet»
23.50 Domingo Desportivo — 2.ª edição
00.15 Telejornal — últimas notícias
00.20 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e dó lá si
21.00 Série filmada «Honney Mooners»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.30 50 Anos de História
23.50 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino Singular
13.15 Filme da série «Uma mãe para Eddie»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.25 Logo à noite
13.45 Fecho

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme Infantil
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.05 Porta aberta
20.30 Povo que canta
21.00 Série de aventuras «Na Terra do Arco Íris»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Concurso «O Jogo do Galo»
22.40 Civilização
23.25 Telejornal — últimas notícias
23.35 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e um dia com...
21.00 Filme de série «Uma mãe para Eddie»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «Cada segundo conta»
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Águas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo e o vento era fraco ou moderado do quadrante Norte soprando com rajadas em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	14.º
PENHAS DOUR.	7.º
COIMBRA	14.º
PORTALEGRE	11.º
LISBOA	15.º
FARO	20.º
FUNCHAL	15.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS E ALVALADE
Máxima 26,5.º

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 0.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,4.º
Atmosfera 14,5.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.46	4,0 m	11.20	0,7 m
18.06	4,0 m	23.48	0,7 m
Dia 17			
6.34	3,8 m		
18.53	3,9 m	12.05	0,9 m
Dia 18			
7.27	3,6 m	0.39	0,9 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Continuação do tempo quente com o céu geralmente limpo; vento fraco a moderado do quadrante Norte soprando por vezes com rajadas.

AMANHÃ

Nascer às 6.59
Ocaso às 20.15

Dia 20 Dia 28 Dia 6 Dia 13

rádio

EMISSORA 1.º Programa

15.30 Tarde desportiva — rádio desporto - futebol; relato e informações dos jogos da 26ª jornada do Campeonato Nacional da 1ª divisão — actualidade desportiva
18.30 Música sem palavras
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 rádio desporto
21.30 Variedades no estúdio
22.00 Teatro das comédias: «Um caso de Consciência», de Fausto Correia Leite
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro, por Fernando Correia
00.30 Diário sonoro
00.45 De um dia para o outro (cont.)
02.00 Fecho

FM 2

15.30 Perspectivas da obra instrumental de Bela Bartok
16.30 1.º acto da «Opera d'Aran» (Becaud)
17.40 Concerto n.º 1 em mi bemol maior op 11 para trompa e orq. (Strauss)
18.00 Junção

Estereofónico - MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Cantata BWV 205 «Eolo Apaziguado» (Bach)
22.50 Musica de piano
23.15 Obras de Brahms e Mozart
00.00 Serenata em ré menor para sopro, violoncelo e contrabaixo
00.30 Sonata op. 40 para violoncelo e piano, de Shostakovitch
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

15.55 Tarde desportiva
18.03 Projecção
18.30 Meia hora depois
18.45 Ritmos em desfile
19.02 Revista desportiva
20.00 Nota de abertura
20.07 Selecção para o seu jantar
20.30 De sete em sete dias
21.02 Leitura
21.30 Impacto
22.30 Quando o telefona toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.20 Grande roda
24.00 P.B.X
02.00 A noite é nossa
06.00 Diario rural
07.00 Talismã

MF

16.00 Pêndulo
18.00 O nosso programa
19.00 Vértice
21.00 Boa noite em FM
22.00 Programa à gó-gó
24.00 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Miramar

15.55 Tarde desportiva
18.01 Música e desporto
18.30 Banda de som
19.03 Conjunto
19.15 Campeão português
19.30 Boletim desportivo
20.10 Norte dia a dia
21.04 Viagens na nossa terra
21.30 A voz da esperança
22.03 Selecção de ritmos
22.15 A hora do templo
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

15.30 Onda desportiva
17.00 Música ao volante
17.45 Automobilismo
18.05 Boa viagem
18.30 Terço e missa
20.00 Zona verde — espaço ocupado pela família
20.35 Variedades
20.58 Meditando
21.00 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Canções da Europa
23.00 A 23.ª hora
24.00 Tempo Zip

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO PENINSULAR
Das 6 00 às 8.00 das 10 00 às 12 00 e das 22.00 às 2 00

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 8 00 às 10.00 e das 17 00 às 19.30

RÁDIO GRAÇA
Das 12.00 às 14.30 e das 19 30 ás 22.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 14.30 às 17 00

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Lídia, Calçada da Ajuda, 170 (Tel. 637318).

ALCÂNTARA
Infante Santo, R. do Olival, 290 (tel. 661003); **Probidade,** Rua de Alcântara, 15-A (Tel. 638589).

ALMIRANTE REIS
Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B (Tel. 50487).

ALTO DO PINA
Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (Tel. 841912)

ALVALADE
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (Tel. 712682); **Belo,** Av. de Roma, 53-A (Tel. 776314); **Estados Unidos,** Av. Estados Unidos da América, 16-B (Tel. 725859); **Rainha Santa,** Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Av. do Brasil) (Tel. 765262).

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (Tel. 790969)

ANJOS
Guerra, R. Andrade, 32 (Tel. 845513)

AREEIRO
Central, Avenida Paris, 2 (Tel. 720820)

AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges, Rua Alexandre Herculano, 28 (Tel. 40536); **Galénica,** Rua das Pretas, 12 (Tel. 322588).

AVENIDAS NOVAS
Cardote, Av. Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da República), (Tel. 772291); **Saldanha,** Av. Praia da Vitória, 53 (Tel. 43938); **Santa Maria,** Av. 5 de Outubro, 283-A (Tel. 763016).

BAIRRO ACTORES
Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B (Tel. 50487)

BAIRRO ALTO
Oliveira, R. D. Pedro V, 123 (Tel. 327880)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216)

BAIXA
Internacional, Rua Áurea, 228 (Tel. 322017).

BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124 (Tel. 783179); **Marques,** Estrada de Benfica, 648 (Tel. 700096); **Vitex,** Estrada de Benfica, 373-B (Tel. 780548).

CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (Tel. 680931); **Rualto,** Rua Alto do Carvalhão, 5-A (Tel. 651721)

CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (Tel. 666206); **Almeida,** Rua Silva Carvalho, 136 (Tel. 681726).

CHARNECA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Tel. 790969)

CONDE REDONDO
Contemporânea, R. Conde de Redondo, 26-30 (Tel 45048).

ESTRELA
Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139 (Tel. 661758).

GRAÇA
Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (Tel. 840125); **Monte (do),** R. Senhora do Monte, 30-A/B (Tel. 867842); **Anunciada,** Rua do Vigário, 74 (Tel. 866360); **Progressiva,** Rua de Santa Marinha, 18 (Tel. 863619)

GRILO
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Tel. 385264).

LUMIAR
Patuleia, R. do Lumiar, 120 (Tel. 790332).

OLIVAIS
Borges, Rua Cidade de Benguela, Lote 300 (Olivais-Sul) (Tel. 311091); **Central dos Olivais,** Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (Tel. 315539).

PEDROUÇOS
Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741)

PENHA DE FRANÇA
Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (Tel. 842533).

PICHELEIRA
Mariuz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395).

RESTELO
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741).

SANTO AMARO
Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A (Tel. 637070).

S. BENTO
Valentim, Rua Poço dos Negros, 88-90 (Tel. 679453)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (Tel. 42312).

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Miraflores, R. António Granjo, 2 (Tel. 213161)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)

PAREDE
Macau, R. José Garcia, 60-C (Tel. 2471785)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel. 253052)

ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (Tel. 260391)

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); **Nova,** Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I Lote 146-B.º Janeiro (Tel. 932756); **Central,** Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); **Igreja,** P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); **Jardim,** Av. Conde de Oeiras, Loja X-1 Reboleira (Tel. 938424).

DAMAIA
D. João V, Av. Kurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530)

QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045); **Correia,** L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832)

COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos, Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (Tel. 2760565)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302).

BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (Tel. 2273443)

COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Tel. 2764466)

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 6 (Tel. 239029)

MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)

SETUBAL
Bocageana, R. do Romeu (Tel. 23425); **Bairros,** B.º Santos Nicolau (Tel. 23330)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

SUB-TURNO A

Alírio de Barros, Suc. R. de Costa Cabral, 240; **Central,** Rua Santo António, 203; **Gomes Carneiro,** Rua Cedofeita, 348; **Magalhães,** Rua Serralves, 566; **Nova de Monsanto,** Rua Monsanto, 148; **Ribeiro Júnior, Suca,** Rua Firmeza, 99-A

SUB-TURNO B

Correia, P. M. de Albuquerque, 50; **Corujeira (da),** R. S. Roque Lameira, 1473; **Couto,** L. S. Domingos, 106; **Lapa (da),** Rua Antero Quental, 211; **Luso-Francesa,** Rua Sá da Bandeira, 140

COIMBRA

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 (tel. 22961); **Donato,** Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (tel. 22603); **Rainha Santa** Rua Figueira da Foz, 11 - B (tel. 24737).

BARS BOITES restaurantes DANCINGS

ARREDA — Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda Elenco: José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.as feiras. Consumo mínimo: 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — Conjunto Oliver). **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

ADEGA MESQUITA
Cantam: Fernanda Pinto, Natalina Bilarno, Alcindo Carvalho e Filipe Duarte Tocam: António Luís Gomes e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107, Telef. 328307.**

«PORTAS DO SOL» — Restaurante-Bar Almoços e Jantares e serviço de bar permanente. **Rua S. Tomé, 86. ABC, Alfama, Lisboa. Telef. 861633.**

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

ADEGA MACHADO Cantam: Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos. Tocam: Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

CASEBRE — Cantam: Carlos Barra, Julieta Brigue Zélia Lopes e Maria Jô-Jó. Tocam: Jorge Fontes e Júlio Gomes. Os Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra aos domingos. **R. da Barroca, 133. Tel. 369760.**

HIPOPÓTAMO Com Helder Reis. Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30) e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras (a partir das 20 horas).

cinemas ● cinemas ● cinemas

S. JORGE (Tel. 5453)
15 15-18.15-21.30
(Grupo D-18 anos 3.ª semana Sidney Poitier em «A ORGANIZAÇÃO» um filme espectacular

LYZ (Tel 48560)
15.00-21 00
(Grupo C-14 anos)
«IVAN O TERRÍVEL» uma realização de Sergei Eisenstein

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
14 30-16 45-19.00-21 45
(Grupo B - 10 anos) 2.ª semana «A MANTA VERMELHA» com Oleg Vidove e Gitte Haenning

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.00-17.00-19.00-21 45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana «PARIS VISTO P O R... de Erich Rohmer, Claude Chabrol Jan-Lue Godard, Jean-Daniel Pollet, Jean Rouch e Jean Douchet

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
Grupo C (4 anos)
9.ª Semana
NAO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces.

CONDES (Tel. 322523)
14.00 - 16.30 - 19.00 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
«OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO» com Kirk Douglas Yul Bryner e Samanta Eggar.

IMPÉRIO (Tel. 555134/5
15.15-18.30-21.30
(Grupo D - 18 anos). 2.ª Semana «A DÉCADA PRODIGIOSA» com Orson Welles, Marléne Jobert, Michel Piccoli e Anthony Perkins.

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
8.ª Semana triunfal com Renato Rascel, G. Granata e G. Giuffré «A TRANSPLANTAÇÃO»

ROMA (Tel. 7277778)
15.30-18 30-21.45
(Grupo D-18 anos)
«BULEVAR DO RUM» com Brigitte Bardot e Lino Ventura Às 15.15 - Últimas de «AQUELA SEXTA-FEIRA» (M. 14 anos)

BERNA (Tel. 776098)
15.15 e 21.00
(Grupo B - 10 anos) 3.ª semana «OS DEZ MANDAMENTOS» uma realização de Cecil B. de Mille no maior e mais sensacional filme de todos os tempos com Charlton Heston e Yul Brynner.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana «CASA NOVA 70». Realização de Mário Monicelli com a interpretação de Marcello Mastroiani e Virna Lisi (um filme cheio de riso e malícia).

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15 15-18 15-21.30
(Grupo D - 18 anos)
«A NOITE FEZ-SE PARA AMAR» com Warren Beatty e Julie Christie.

LONDRES (Tel. 730579)
14.15-16.30-18.45-21.45
«TRISTANA» com Catherine Deneuve, Fernando Rey e Franco Nero na obra-prima de BUÑUEL.
Cinema-Snack-bar-Pub «The Flag»
Faça três coisas num sítio só.

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15-18.15-21.45
(Grupo C - 14 anos). 2.ª Semana «A SOLTEIRONA» com Annie Girardot e Philippe Noiret.

LIDO
15.30-21.30
(Grupo D-18 anos)
«CAÇA AO HOMEM» com Oliver Reed e Candice Bergen
«VOCÊ SERIA CAPAZ DE UM TAL SACRIFÍCIO?». Um assunto sério tratado num «FILME SÓ PARA RIR»

ESTÚDIO (Tel. 585134/5
15.00-17 00-19.00-21.45
(Grupo C-14 anos)
«UMA ABELHA NA CHUVA» com Laura Soveral, João Guedes e Zita Duarte.

CASINO ESTORIL (Tel. 264945)
18.30 - 21.30
Grupo B (10 anos)
SIM, SR. HULOT
C/Jacques Tati, Maria Kimberly

EUROPA (Tel 661016)
15 15 - 21 30
(Grupo D - 18 anos)
6.ª semana «O GOLPE» com Jean Paul Belmondo e Omar Sharif. Hoje às 18 30 matinée infantil.

IMPERIAL (Tel 821933)
15 00-21 00
(Grupo D-18 anos)
com Marina Vlady e Renaud Verley «A MULHER E O DESEJO» e «O DIA DA VERGONHA» com Claudia Cardinale e Franco Nero
Às 18.30 (6 anos) «SE O MEU CARRO FALASSE»

VOX (Tel 720808)
15.15-18.30-21.45
(Grupo C - 14 anos) 3.ª Semana «O RECADO» O drama de uma geração com Maria Cabral e José Viana
Hoje às 11 h (6 anos) «APURADOS PARA TODO O SERVIÇO»

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos)
«GOLPE DE MESTRE» com Dean Martin, Carol White e Hnor Blackman

ROYAL (Tel. 885037)
15.00-21.00
(Grupo C-14 anos)
«NUMA ÁRVORE EMPOLEIRADO» o maior sucesso de gargalhada de Louis de Funés e «MISSÃO INQUIETANTE» com Marc Briand

AVIZ (Tel. 47173)
15.30 - 21.45
(Grupo B-10 anos 12.ª semana. O Western do ano «TRINITA-COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill e Bud Spencer, em Color-Scope

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15-18.30-21.45
(Grupo C - 14 anos)
«O SOLITÁRIO DO RIO GRANDE» com Gregori Peck e Pat Quinn, no último Western de Henry Hathaway

APOLO 70 (Tel. 763319)
14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45
(Grupo D-18 anos 2.ª semana O último filme de Milos Forman «TAKING OFF» (os amores de uma adolescente).

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

LAURA ALVES
21 45 - 18 anos
«Quem tem medo de Virginia Woolf»

CAPITÓLIO
20 45 e 23 (18 anos)
«Ora bolas pró pagode!»

VILLARET
21 e 23 (18 anos)
«Tartufo»

A.B.C.
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Viva a Pandilha»...

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Pronto a despir»

VASCO SANTANA
21.45 - 18 anos
«LAR»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Dança da morte em doze assaltos»

TRINDADE
21.45-18 anos
«A Gaivota»

S. CARLOS
21.45 (14 anos)
Ópera

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.30 (18 anos)
«Vejo tudo nu»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«Sem um adeus»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Vejo tudo nu»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Uma certa forma de amar»

MAYER
21.00 (10 anos)
«My Fair Lady»

OLIMPIA
21.00 (18 anos)
«A Máscara da morte vermelha»

UNIVERSAL
21.00 (10 anos)
«Capitão Nemo» e «A cidade submarina»

ARCO ÍRIS
21.00 (10 anos)
«Aventura na cidade»

JARDIM
21.00 (18 anos)
«A Condessa de Hong Kong»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21 30 (18 anos)
«A Filha de Ryan»

OEIRAS
Oeiras Cine
21 00 (18 anos)
«Caiu uma garota na minha sopa».

ESTORIL
Casino
18.30 21.30 (10 anos)
«Sim, sr. Hullot»

Palácio
21.30 (14 anos)
«As cartas do escorpião»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Sol vermelho»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Infame mentira»

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (14 anos)
«Teus olhos negros»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (17 anos)
«Dois à italiana»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (14 anos)
«Vagabundos selvagens».

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«O Quarto ao lado»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«Rosas brancas para minha irmã negra».

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«Tempos Modernos»

MONTIJO
Joaquim de Almeida
21.00 (18 anos)
«Agencia de Vigarices»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 18 anos
«Querida mamã»

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (18 anos)
«A Casa de Bernarda Alba»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«OS DEZ MANDAMENTOS»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«A Amante»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Adeus Columbus»

TRINDADE
21.30 (M. 18 anos)
«A viúva Couderc»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Get Carter»

NUNO ÁLVARES
21.30 (10 anos)
«Homens em fúria»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Morre monstro, morre»

COLISEU
21.30 14 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5.º»

ESTÚDIO
21 30 (18 anos)
«Remorso»

PASSOS MANUEL
21.00 (18 anos)
«O General Della Rovere»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Vejo tudo nu»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Vigilantes da floresta» e «Viagem fantástica»

COIMBRA

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«7 homens de ouro»

AVENIDA
21 30 (18 anos)
«Os Incorruptíveis contra a droga»

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«55 dias em Pequim»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Klute»

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOÃO LÚCIO DA SILVA
21.30 (10 anos)
«Tora! Tora! Tora!»

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S. A R L
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º2,º E-4.º
TELEF. 654531/ 2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS.
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

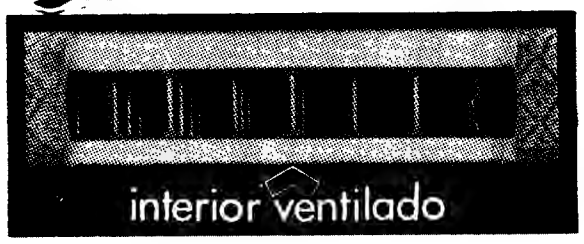
RÁDIO·TELEVISÃO·ESTEREOFONIA

o signo da qualidade e avanço técnico.

NIVICO

SOC DE REPRESENTAÇÕES
SIDA-SUECA, LDA.
R DE S NICOLAU, 44-48 • TEL. 369331 — LISBOA

Viva plenamente a sua vida
repousando num
belarte
Anatom
O COLCHÃO com 2 FACES
(ORTOPÉDICA E PREVENTIVA)



A maciez cientificamente dosada
de ANATOM permite um
relaxe perfeito, evitando as tensões
musculares provocadas pelos
colchões comuns e proporcionan-
do-lhe um despertar alegre,
sem fadiga ou dores nas costas.

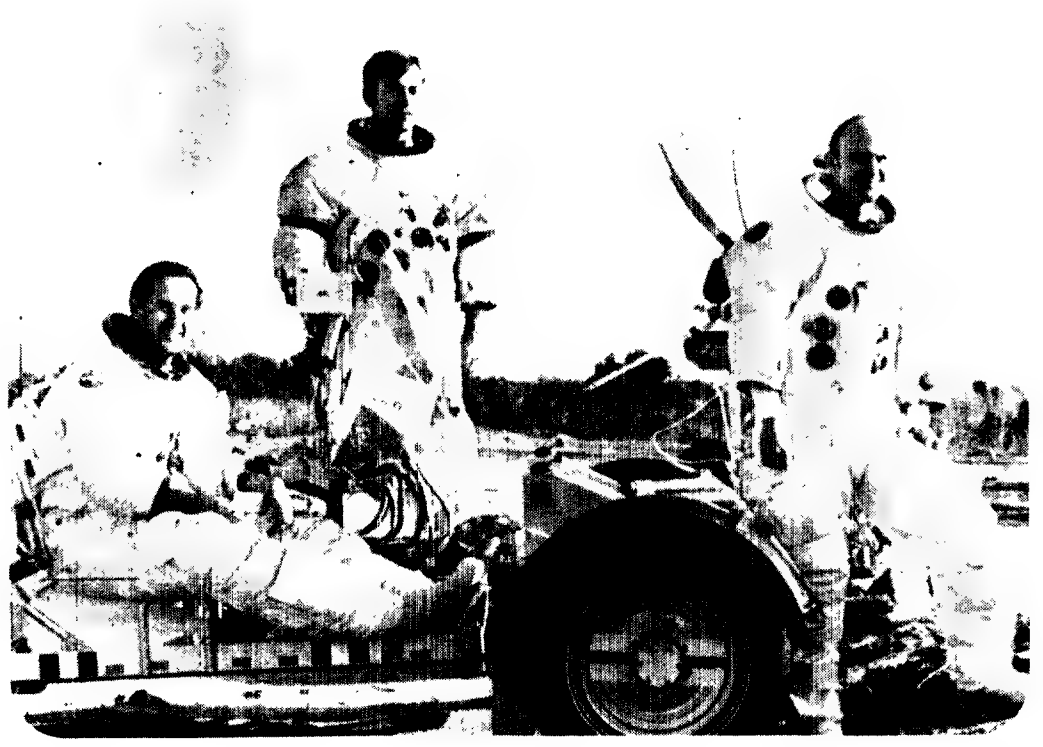
À venda só nas boas casas do ramo.

Fabricante exclusivo para Portugal, Espanha e África
M. HORTAS & CA LDA
R. das Rosas, 249-(Núcleo Industrial)
telfs. 902683·902841 Gueifães·Maia·Porto

O PRIMEIRO HOMEM A SER PAI NA LUA

WASHINGTON - Descartes, Gator, Spook, Palmetto, Stubby, North Ray, South Ray, Cayley. Nomes estranhos, lugares estranhos. Encontram-se quase a 400 mil quilómetros da Terra. As palavras tornar-se-ão familiares para milhões de radiouvintes e telespectadores durante o voo da Apollo 16, que culminará em mais uma alunagem.

Todos estes nomes foram dados pelos astronautas ou pelos cientistas a aspectos da superfície lunar próximos da região da Lua em que se espera que a Apollo 16 pouse suavemente.



Inúmeras modificações foram introduzidas no veículo que os astronautas da Apollo-16 conduzirão na superfície da Lua. Na foto acima, já envergando os seus trajes espaciais, Charles Duke (sentado), John Young e Thomas Mattingly ao lado do novo «lunar rover», no centro espacial Kennedy, em Houston, Texas.

A Apollo 16, cujo lançamento está previsto para as 17.54 T.M.G., de domingo, 16 de Abril, deve alunar numa planície rodeada de montanhas chamada Cayley, perto de uma cratera a que foi dado o nome de Descartes.

A contagem decrescente de seis dias que precede o lançamento teve início em 10 de Abril, com a entrada em funcionamento do grande relógio de contagem decrescente e a ligação dos circuitos eléctricos através dos quais a energia começou a ser fornecida ao gigantesco foguetão Saturno 5.

Em 11 de Abril, a tripulação da Apollo 16 - constituída pelos astronautas John W. Young, de 41 anos, comandante da nave, Thomas K. Mattingly, 35, piloto do módulo de comando, e Charles M. Duke, Jr., 36, piloto do módulo lunar - foi submetida a um exame médico de cinco horas, a última verificação principal antes de começar o seu voo de 12 dias.

Os médicos, que consideraram os astronautas em condições de empreenderem o voo, recolheram igualmente informações de carácter médico para posterior comparação com os dados recebidos pelo centro de controlo da missão durante o voo e bem assim durante o exame a que os astronautas serão submetidos no regresso. Estas comparações constituem uma importante experiência - a medição dos efeitos do voo espacial sobre o corpo humano.

Os três homens ensaiaram também pela última vez o seu voo ao satélite da Terra envergando os fatos espaciais. Os astronautas Young e Duke procederam a experiências num aparelho que reproduz fielmente o interior do módulo lunar e simula a vista que se obtém da janela durante uma descida na Lua. Mattingly, por seu turno, tomou lugar num simulador de comando a fim de ensaiar as operações que levará a efeito quando se encontrar só em órbita lunar enquanto os seus colegas pousam no nosso satélite, exploram o seu solo e regressam à nave mãe.

Os preparativos correram tão bem que o tema principal das conversas no centro espacial era se Mattingly seria o primeiro homem a tornar-se pai no espaço exterior.

Amigos do astronauta revelaram que o casal espera o primeiro filho na primeira semana de Maio. Houve quem dissesse que, caso o bebé chegue um pouco adiantado, é possível que o nascimento se verifique antes de a Apollo 16 regressar à Terra e amarar no Pacífico central às 20.30 T.M.G., de sexta-feira 28 de Abril.

De acordo com o plano de voo da Apollo 16, os astronautas Young e Duke deverão descer da região da Lua conhecida pelo nome de Descartes, a meio caminho entre as crateras Flag e Gator, ás 20.41 T.M.G., de 20 Abril - cerca de 33 meses após a primeira alunagem de um veículo tripulado por seres humanos, (a Apollo 11), num local situado no Mar da Tranquilidade, 240 quilómetros a nordeste.

Com a Apollo 16, será esta a quinta vez que os homens desembarcam no satélite da Terra. Espera-se que os astronautas Young e Duke permaneçam na Lua durante pouco mais de três dias, ou seja mais do triplo do tempo que a tripulação da Apollo 11, devendo proceder a explorações da superfície lunar durante um total de 21 horas, isto é, um período de tempo 10 vezes mais longo do que o dos astronautas da Apollo 11.

Pormenor importante: o equipamento destinado à exploração lunar foi muito aperfeiçoado. A tripulação da Apollo 16, deslocar-se-á na Lua num pequeno veículo, observará os céus por meio de pequeno observatório astronómico, extrairá amostras do solo utilizando uma broca accionada por um motor e, por último, elaborará mapas e fará fotografias da Lua com máquinas fotográficas complexas quando em órbita lunar.

A Lua que a Apollo 16 vai visitar é ainda a mesma, mas os utensílios destinados a explorá-la foram consideràvelmente aperfeiçoados.

APARTAMENTOS
EM CASCAIS
EM EDIFÍCIO DE LUXO
•
Proprietário: JOAQUIM BARAONA
Av.ª Valbom, 28-1.º
Telef.: 28 23 45 CASCAIS

Gostaria de participar
nos benefícios dos melhores
Restaurantes, Bares, Hotéis,
Cinemas, Teatros,
Gares, Aeroportos, etc.?

Eles estão ao seu alcance, proporcionados por importante Companhia Internacional com larga projecção e experiência, num dos campos mais rendáveis do mundo.
Se dispõe de 20 000$00 ou mais e está interessado em investir o seu capital num negócio de RENDIMENTO ASSEGURADO, dirija-se por escrito a:

SHARVEN-FRANCE PORTUGUESA, LDA.
Campo Grande, 1 D, 2.º Esq. Lisboa - 5
(escritórios em 11 capitais europeias)

HIPOTECAS

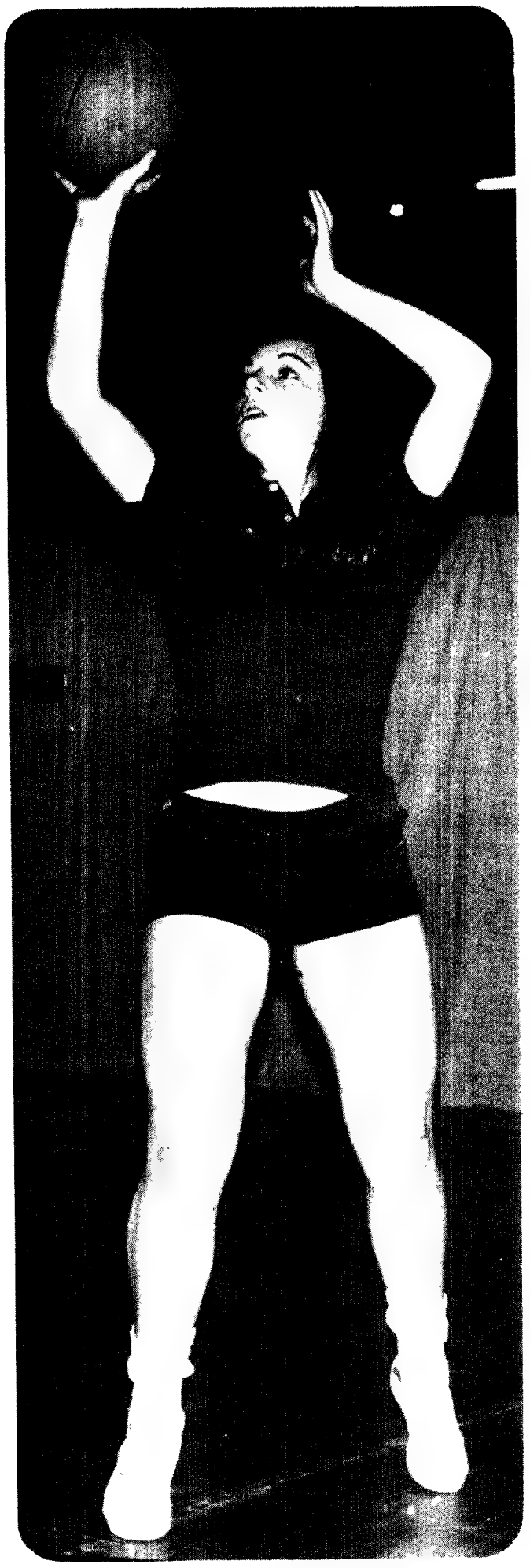
Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Província, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei.

Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE
R. Ouro, 292-1.º (Esq. com o Rossio) — LISBOA
Tels. 369384/5/6

CARAS NOVAS NA SELECÇÃO

Freitas, José Carlos e Nélinho: José Augusto chamou-os e eles ficaram a um passo do mais alto degrau. Freitas («azul» até 1975) fala dos seus sonhos. José Carlos (o vimaranense que prolonga na selecção um nome popular) conta que é irmão de Ibraim. Nélinho (o aveirense que tem assinado saborosas vitórias do Beira-Mar) diz que vai mudar para uma cidade maior. Três histórias permitidas estão neste suplemento, pela pena do repórter Alexandre Pais, com ilustrações fotográficas de Nelson de Vasconcelos, J. Tavares e Alvaro João. Além deste sensacional rosto de Freitas que tem a «marca Capela»



DL DESPORTOS

"Capitão" Simões: CABELO É NEGÓCIO

ESPECIAL

REGINA LOURO
A OUTRA MÚSICA

DIANA ANDRIGA
TAÇAS, LOUCURA E MORTE

MARIO NOBRE
INFORMAL

DE PRAÇA A PRAÇA
Por
Neves de Sousa

DIRIGENTES: OS REIS VÃO NÚS

SPORTING ENCESTA EM BELÉM

(Reportagem de **Daniel Reis/António Capela** nas páginas centrais)

COIMBRA: momento de união

RIBEIRO CARDOSO E EUGÉNIO ALVES
(página nove)

EXCLUSIVO

TEXTO DE DANIEL REIS
FOTOS POR NELSON DE VASCONCELOS

Mulher de Simões e mãe de três cachopas

MARIAZINHA: Negócios de cabelos é entretém

Simões, o flecha da esquerda, que com tanto àvontade sabe rasgar a direito o caminho da baliza, vai tentando também traçar a direito o seu rumo fora dos campos de futebol. Pelos negócios, que se forem bem orientados sempre duram mais tempo que os escassos doze anos de uma carreira no futebol.

Nessa vida comercial, o grande colaborador não é Jaime Graça ou Eusébio, não é nenhum dos artífices das grandes vitórias benfiquistas desenhadas a partir da asa esquerda. O grande colaborador, é afinal, uma mulher. É a própria esposa do futebolista, Maria Julieta, que os mais chegados à família do jogador e aos meios benfiquistas há muito chamam de Mariazinha, um diminutivo a todos os títulos justificado, graças à sua afabilidade e simpatia.

Eu era empregada de escritório numa companhia de seguros, mas sempre desejei ser cabeleireira. Os meus pais é que nunca me deixaram aprender e agora, que (finalmente) temos os dois estabelecimentos, gosto tanto que, por minha vontade, abriamos já um terceiro. O Simões é que não vai nisso.

SIMÕES NÃO AUTORIZA ESTÁGIO

Simões e a esposa são proprietários de dois salões de cabeleireiro, um na Avenida Ressano Garcia, denominado «Marisol» e outro na Rua António Martins, junto ao Instituto de Oncologia a quem foi posto o nome de «HIPPYE».

— **O primeiro foi o da Ressano Garcia, e tomámo-lo de trespasse, há quatro anos, já com uma boa clientela. Entretanto fechamo-lo durante uns tempos para o renovar e pensámos logo montar outro. Há três anos abriu o «Hippye», e para tomar conta dele trouxemos a Elisa, que já era nossa empregada, demos-lhe sociedade e agora ela controla quase tudo. Eu fico a maior parte do tempo no «Marisol», lá faço a minha vida principalmente quando Simões não está em casa.**

Está é Fernanda, encarregada no «Salão Marisol» e braço direito da esposa de Simões, no negócio de pentear cabeleiras.

Além da Elisa, hoje, societária o casal Simões também tem uma particular estima pela Fernanda, moça nova que começou a lavar cabeças (a mais humilde tarefa na profissão) e hoje é cabeleireira bem preparada profissionalmente e a quem foi entregue a direcção da primeira casa.

Dedico-me bastante às duas casas, diz-nos ainda Mariazinha Simões, e por isso o negócio acaba por dar bastante trabalho. Mas, não há dúvida, que a coisa dá algum dinheiro e por isso estava na disposição de abrir o terceiro salão muito em breve. Só que o Simões, como vê os cuidados que eu tenho, não quer: acha que é trabalho de mais. Tenho lá em casa as três cachopas para quem todos os cuidados são poucos. O tempo podia não dar para tudo. Como não abrimos outra casa, já estou a instalar aqui, no «Hippye», uma «boutique» com tudo o que houver de mais «pop» nos domínios do vestuário feminino. A casa é grande, tenho duas salas lá dentro já a arranjar..

Esta «boutique» tem, porém, outra história: que Mariazinha conta com o seu natural e expansivo temperamento de boa conversadora:

— **Quando alugámos a casa tinha pensado tirar um curso de esteticista. Mas o Simões não me deixou ir a Paris fazer o indispensável estágio de vinte dias. Por isso desisti e resolvi montar mesmo a «boutique», orientando-a em todos os pormenores, sem sociedade com ninguém e sem descurar o mínimo aspecto. Um negócio destes tem que ter alguém a orientá-lo com toda a assiduidade.**

O negócio de cabeleireiro dá-lhes mais dinheiro que o futebol?

— **Não há dúvida que bem orientado e bem frequentado dá dinheiro. Mas não é nada que se pareça com o que Simões ganha no futebol. Tanto mais que o meu marido só vê o dinheiro do segundo salão, uma vez que o primeiro é para mim e para as filhas. Aliás ele não se mete muito nisto e não me pede contas. Sabe que está bem entregue e confia em mim.**

BIRRAS A TODA A HORA

A mulher de Simões nasceu na Ameixoeira, Lisboa, tem neste momento vinte e cinco anos e casou aos dezassete. **(«O Simões também só tinha dezanove e o nosso casamento parecia mais uma comunhão solene, de tão gaiatos»).**

Diz também a mulher do número onze da selecção, que se conheceram no Metropolitano — nessa altura, Simões ainda não tinha carro, embora jogasse já no primeiro «team» — e que não o conhecia como jogador. Hoje, têm três filhas: a Angela Margarida (de sete anos) a Ana Teresa (de seis) e a Mónica Sofia (de dois e meio). Tiveram o primeiro rapaz há um mês, mas com tanta infelicidade que morreu um dia depois.

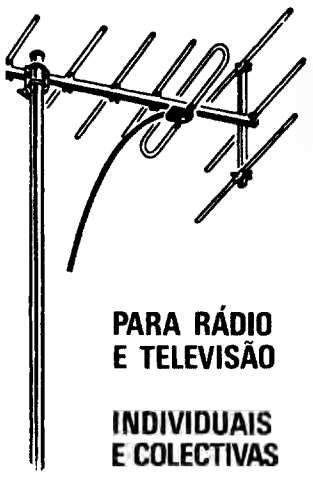
Mariazinha (que tem ciúmes mas garante sabê-los guardar para si) pode agora estar mais tempo junto do marido. Com o braço fracturado, Simões não joga e consequentemente não vai para estágios. Em contrapartida diz-nos que a lesão lhe permitiu descobrir um pouco melhor o temperamento do marido:

— **Que eu me lembre, ele nunca esteve tanto tempo em casa: e isso satura-o, pois ele nunca foi muito caseiro. Com a saturação irrita-se mais: agora, são birras a toda a hora. Mas eu compreendo. Não joga e toda a vida dele se explica pelo futebol e pela presença activa nos estádios.**

A Elisa é sportinguista e gosta mais de ver o Yazalde e o Damas do que o «capitão» Simões. Isso não impede que o casal (famoso) lhe tenha dado sociedade num dos salões em que trabalha. Aqui, dá assistência a Mariazinha, enquanto a esposa de Simões confere a escrita

Um negócio pelos cabelos? Não: um excelente negócio de cabelos, em que a vaidade femenina é habitualmente aproveitada pelo casal Simões para cimentar um amanhã mais duradoiro do que o futebol

ANTENAS



PARA RÁDIO
E TELEVISÃO

INDIVIDUAIS
E COLECTIVAS

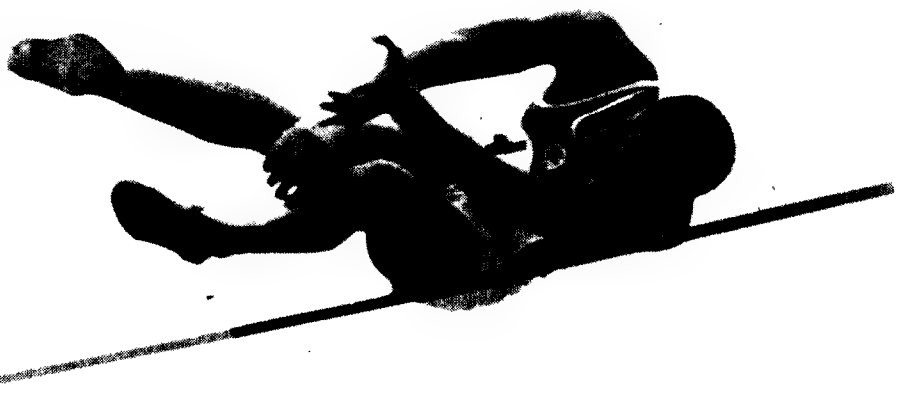
JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA

TEL. 654165 * LISBOA

Por ORLANDO DIAS AGUDO

DEPOIMENTO

RUI MINGAS: QUEM É VOCÊ?



O ATLETA

Rui Alberto Vieira Dias Rodrigues Mingas: natural de Luanda, onde nasceu a 12 de Maio de 1939, um caso único. Atleta de eleição (recordista de principiantes, juniores e seniores do salto em altura e 110 metros barreiras; dono das melhores marcas de juniores e seniores no salto em altura e em comprimento), treinador feliz (tem uma atleta no Belenenses que pode vir a ser «um caso sério» dentro do panorama atlético da Europa), cantor de vincada personalidade e de excelentes recursos. Rui Mingas, apresenta-se hoje a «DL»:

«Comecei a fazer atletismo no colégio onde iniciei os estudos: o D. João II, de Luanda. Depois passei para o Clube Atlético de Luanda, de onde transitei para o Benfica. Aqui, depois de cumprir a minha missão como atleta, tirei um curso de monitores de atletismo, continuando pois ao serviço de uma modalidade que sempre me apaixonou. Para o Belenenses, fui chamado pelo prof. Fonseca e Costa, com quem formei equipa até à sua saída para o clube da Luz. Veio depois o Matos Fernandes: e, quando este saíu, chegou o prof. Eduardo Cunha, com quem trabalho de momento. No clube do Restelo tenho a meu cargo um lote de excelentes raparigas (iniciadas e juvenis) de quem muito se poderá vir a esperar.cTreino ainda os saltadores em altura, mas o trabalho que encaro com mais responsabilidade é exactamente o primeiro, onde consegui reunir um grupo muito bom de raparigas, algumas das quais são maravilhosas promessas para o futuro do atletismo feminino nacional.

«Salvo uma ou outra excepção, dá gosto trabalhar as jovens do Belenenses, vindas quase todas das camadas sociais mais humildes. Acho importantíssimo focar esta particularidade, pois a formação da atleta pode começar muito mais cêdo do que muita gente pensa: ninguém duvida de que as filhas de casais das camadas sociais mais protegidas, começam a receber cuidados médicos especiais, ainda antes de nascerem, pois isso apenas favorece a sua condição física. Depois, já na idade escolar, são os estabelecimentos de ensino que marcam as fronteiras na preparação física dos estudantes: há escolas que dedicam especial atenção à educação física, outros que a esquecem. No primeiro caso, estão aqueles onde o acesso é vedado aos pais de resumidos recursos financeiros; no segundo, os estabelecimentos de ensino mais baratos e portanto menos selectivos. Portanto, a preparação atlética dos jovens, começa ainda antes de pensarem poder a vir a pisar a pista, de experimentarem as suas aptidões para esta ou aquela disciplina».

O CANÇONETISTA

DEDICAÇÃO TOTAL

«Se pudesse, dedicava-me exclusivamente ao trabalho na pista. É uma tarefa que me entusiasma sobremaneira, a ponto de me esquecer das horas. Faço isso por gosto, embora não possa, como é óbvio, esquecer-me ou alhear-me das condições financeiras. Como cantor, sei que ganharia muito mais: pois num ou outro espectáculo em que participo pagam-me mais do que um mês no Belenenses. Mas, nesta matéria do cançonetismo, o que eu gosto é de canter para os meus amigos, em horas e datas nunca determinadas, apenas e só quando me apetece e onde me aprouver. Não gosto nada de actuar para um público que pagou para me ouvir cantar. Já se vê, por este exemplo, o que eu gosto de atletismo.

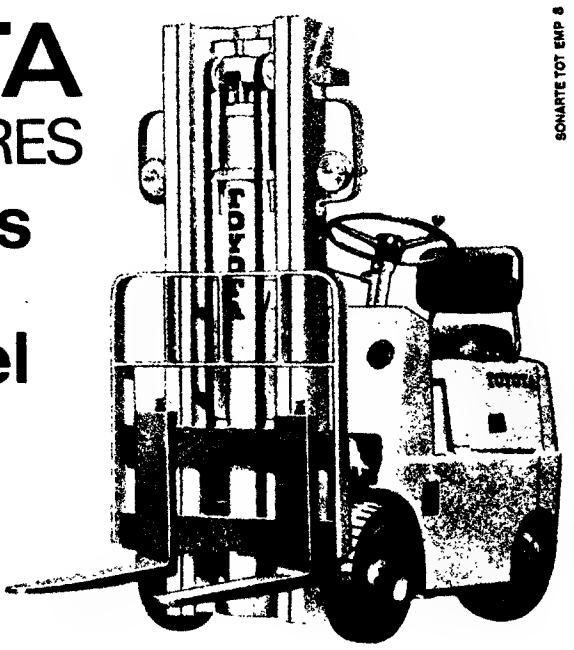
«Disse que disponho, no Belenenses, de um lote muito bom de atletas: de entre todas, será justo destacar a acção de Maria José Sobral (que, com 14 anos apenas, pode ser considerada, desde já, como a maior esperança portuguesa para os futuros campeonatos femininos europeus). É certo que têm de ser vencidas, ainda, muitas barreiras: principalmente as deficientes condições de trabalho que nos rodeiam. Há muita gente que me pergunta em que disciplina é que Maria José Sobral irá dar nas vistas: a essas pessoas, respondo que ainda é muito cedo para se definir qual a especialidade da atleta. Tem apenas 14 anos, revela um entusiasmo e uma tendência excepcionais para a prática do atletismo, mas ainda não é tempo para a especializar em qualquer disciplina. Para já, estão em seu poder os máximos de velocidade e do salto em comprimento na sua categoria. Ganha (fàcilmente) as provas dos 80 metros planos (10 segundos) e em pista coberta vence sempre os 50 metros planos e os 50 metros barreiras. Ela pode atingir, se for rodeada das condições tidas e consideradas como absolutamente necessárias para o seu desenvolvimento, um plano de muita evidência dentro do panorama europeu: para já, as suas marcas são as melhores da categoria, em toda a Europa.

«Mas, no Restelo, tenho ainda outras moças de quem será lícito esperar muito: a Conceição Pernes, a Maria do Céu Ferreira e a Maria Manuela Coelho reunem, igualmente, as melhores condições para poderem vir a ser alguém dentro do atletismo nacional. E tenho um caso triste, também no Belenenses: o de Marília de Carvalho. É realmente triste que esta atleta não se interesse absolutamente nada pelos treinos. É raro completar uma sessão de trabalho: e, mesmo assim, lá vai batendo os máximos nacionais das provas em que participa. As suas aptidões são excelentes: a dedicação é nula. Até já me desinteressei do seu caso, pois quando a atleta não quer... o treinador nada pode fazer».

Rui Mingas: um entusiasta pelo atletismo que encontra no mundo da canção a válvula de escape para os seus momentos de lazer. Um nome do desporto nacional que forma campeões e sonha com aquelas condições de trabalho que, há um ano, admirou em Madrid:

«Nunca vi coisa igual: em material como em organização. Fabuloso. Será que o esforço de todos nós não merece coisa parecida?»

TOYOTA
EMPILHADORES
eléctricos
a gás
e a diesel



SALVADOR CAETANO, SARL
VILA N. GAIA—
Quilómetro 1, E. N. 222
Tels.: 9820753 e 9820992
LISBOA —
Av. da República, 45, 7.º-Esq.º
Tels.: 76 21 33 e 77 32 88

TOYOTA uma força nova para a indústria

SONARTE TOT EMP 8

AGUA BRAVA

BRAVAMENTE MASCULINA
PUIG
BARCELONA PARIS NEW YORK
polimaia sociedade industrial quimica, s.a.r.l.
preparador e distribuidor em Portugal

tesa cola bora consigo
fitas adesivas

COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

RELATÓRIO, CONTAS E PARECER DO CONSELHO FISCAL

XXX.º EXERCÍCIO — ANO 1971

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas

No momento em que se torna evidente o desejo do País arrancar para um maior desenvolvimento económico comemorou-se, por feliz coincidência, o centenário do nascimento de Alfredo da Silva, um dos maiores génios na instituição de um espírito industrial português. A IMPÉRIO, criada por Alfredo da Silva precisamente há trinta anos, atingiu no final de 1971 um milhão de contos de receitas e um volume de investimentos superior a milhão e meio de contos.

Pensamos que esta é a mais significativa homenagem que nesta hora a Companhia de Seguros IMPÉRIO pode prestar ao seu Fundador.

A meta que a Empresa acaba de alcançar insere-se na linha assinalável do seu desenvolvimento, cujo ritmo se tem acentuado notàvelmente nos últimos exercícios.

De facto a expansão da IMPÉRIO reflectida pela posição assumida no mercado nacional e pela decidida entrada no campo da internacionalização, tornam-na um caso singular na indústria de seguros portuguesa.

As razões em que se fundamentam os êxitos verificados estão consubstanciadas nos métodos de gestão adoptados.

Na verdade, encontrado o caminho de uma forte motivação criada nos seus dirigentes e colaboradores, pôde a IMPÉRIO, com base no pensamento de que a sua acção se destina essencialmente à satisfação das necessidades do mercado a que se dirige, conduzir a sua política segundo a óptica de uma filosofia de «marketing».

Foi apoiada neste conceito que a Companhia traçou os seus planos a médio e longo prazo e definiu os seus objectivos.

Entendeu-se indispensável para se fomentarem as condições que levassem ao cumprimento de tais planos e objectivos dotar a Empresa de forte espírito criativo e inovador, aspecto que se considera essencial numa gestão dinâmica como terá de ser a de uma Sociedade com as preocupações de progresso que a nossa possui.

Para tanto foi dado especial relevo ao esforço a desenvolver com a formação e treino do pessoal interno e da rede de vendas, pois se considera ser o capital humano aquele que primeiramente se deve acautelar, dado constituir a mais permanente garantia de vivificante continuidade.

A orientação que tem sido seguida pode considerar-se encorajante, pois conduziu a Empresa a uma situação de sólida capacidade progressiva que assenta em condições financeiras firmes, em estruturas comerciais válidas e em notável incremento de produtividade.

Aguarda-se esperançadamente que os frutos a colher da posição presente conduzam a IMPÉRIO à consolidação do seu lugar no contexto das empresas de seguros portuguesas.

No prosseguimento da política de expansão nos mercados externos, que foi assinalada no Relatório anterior, estabelecemo-nos em França e concluímos as negociações para o exercício da nossa actividade na Grécia e na Holanda.

Da experiência que colhermos nesses mercados, tiraremos os ensinamentos que melhor nos conduzam ao alargamento da nossa actividade a outros países.

Por outro lado, o estreitamento das nossas relações com as Companhias de Seguros SAGRES e UNIVERSAL tem conduzido a benefícios recíprocos muito sensíveis, que justificam o prosseguimento e reforço da política adoptada, com vista à formação dum Grupo Segurador de dimensão europeia.

O exercício que se relata foi pródigo em factos relevantes para o desenvolvimento dos seguros em Portugal.

Considere-se em primeiro lugar a promulgação pela Assembleia Nacional de uma nova lei reguladora da Indústria de Seguros, a Lei n.º 2/71, cuja regulamentação se encontra actualmente em estudo no Ministério das Finanças e para a qual foi solicitada a colaboração dos representantes dos Seguradores. Estamos confiados em que os novos documentos orientadores da nossa actividade virão a constituir os fundamentos para a revitalização que se deseja e de que muito se espera.

Também durante o ano de 1971 entrou em vigor a regulamentação da nova lei de Acidentes de Trabalho, com vista à actualização das responsabilidades das entidades patronais face aos problemas sociais dos trabalhadores decorrentes dos acidentes no trabalho. Não são ainda totalmente previsíveis as repercussões deste recente diploma, mas desde já se pode afirmar que implica um sério agravamento dos encargos para as seguradoras e que estas terão de adoptar medidas de correcção apropriadas sem perderem de vista os altos interesses nacionais que esta matéria abrange.

Realizou-se em Outubro findo o I Congresso Nacional de Seguros que obteve assinalável êxito e ao qual a IMPÉRIO emprestou todo o seu apoio, tanto no auxílio concedido ao Grémio dos Seguradores para a sua organização, como na presença e colaboração dada durante as sessões de trabalho.

As conclusões aprovadas na sessão de encerramento envolvem pràticamente todos os aspectos que enformam a actividade seguradora e a sua vastidão faz prever uma árdua tarefa para lhes dar o conveniente seguimento.

Ainda no decurso deste exercício se concluíram as negociações para a entrada em vigor de mais um Contrato Colectivo de Trabalho. Esta nova convenção contratual implicou a alteração da tabela de vencimentos e incluiu profundas alterações no clausulado, passando a constituir um dos mais evoluídos contratos de trabalho existentes no País. A sua homologação, já efectuada, implicou um agravamento de encargos para as Seguradoras e a sua aceitação por parte destas representa um esforço de boa vontade que deve ser assinalado.

A representação do Banco Totta & Açores no Conselho de Administração, que estava confiada ao Sr. Dr. Manoel César da Fonseca, foi transferida para o Sr. Dr Augusto Ferreira dos Santos. Ao primeiro destes nossos amigos aqui deixamos consignado o nosso reconhecimento pela sua leal e eficiente colaboração e simultâneamente exprimimos a certeza de que o seu sucessor nos continuará a dar o mais valioso auxílio.

No decurso do exercício tivemos o desgosto de perder a colaboração que tanto apreciávamos do nosso colega neste Conselho, Sr. António Mariano de Carvalho, vitimado pela doença de que vinha padecendo. As suas qualidades de carácter e a sua dedicação aos negócios da Empresa perdurarão na nossa memória como exemplo a seguir na nossa actuação.

Para a vaga então aberta no Conselho de Administração foi convi-

BALANÇO INCLUINDO AGÊNCIAS NO ULTRAMAR E ESTRANGEIRO EM 31-12-71

ACTIVO	Vida	Ac. Trabalho	Rest. Ramos	Contas Gerais	Subtotais	Totais em 1971
Reserva matemática (Resseguros cedidos)	6 205 533$00	26 453$00	—	—	6 231 986$00	6 231 986$00
Reserva de garantia (idem)	—	382 779$30	103 435 801$60	—	103 818 580$90	103 818 580$90
Reserva de seguros vencidos (idem)	31 499$80	—	39 069 643$10	—	39 101 142$90	39 101 142$90
Valores de emprego das reservas:						
Títulos de crédito e numerário:						
Próprios	—	—	—	398 569 455$00	398 569 455$00	
De resseguradores	—	—	—	9 983 239$00	9 983 239$00	
Imóveis	—	—	—	646 505 000$00	646 505 000$00	
Empréstimos sobre apólices	15 867 104$00	—	—	—	15 867 104$00	
Empréstimos hipotecários	—	—	—	38 561 715$30	38 561 715$30	
Empréstimos sobre títulos	—	—	—	—$—	—$—	1 109 486 513$30
Valores em depósito:						
De vários	—	—	—	359 445$90	359 445$90	
De resseguradores	—	—	—	338 060$00	338 060$00	697 505$90
Devedores por valores em depósito:						
Vários	—	—	—	433 654$90	433 654$90	
Ressegurados	—	—	—	60 874 393$90	60 874 393$90	61 308 048$80
Imóveis	—	—	—	112 559 000$00	112 559 000$00	112 559 000$00
Mobiliário e Material	—	—	—	26 735 399$40	26 735 399$40	
— Amortizações de mobiliário e material	—	—	—	— 10 682 088$10	— 10 682 088$10	16 053 311$30
Empréstimos hipotecários	—	—	—	9 475 620$20	9 475 620$20	9 475 620$20
Empréstimos sobre títulos	—	—	—	1 200 000$00	1 200 000$00	1 200 000$00
Accionistas	—	—	—	—$—	—$—	—$—
Devedores gerais:						
Segurados, Correspondentes e Angariadores	—	—	—	110 565 013$40	110 565 013$40	
Ressegurados	—	—	—	51 082 116$20	51 082 116$20	
Resseguradores	—	—	—	34 640 441$70	34 640 441$70	
Outros	—	—	—	33 387 054$90	33 387 054$90	229 674 626$20
Quotas-partes de indemnizações a receber	643 750$00	1 899 950$50	84 741 047$70	—	87 284 748$20	87 284 748$20
Prémios em cobrança:						
Na sede	38 776 217$50	5 118 745$50	15 940 331$70	—	59 835 294$70	
Nos correspondentes	8 636 549$90	3 509 026$30	36 769 751$20	—	48 915 327$40	108 750 622$10
Letras a receber	—	—	—	131 137$90	131 137$90	131 137$90
Títulos de crédito	—	—	—	339 295 550$30	339 295 550$30	339 295 550$30
Depósitos em bancos	—	—	—	69 840 182$80	69 840 182$80	69 840 182$80
Caixa	—	—	—	1 485 898$20	1 485 898$20	1 485 898$20
Totais	70 160 654$20	10 936 954$60	279 956 575$30	1 935 340 290$90	—	2 296 394 475$00

PASSIVO	Vida	Ac. Trabalho	Rest. Ramos	Contas Gerais	Subtotais	Totais em 1971
Reserva matemática:						
De seguros directos	714 058 679$70	155 474 999$00	—	—	869 533 678$70	
De resseguros aceitos	3 734 700$80	147 797$00	—	—	3 882 497$80	873 416 176$50
Reserva de garantia:						
De seguros directos	1 830$50	5 245 551$20	138 167 559$20	—	143 414 940$90	
De resseguros aceitos	—	3 254$40	50 723 840$10	—	50 727 094$50	194 142 035$40
Reserva de seguros vencidos:						
De seguros directos	1 182 836$80	—	53 918 365$20	—	55 101 202$00	
De resseguros aceitos	135 111$50	—	77 787 412$00	—	77 922 523$50	133 023 725$50
Credores por valores em depósito:						
Vários	—	6 566 222$30	—	359 445$90	6 925 668$20	
Resseguradores	—	—	—	57 495 291$80	57 495 291$80	64 420 960$00
Credores gerais:						
Segurados, Correspondentes e Angariadores	—	—	—	144 349 110$40	144 349 110$40	
Ressegurados	—	—	—	9 438 473$60	9 438 473$60	
Resseguradores	—	—	—	210 536 631$70	210 536 631$70	
Outros	—	—	—	42 988 902$20	42 988 902$20	407 313 117$90
Indemnizações a pagar:						
De seguros directos	2 941 918$20	652 610$80	103 977 192$20	—	107 571 721$20	
De resseguros aceitos	113 390$00	—$—	13 969 779$90	—	14 083 169$90	121 654 891$10
Comissões a pagar	2 705 028$90	977 769$70	5 875 745$30	—	9 558 543$90	9 558 543$90
Provisões:						
Para Incapacidades Temporárias de Acid. Trabalho	—	5 567 629$60	—	—	5 567 629$60	
Para prémios em cobrança	4 459 257$80	4 143 999$50	11 514 274$60	—	20 117 531$90	
Diversas	4 886 484$10	1 458 430$60	7 163 224$40	4 768 924$10	18 277 063$20	43 962 224$70

SITUAÇÃO LÍQUIDA ACTIVA

Capital	—	—	—	100 000 000$00	100 000 000$00	100 000 000$00
Fundo de reserva legal	—	—	—	16 000 000$00	16 000 000$00	16 000 000$00
Fundo de reservas livres	—	—	—	47 500 000$00	47 500 000$00	47 500 000$00
Flutuação de valores:						
De títulos	—	—	—	122 522 238$30	122 522 238$30	
De imóveis	—	—	—	144 128 844$30	144 128 844$30	266 651 082$60
Ganhos e perdas:						
Do exercício anterior	—	—	—	128 741$10	128 741$10	
Do exercício	—	—	—	18 622 976$30	18 622 976$30	18 751 717$40
Totais	734 219 238$30	180 238 264$10	463 097 392$90	918 839 579$70	—	2 296 394 475$00

O DIRECTOR DA CONTABILIDADE

Mário Palma de Carvalho

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

GANHOS E PERDAS INCLUINDO RESULTADOS NO ULTRAMAR E ESTRANGEIRO EM 31-12-71

DÉBITO	Vida	Acid. Trabalho	Acid. Pessoais	Fogo	Agr. e Pecuário	Autom. e R. Civil	Marítimos	Trans. Terrestres	Aéreos	Diversos	Contas gerais	Subtotais	Totais em 1971
Reserva matemática:													
De seguros directos	230 335 883$90	17 408 680$00	—	—	—	—	—	—	—	—	—	247 744 563$90	
De resseguros aceitos	228 979$40	—$—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	228 979$40	
De resseguros cedidos (diminuição)	1 255 517$20	900$00	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1 256 417$20	249 229 960$50
Reserva de garantia:													
De seguros directos	1 830$50	936 641$70	1 262 602$20	4 908 503$70	714$90	2 560 977$90	3 059 744$80	27 292$00	12 174 172$20	2 727 271$60	—	27 659 751$50	
De resseguros aceitos	—	3 254$40	178 553$40	4 186 391$20	—$—	2 416$80	8 619 422$70	885$50	3 153 176$30	147 783$70	—	16 291 683$80	
De resseguros cedidos (diminuição)	—	3 084$00	188 547$90	75 351$70	1 514$40	—$—	1 929 205$00	29 229$40	774 897$50	2 296 037$50	—	5 297 867$40	49 249 302$70
Provisões:													
Para incapacidades Temp. de Acidentes de Trabalho	—	2 346 332$90	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2 346 332$90	
Para prémios em cobrança	416 454$30	349 399$80	19 687$80	158 584$70	—$—	317 273$50	7 844$10	79 388$10	2 664$80	337 857$00	—	1 689 152$10	4 035 485$00
Amortizações	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3 147 636$00	3 147 636$00	3 147 636$00
Comissões:													
De seguros directos	13 224 202$00	12 572 291$70	1 807 769$60	10 669 336$10	98 543$40	11 559 548$30	3 501 000$80	280 187$10	816 431$10	3 181 887$70	—	57 691 197$60	
De resseguros aceitos	15 377$40	1 562$10	1 799 253$30	16 798 113$40	—$—	578$80	9 102 525$00	4 628$50	2 513 645$40	1 071 151$40	—	31 304 835$30	
Despesas de aquisição	5 843 925$20	9 907 993$30	520 480$40	6 004 220$90	54 722$90	3 683 480$70	3 253 964$70	83 298$10	1 472 339$30	2 110 394$40	—	32 934 819$90	121 930 852$80
Indemnizações:													
De seguros directos:													
Do exercício	39 364 003$80	62 392 507$20	6 919 619$90	31 654 699$30	59 440$00	111 035 060$50	87 473 687$70	1 261 286$50	4 029 701$00	15 965 126$20	—	360 155 132$10	
De exercícios anteriores (reajustamentos)	— 250 679$60	206 546$00	— 568 663$00	— 289 047$00	—$—	— 1 138 553$60	— 7 510 734$60	— 9 741$50	— 1 160 705$00	1 701 738$70	—	— 9 019 839$60	
	39 113 324$20	62 599 053$20	6 350 956$90	31 365 652$30	59 440$00	109 896 506$90	79 962 953$10	1 251 545$00	2 868 996$00	17 666 864$90	—	351 135 292$50	
De resseguros aceitos	152 427$30	5$10	2 578 795$30	30 047 867$10	104 179$00	—$—	43 930 540$90	— 7 873$30	18 707 856$50	2 050 482$30	—	97 564 280$20	448 699 572$70
Encargos de resseguros cedidos:													
Prémios	5 269 125$30	4 301 021$90	10 634 983$50	66 415 061$80	517 172$10	1 413 860$10	111 083 522$10	1 062 594$70	110 779 042$70	26 941 196$80	—	338 417 581$00	
Juros	341 049$20	1 338$60	57 414$70	180 480$90	—$—	—$—	442 634$60	3 861$90	73 102$40	89 596$30	—	1 189 478$60	339 607 059$60
Despesas gerais:													
Órgãos sociais	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4 675 500$00	4 675 500$00	
Pessoal	1 936 581$20	9 328 678$90	1 106 731$10	4 071 364$80	64 288$70	1 945 598$50	4 622 594$70	59 739$50	3 181 791$00	3 025 616$60	38 539 517$70	67 882 502$50	
Publicidade	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	7 543 684$30	7 543 684$30	
Outras despesas de administração	1 211 460$80	3 854 049$50	458 673$60	2 087 616$80	31 710$10	666 200$00	1 841 350$10	25 144$80	1 886 986$20	1 512 231$70	27 860 384$50	41 435 808$10	
Encargos fiscais	6 838 526$60	2 954 219$00	297 057$50	5 790 277$70	29 436$90	3 998 765$90	2 005 382$80	41 709$60	2 165 892$10	944 829$40	3 840 149$80	28 906 247$30	
Encargos parafiscais	112 075$50	520 775$70	66 144$10	242 051$50	2 698$10	102 307$10	276 831$60	4 223$50	196 374$50	182 661$10	2 397 999$10	4 104 141$80	154 547 884$00
Encargos diversos	3 818$80	—$—	—$—	7$50	—$—	—$—	10$60	—$—	34$00	—$—	58 536$10	62 407$00	62 407$00
Saldo	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	18 751 717$40	18 751 717$40	18 751 717$40
Totais	306 300 558$80	127 089 281$80	27 327 651$30	182 998 881$90	964 420$50	136 147 514$30	273 639 527$40	2 925 652$40	160 767 402$00	64 285 862$40	106 815 124$90	—	1 389 261 877$70

O DIRECTOR DA CONTABILIDADE

Mário Palma de Carvalho

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CRÉDITO	Vida	Acid. Trabalho	Acid. Pessoais	Fogo	Agr. e Pecuário	Autom. e R. Civil	Marítimos	Trans. Terrestres	Aéreos	Diversos	Contas gerais	Subtotais	Totais em 1971
Saldo do ano anterior	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	128 741$10	128 741$10	128 741$10
Reserva matemática:													
De resseguros cedidos	—$—	—$—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—$—	
De seguros directos (diminuição)	1 907 383$00	—$—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1 907 383$00	
De resseguros aceitos (diminuição)	—$—	7 812$00	—	—	—	—	—	—	—	—	—	7 812$00	1 915 195$00
Reserva de garantia:													
De resseguros cedidos	—	279 979$60	854 842$30	3 839 688$30	—$—	21 454$80	4 585 915$10	9 929$60	13 256 957$90	1 144 320$80	—	23 993 088$40	
De seguros directos (diminuição)	—	—$—	595 757$90	1 836$80	2 695$60	9 265 400$30	2 063 896$60	5 408$20	64 289$90	1 750 021$60	—	13 749 306$90	
De resseguros aceitos (diminuição)	—	—$—	—$—	—$—	1 834$70	—$—	276 605$40	—$—	—$—	85 176$50	—	363 616$60	38 106 011$90
Provisões:													
Para Incapacidades Temp. de Acidentes de Trabalho	—	5 021$50	—	—	—	—	—	—	—	—	—	5 021$50	
Para prémios em cobrança (diminuição)	143 233$60	1 310 340$50	166 717$80	1 031 401$60	12 676 $00	805 521$60	262 815$00	9 524$80	209 586$40	336 060$00	—	4 287 877$30	4 292 898$80
Prémios e seus adicionais:													
De seguros directos	282 853 109$60	142 825 900$50	13 625 404$60	79 385 060$50	638 196$50	118 380 983$70	95 728 849$50	2 484 315$00	89 405 033$50	40 152 579$60	—	865 479 433$00	
De resseguros aceitos	225 763$70	19 526$20	5 154 355$20	46 525 325$90	517 172$10	7 249$90	67 245 449$20	6 854$50	34 350 486$60	3 569 797$10	—	157 621 980$40	1 023 101 413$40
Receita de resseguros cedidos:													
Comissões	662 104$30	429 895$80	3 650 192$90	22 668 935$30	—$—	—$—	23 580 067$10	265 799$20	16 062 373$70	6 716 408$70	—	74 015 777$00	
Indemnizações	2 606 396$50	911 401$60	5 731 903$30	38 729 157$30	59 440$00	1 226 652$30	92 565 551$30	306 695$70	16 384 244$20	16 888 659$70	—	175 410 101$90	249 425 878$90
Rendimentos:													
Das reservas técnicas de seguros directos	19 765 499$20	5 895 836$40	188 149$20	847 275$80	2 672$30	2 473 518$50	1 044 468$80	20 016$90	779 098$70	748 123$30	—	31 764 659$10	
Das reservas técnicas de resseguros aceitos	426 393$00	—$—	29 914$80	197 819$70	—$—	—$—	275 645$80	66$30	156 986$60	53 839$30	—	1 140 665$50	
De valores livres	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	27 209 626$70	27 209 626$70	60 114 951$30
Receitas diversas:													
Cargos em outras sociedades	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	300 000$00	300 000$00	
Outras	66 186$40	623$30	19 524$20	1 101$30	—$—	44 782$70	9$70	—$—	2$60	$20	11 744 576$90	11 876 787$30	12 176 787$30
Totais	308 656 049$30	151 686 337$40	30 016 762$20	193 227 602$50	1 234 687$20	132 225 563$80	287 609 273$50	3 108 610$20	170 889 080$10	71 444 986$80	39 382 944$70	—	1 389 261 877$70

O DIRECTOR DA CONTABILIDADE

Mário Palma de Carvalho

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

dado o accionista Sr. Jaime de Lacerda, de cujo entusiasmo e zelo muito temos a esperar.

Já no decurso do ano corrente tivemos o desgosto de registar o falecimento do Sr. Dr. António Osório de Castro que, embora já retirado da actividade da nossa Administração, continuava a ser para nos um amigo de bom conselho.

Termina este ano o mandato dos diferentes Corpos Gerentes, havendo portanto qué proceder-se na próxima Assembleia Geral à eleição dos novos membros que deverão compor a Mesa da Assembleia Geral, o Conselho de Administração e Conselho Fiscal, bem como a Comissão a que se refere o artigo 31.º dos Estatutos para o próximo triénio devendo ainda a Assembleia pronunciar-se sobre o número de membros que comporão os Conselhos de Administração e Fiscal.

O lucro que se apurou no exercício foi de 18 622 976$30 que, adicionado ao saldo transportado do ano anterior, perfaz 18 751 717$40, para o qual propomos a seguinte distribuição:

Dividendo (cativo de imposto)	9 000 000$00
Reserva Legal	2 500 000$00
Reserva Livre	7 000 000$00
Conta Nova	251 717$40

A terminar desejamos exprimir os nossos agradecimentos ao Conselho Fiscal pela sua valiosa ajuda, a todos os colaboradores da IMPÉRIO pelo apoio e dedicação demonstrados e aos Clientes pela preferência com que nos distinguiram

Lisboa, 29 de Fevereiro de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Luis Filipe Leite Pinto – Presidente
(em representação da SOGEFI – Sociedade de Gestão e Financiamentos, S A R L)
Augusto Leite Ferreira dos Santos
(em representação do Banco Totta & Açores)
Fernando Mendes de Almeida
(em representação da C SANTOS - Comercio e Industria S A R L)
Fernando Fortunato Moraes Cabral
Jaime Pinto de Lacerda
José Gonçalves Viegas Dias – Administrador-Delegado
Luis Eduardo da Silva Barbosa - Administrador Delegado Adjunto

(continua na pag. seguinte

Texto de DANIEL REIS e fotos de ANTÓNIO CAPELA

JOVENS "LEOAS" EM FATO DE TRABALHO

SPORTING: BASQUETE FEMININO NO ANO DA GRANDE ARRANCADA

Na base da arrancada do Basquetebol feminino do Sporting estão um treinador dedicado e trabalhador, uma secção organizadíssima e estas oito meninas serenamente confiantes no próprio valor: Maria Teresa, Stela Samora Correia, Aida Faria, Maria Gabriela, Maria da Luz, Catarina Saramago, Isabel Pratas e Helena Julião.

No basquetebol feminino do Sporting, este é o ano da arrancada. Caminha-se já para um nível desportivo compatível com as demais modalidades do clube: pois o Sporting (além de eclético) ambiciona sempre o topo para qualquer das suas secções desportivas.

Até aqui, era o tempo da reinação. As miúdas treinavam duas vezes por semana (quando apareciam) e em termos de resultados práticos nada de concreto se poderia esperar. Nem desporto-recreação chegava a ser, pois faltava-lhe um mínimo de regularidade e de interrelacionação com as actividades profissionais e estudantis das praticantes.

Este ano (sim) o Sporting organizou-se, estabeleceu um método e um programa para a secção, decidiu-se pela competição em nível idêntico ao das mais fortes formações do basquetebol feminino português e as jovens «leoas» aí estão, plenamente lançadas na «Taça de Portugal» (eliminaram o CDUL, recentemente), e no Campeonato (aguardam o resultado de um recurso para saber se é necessário disputar uma poule de apuramento, para escolher dois «cincos» do grupo CIF, NACIONAL e SPORTING).

Segredo para tudo isto? Um, apenas: trabalho e mais trabalho. Das duas horas semanais passou-se para oito ou nove, isto é: trabalho diário à média de hora e meia, com paragem apenas à quarta-feira.

As pessoas mais directamente relacionadas com esta mudança qualitativa operada no basquetebol feminino do Sporting e, para além das jogadoras, que estão a corresponder excelentemente são o treinador Carlos Manuel Rosa, e os directores da secção, encabeçados por José Duro e pelo seccionista Fazenda. Aliás, a organização que se sente no feminino é apenas reflexo do que se passa no masculino, onde o Sporting ùltimamente tem coleccionado títulos em quase todas as categorias e movimentado um apreciável número de atletas.

A secção feminina foi criada há cinco anos. Há três, esteve presente na final do campeonato da segunda divisão onde perdeu para o Gaia. Há dois, foram (finalmente) campeãs do segundo escalão. E o ano passado atingiram as meias-finais da «Taça de Portugal». Era uma equipa de altos e baixos: mas, com mais baixos que altos. Faltava força, regularidade e a técnica básica indispensável.

Com o início desta época foi contratado o técnico actual, mas a equipa começou mal o Campeonato de Lisboa. Maria da Luz lesionou-se, a Gonçalves ainda não podia ser inscrita e o Sporting não entrou na ponta final, tendo-se classificado em terceiro lugar (atrás do Nacional e do CIF).

No apuramento para o Campeonato Nacional, a equipa sofreu três derrotas seguidas: todavia depois reorganizou-se: o trabalho começou a produzir frutos e, depois, foi sempre a ganhar, vencendo todos os jogos da segunda volta. Como nos disse o seccionista que assistia ao treino, velando para que nada faltasse ás moças, **de um ano para o outro o Sporting deu um grande salto e agora todas as ambições são permitidas.**

VINTE E SEIS PRATICANTES

Actualmente, o Sporting tem 14 praticantes inscritas: dessas são mais assíduas Maria da Luz, Catarina, Isabel, Helena, Teresa, Stela, Aida, Gabriela, Gonçalves e Dores. Há mais doze moças na escola do clube e que na próxima época integrarão a equipa «B».

Umas trabalham (casos da Luz, Gonçalves e Catarina) as outras estudam. Há dois casos de intuição para outros Desportos: a Gonçalves, que faz Atletismo no Benfica (**«mas sou do Sporting»** garante a moça que não ficou na fotografia por ter chegado mais tarde.

Tem todo o ar desembaraçado e aberto das gentes da Beira-Baixa e está em Lisboa a trabalhar, numa companhia de seguros, há cinco anos), e a Helena Julião, uma das melhores lançadoras de disco e peso, também no Sporting.

As suas idades variam entre os 27 anos (da Luz) e os 17 (da Isabel) pelo que a equipa pode progredir ainda muito mais e adquirir maior maturidade para futuros êxitos. O grande problema da secção, como aliás o de todas as duas dezenas de modalidades desportivas do Sporting, é a falta de instalações em Alvalade.

Diz, aliás, o sr. Fazenda, seccionista de basquetebol, sobre o assunto:

Para os seccionistas é uma trabalheira medonha andar no fim da tarde e ao princípio da noite a caminho dos locais de treino. São os seniores num lado, os juniores no outro, as meninas aqui, na Ajuda. Com a construção dos Pavilhões, em Alvalade, tudo se resolverá.

Por fim (nem recorremos ao ditado dos últimos que são os primeiros) a palavra do treinador Carlos Manuel:

— **Joguei no Sporting como treinador e comecei no Carnide. Depois disso já orientei o Pedrouços (três épocas), Física de Torres, e a equipa feminina do Encarnação, até ao ano passado. Quando cheguei, a equipa estava desfalcada, pois tinham saído três jogadoras para o CIF a Ana Magalhães e a Filomena (que eram fundamentais) e a Luisa. Comigo vieram sete moças da Encarnação e a preocupação foi estabelecer ligação entre todas, pois se algumas estavam habituadas aos meus métodos, outras não. Também foi necessário treiná-las intensamente no aspecto individual e dar-lhes propensão atacante. Neste momento estamos a jogar com três «pivots»: Catarina, Luz e Isabel. Para isso tive de as mentalizar, e convencê-las a treinarem todos os dias: o que é raro, entre nós, para qualquer equipa feminina. O basquetebol leva-me todas as horas livres, pois sou funcionário da TAP e ainda continuo a treinar os juniores da Física de Torres Vedras. Vou lá três vezes por semana e tenho de os acompanhar nos jogos.**

Com as últimas palavras do técnico, concluímos também esta visita à sala de trabalho da equipa feminina de basquetebol do Sporting:

— **Tenho recebido boa colaboração por parte das atletas, na medida em que grande parte delas não estava habituada a treinar tanto. Da parte da secção também a colaboração tem sido óptima, sobretudo no que toca a organização.**

COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Continuação da pagina anterior

Senhores Accionistas

Do notável progresso alcançado pela IMPÉRIO no exercício findo dá bem conta o Relatório, Balanço e Contas agora apresentados pelo Conselho de Administração, precisamente no ano em que tão brilhantemente se comemorou o centenário do nascimento do seu fundador e grande génio industrial que foi Alfredo da Silva.

E não sabemos que mais relevo dar neste 30.º exercício: se o ter-se processado uma receita superior a um milhão de contos — meta jamais atingida no mercado português; se o ter-se investido na nossa economia um valor que ultrapassa já o milhão e meio de contos; se o acelerado ritmo de expansão registado durante o ano, na Metrópole, no Ultramar e no Estrangeiro; se a intensa actividade de treino e formação de pessoal; se os trabalhos de planeamento ou a filosofia de «marketing» que envolve toda a Empresa. Mas uma coisa é certa: a IMPÉRIO é hoje a primeira e a maior seguradora de todo o território português, com uma dimensão europeia e uma vocação internacional.

Acompanhamos o Conselho de Administração na sua profunda mágoa pelo falecimento do Administrador Sr. António Mariano de Carvalho, que na nossa Empresa e durante alguns anos prestou relevantes serviços.

Também muito nos entristeceu o falecimento do antigo Administrador Sr. Dr. António Osório de Castro, de cujo convivio guardamos a melhor recordação.

Como o Conselho de Administração referiu no seu Relatório, termina este ano o mandato dos diferentes Corpos Gerentes, pelo que, nos termos estatutários, deverá proceder-se este ano à eleição dos novos membros que deverão compor a Mesa da Assembleia Geral, o Conselho de Administração e o Conselho Fiscal, bem como a Comissão a que se refere o artigo 31.º dos Estatutos para o próximo triénio, devendo a Assembleia pronunciar-se prèviamente sobre o número de membros que deverão compor os Conselhos de Administração e Fiscal.

Seguimos com o maior interesse a vida quase diária da empresa e, dentro das funções que nos cabem, examinámos regularmente as contas e demais elementos contabilísticos, tendo-os sempre encontrado em ordem e perfeita exactidão e verificado que os critérios valorimétricos usados representam a correcta avaliação do património e dos resultados obtidos, satisfazendo inteiramente as disposições estatutárias e legais em vigor.

Assim, somos de parecer:

1.º Que aproveis o Relatório, Balanço e Contas respeitantes a 1971;

2.º Que aproveis a proposta de aplicação dos lucros apresentada pelo Conselho de Administração.

Lisboa, 29 de Fevereiro de 1972.

O CONSELHO FISCAL

Pedro José da Cunha Mendonça e Menezes
João Carlos Düff Burney Carvalhosa e Oliveira
Joaquim Renato Correia Pinto Soares
António Infante de la Cerda Ribeiro da Cunha

REPORTAGEM

Aida (no ar) e Helena (em terra) com os olhos no cesto.

CRAQUE

Esta elegância loira é a Isabel Pratas. Para já, é a «craque» da equipa: na vivacidade do seu jogo, na força com que arranca para o cesto, nas suspensões terríveis quase sempre culminadas com dois pontos. E tem uma vantagem fundamental: vai apenas nos dezassete anos.

«Se continuar a trabalhar como até aqui, a mostrar-se tão aplicada e receptiva ao treino, dentro de um ano ela poderá ser a melhor «pivot» portuguesa. Nos lançamentos no ar, como tem muita força, é irresistível. Mais jogos, mais rodagem e ninguém a poderá deixar à solta durante os jogos».

Isto diz o treinador da Isabel. E ela própria explica como é a sua vida dentro e fora dos recintos desportivos:

«Nasci em Coimbra, a 22 de Agosto de 1954. Comecei a jogar basquetebol no Sporting, há três anos, e ando no sexto ano do Liceu. Nem consigo estudar nos dias em que não jogo ou não treino, tal o hábito que ganhei esta época. Sinto-me bastante melhor, pois estou a trabalhar a técnica individual. Não namoro: mas não vai ser fácil tirarem-me do basquetebol. Além da Claire Smith, admiro a Fernanda Seabra, sobretudo por resolver jogos de solução quase impossível».

ENCESTADORA

Maria da Luz: 27 anos e 1,77 de altura. Funcionária do Grupo Desportivo da TAP, ela é a encestadora-mor da turma leonina. A seu respeito, informou-nos o técnico Carlos Manuel:

Tem tido muitas quebras por motivo de lesões de braço e num pé. Transferiu-se do Encarnação para o Sporting (no princípio desta época) e apesar de ser a mais velha da equipa pode ainda progredir muito. Tècnicamente, é das mais avançadas e cumpre bem o seu papel de «pivot».

AS "PIVOTS"

CAPITA

Catarina Saramago, nasceu em Redondo (Alentejo), na terra do professor Hernâni Cidade: segundo garantiu, para melhor abonar a importância da localidade. E a «capitã» da equipa enquanto a Dores recupera de uma fractura de dedos da mão direita. Começou a jogar basquetebol há cinco anos, sempre no Sporting: e tem acompanhado todas as vicissitudes da secção de basquetebol feminino.

«Sou empregada bancária: e nem agora nem no tempo em que estudava o desporto me prejudicou a vida. A equipa do Sporting está muito melhor este ano, pois temos novos elementos e treinamos mais. Vamos por aí fora sem parar».

O treinador fala das suas características técnicas:

— Está a subir de rendimento, pois até aqui era tècnicamente inferior e nunca tinha sido puxada a sério para «pivot». Havia sempre problemas nas inspecções do Centro de Medicina Desportiva e com o acréscimo de trabalho. Não se poupa a sacrifícios e, como é a mais alta da equipa (um metro e setenta e oito), com a técnica aperfeiçoada virá ser influentíssima no nosso rendimento».

PERFIL

FREITAS

"ESFORÇO-ME MUITO E GANHO POUCO"

«Mais tarde, um negóciozito».

Há quem o ache parecido com Vicente Lucas. Num aspecto pelo menos só ele iguala o irmão de Matateu: consegue reunir as boas graças dos associados do Belenenses mesmo quando o clube perde. Nasceu no Lobito, em 21 de Julho de 1947, o Fernando José António de Freitas que, domingo a domingo, encharca de suor a camisola azul da longa espera:

«É feitio meu. Já em Angola, quando jogava no Lusitano do Lobito, não era profissional e também me esfarrapava todo... Os adeptos do Belenenses gostam da maneira como eu me entrego ao jogo: e, felizmente, lá me vão apoiando.»

A chegada à Metrópole:

«Vim para cá um pouco antes do Laurindo e ao mesmo tempo do Ferreira Pinto (que está agora em Amarante) e do Cid (que já regressou a Angola). Foi, salvo erro em 1968».

Freitas na selecção nacional:

«Nunca fui «internacional». Apenas uma vez estive como suplente à selecção de «esperanças». Penso que já me deviam ter dado uma oportunidade. Vamos lá ver se é desta...»

Com um contrato a terminar este ano, muitos seriam por certo os clubes interessados na «trave mestra» da defensiva de Belém.

«Eu sou jogador mal pago: esforço-me muito e ... ganho pouco. Tive de renovar o meu compromisso com os Belenenses até 1975, porque a minha mulher adoeceu e ficámos numa situação difícil. Como não tenho cá ninguém só tinha uma hipótese: assinar por mais três anos. Pouco tempo depois recebi um convite bastante bom de um clube da I Divisão. Paciência. Aliás, eu devo dizer que me sinto bastante bem no Belenenses. O problema é apenas financeiro. Mas o que é que se há-de fazer? Temos de compreender que o clube paga aquilo que pode.»

Vamos falar de treinadores:

«Manuel de Oliveira, Mário Wilson, Zubieta, Joaquim Meirim e Zézé Moreira foram os técnicos que passaram pelo Restelo desde que eu lá estou. Guardo boa impressão de todos, mas de quem mais gostei foi de Mário Wilson, um homem que sabe falar aos jogadores».

Zezé Moreira:

«A malta quando joga está de acordo com tudo. Quando fica no «banco» acaba sempre por falar contra o treinador. Eu acho que Zézé Moreira é um bom técnico. Ultrapassado? Não faço ideia...»

Porque falhou Meirim no Belenenses?

«Não sei. Quase todos (quase, Freitas?) os treinadores que passam pelo Belenenses falham...»

Não será falta de bons jogadores?

«Nem todos podem ter as mesmas qualidades. Mesmo assim, eu creio que o problema não é bem esse. Depois do Benfica e do Vitória de Setúbal, a equipa do Belenenses está ao nível de qualquer das melhores. Se não tivéssemos tido aqueles azares no princípio do campeonato podíamos estar agora no terceiro lugar.»

Novos com futuro em Belém:

«O Pietra (que já joga na equipa principal) e um moço com imensa habilidade: o Nelo».

Freitas: como vai ser no fim do pontapé na bola?

«Tenho o curso comercial e arranjarei um emprego. Se pudesse, gostaria de montar um negóciozito. Vamos a ver. Por enquanto sou atleta do Belenenses: e, pelo andar das coisas, acabarei no Restelo a minha carreira de jogador.»

Podem descansar os fiéis apaniguados do clube de Belém: o profissional honesto que dá pelo nome de Freitas vai continuar de «cruz» ao peito. Pelo menos até 1975.

A.P.

O BANQUEIRO JORGE DE BRITO NA PRESIDÊNCIA DO BENFICA?

1 __ Jorge de Brito, nome que dia a dia se tem consolidado nos meios financeiros do país, voltou a ser contactado no sentido de substituir, quando do final do seu mandato (que tem sido dos mais brilhantes do historial do popular clube) o actual presidente do Benfica. Tal como há dois anos, o director do Crédito Predial não demonstrou grande interesse pelo lugar. Todavia, benfiquista convicto, irá estudar o assunto __ porquanto é do parecer que o presidente benfiquista deverá prosseguir na sua obra, por mais um biénio. Ao mesmo tempo, Jorge de Brito contribuiu com 4 500 contos para a aquisição de uma pista de atletismo, em «tartan», para a Luz.

2 __ O glorioso Olhanense, de tão profundas tradições no futebol algarvio e português, festeja, no dia 27 do corrente, 49 anos. Lá estaremos na vila cubista, no jantar que servirá de pretexto para reunir, em torno do pavilhão «rubro-negro» muitos dos seus «torcedores» e amigos. Os nossos antecipados parabéns à boa gente olhanense e os sinceros votos de breve regresso ao convívio da Divisão maior.

3 __ Pelo que temos observado e ouvido, Flávio não está contente no Porto. O ambiente não lhe está sendo propício e, quando tal acontece, o atleta deixa de produzir o que pode e deve, pelo que a transferência do mesmo é o meio mais aconselhável. A saida do sr. Afonso Pinto de Magalhães da presidência do simpático grémio nortenho e, depois, a dispensa, extemporânea, apolítica e injustificável de Paulo Amaral (um técnico competentíssimo, que ombreia com Feola e Aymoré o título de campeão mundial, cujo trabalho principiara a ver-se a partir de agora) deixou muita gente perplexa: e o desânimo e intranquilidade apoderaram-se de atletas e público. Por isso a nova directoria do clube das Antas deve ponderar atentamente, de futuro, nas atitudes a tomar. Esta, de dispensar sumàriamente, sem a menor justificação, Paulo Amaral, um dos mais conceituados treinadores do mundo (sem lhe dar ao menos a possibilidade de errar...) foi de uma infelicidade ímpar.

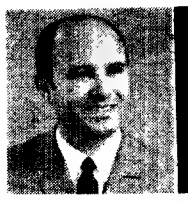
4 __ Dias antes, já a mesma direcção tomara outra atitude nada simpática: a de fazer alusões (pouco lisonjeiras) ao presidente cessante, sr. Pinto de Magalhães, um dirigente que tudo fizera (é possível que sem o êxito ambicionado, mas disso não terá culpa) para dar um campeonato à sua cidade, o que não conseguiu... mais por falta de sorte do que por carência de atletas e talento directivo, como se constatou, inclusive, na última temporada. Ainda nos recordamos da tarde em que visitámos as Antas, em Junho de 1968, e o sr. Pinto de Magalhães nos apontava (orgulhoso) obras que mandara executar no belo Estádio do seu clube. A nosso lado, o dr. Carlos Costa comentou: **«É um homem notável, a quem o Porto muito está devendo»** E concluiu: **«Já investiu do seu bolso, até agora, para cima de 11 mil contos no Futebol Clube do Porto».**

5 __ Joaquim Rocha, o jovem e talentoso centro-avançado do Sporting, festejou há dias 21 primaveras. Na festinha, em sua casa, estiveram presentes quase todos os colegas de equipa e, também, Jordão (do Benfica) de quem é bastante amigo. Há dias, tomámos com ele e com Laranjeira um cafézinho, em Almirante Reis e ficámos sabendo que já está completamente restabelecido da ciática que o atormentou durante largo tempo: **«É que o Inverno em Portugal é um caso sério e, embora eu tenha nascido em Castelo de Paiva, não estava habituado ao clima, pois fui muito novo para o Brasil».** Agora, com o tempo mais quente, Rocha já «está em casa» e diz-nos: **«Dentro de semanas estarei em forma plena e apto a dar tudo para que o Sporting se reencontre e venha a ganhar a «Taça de Portugal».**

6 __ Quem está maravilhado com a entrada em vigor, no dia 27, da lei da paridade de direitos entre portugueses e brasileiros é Vagner. Bom rapaz e amigo dos tempos em que jogava na Portuguesa, ao lado de Ivair e outros «cobras» da «Lusa do Canindé», não nos escondeu a sua alegria: **«Ainda bem. Assim já posso jogar na turma leonina juntamente com Yazalde e todos os meus colegas».** Profissional brioso, homem de carácter, imaginamos perfeitamente o que tem sido o sacrifício de Vagner ficar nas bancadas a ver o seu «team» jogar... mal. Por isso, daqui o aplaudimos e incitamos: **«Maestro, entre em palco, empunhe a batuta e dirija a orquestra!»**

7 __ Jantámos um dia destes com o presidente da Câmara Municipal de Almodovar, compadre Raul Candeias Godinho, na bonita residência do tenente da Armada, Luis Abreu Pacheco, na outra banda, durante o qual falámos longamente sobre o futebol alentejano, ora passando por uma das suas piores fases. O Desportivo de Beja quase não existe: e defraudou a todos após a fusão dos clubes que imolou. O Lusitano e o Juventude, de Évora, por mais que se esforcem jamais conseguem atingir a primeira Divisão. Quanto a Almodôvar disse-nos: **«Tenho feito tudo para formar uma equipa que dispute a 3.ª Divisão. Mas, há imensa falta de rapazes na minha vila. Uns foram para o estrangeiro, outros para Lisboa ou para o Algarve, e aqueles que restam gostam mais de estar nos cafés do que no campo de futebol, treinando-se, melhorando as suas condições atléticas. Estou disposto a valorizar o Estádio Municipal e arranjar um treinador competente para o Almodovarense F.C., mas para isso necessito que os moços da minha vila e de todo o concelho se interessem pelo desporto. Faço um apelo, através do «Diário de Lisboa», nesse sentido. Reúnam-se, procurem-nos que terão tudo: o campo melhorado, equipamento, assistência médica, treinador e o que for necessário para atingirmos a terceira Divisão.**

8 __ Quarta-feira, teremos, na Luz, o «jogo do ano», entre o Benfica e o Ajax. Pelo que temos visto por essa Europa fora, pessoalmente e através da TV, não descortinámos, até agora, nenhuma equipa superior ao Benfica. Pelo seu valor potencial e pelas reservas dos que dispõe os «encarnados» são no presente, o melhor «quadro» europeu equipa do mundo. Pode perder. Até para o Ajax que pelo que vimos através da TV não passa daquilo que dizem no Brasil: **«Um «team» de fazenda, grosso de bola».** Mas os lisboetas têm valor para o derrotar por larga margem e ganhar, depois, em Roterdão, as faixas de Campeão da Europa. O que o Benfica necessita é fazer o seu jogo, de «bola redonda» e não «quadrada» (como a jogam os holandeses) e não ir na sua conversa, como aconteceu em Amesterdão. Quem viu, pela TV, o Benfica, pela primeira vez, deve ter pensado: **«Como joga mal este timinho».** Mas aqueles que o viram em Itália e Espanha, em Agosto passado, hão-de ter comentado com os seus botões: **«Como esta moçada desaprendeu de jogar».** Vamos todos, quarta-feira, à Luz, ver os «rubro-brancos» eliminar o Ajax! Mas, daqui formulamos um veemente apelo a «Mister» Hagan: Não deixe o Vitor Baptista de fora e use a regra 13... quando algum dos seus jogadores estiver no «prego» ou actuando mal!



INFORMAL

Mário Nobre

AGUARELA DO BRASIL __ Um novo Pelé está despontando no Guarani de Campinas: Washington, 19 anos, que jogou, há poucas semanas, contra o Sporting, pela selecção de juniores do Brasil, em Cannes. O Palmeiras, lidera o Campeonato Paulista, seguido pelo Santos e o Corintians. Lista de artilheiros: César (Palmeiras), Alcindo (Santos) e Rivellino (Corintians). Entretanto, no Rio, Fluminense (de Zezé Moreira e Paulo Amaral) e Flamengo, empunham a faixa do lugar cimeiro, seguidos pelo Botafogo e Vasco da Gama. Cá, como lá, a dança do técnico prossegue: a Portuguesa perdeu e substituiu o seu treinador por Wilson Alves (que há 4 anos mandara embora por «corrupto e indisciplinador») e o Santos fez o mesmo com Mauro Ramos... numa demonstração de falta de personalidade dos seus dirigentes, os mais indicados para irem para a rua e não os pobres dos técnicos. O Vasco parece, como tudo indica, que ganhou o leilão para a compra de Tostão, bastante caro para uma moeda que está tão desevalorizada como é o Cruzeiro, batendo ao «sprint» o Flamengo e o Fluminense (que até enviou a Belo Horizonte o seu director técnico, Zezé Moreira). Numa «enquete» feita entre os jogadores do Cruzeiro sobre se apoiavam ou não Yustrich, o «homão» ganhou por uma margem de 90 por cento, demonstração eloquente de que continua de pé o velho ditado que diz: «Quanto mais me bates mais gosto de ti»...

PRÉDIO

VENDE-SE O N.º 100 DA AVENIDA DO BRASIL — LISBOA COM A ÁREA APROXIMADA DE 1000 M2

A Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Santarém, recebe propostas, em cartas fechadas, que serão abertas no dia 26 de Maio de 1972, pelas 15 horas, na sua sede em Santarém, e na presença dos interessados que desejem assistir.

Reserva-se o direito de não efectivar a venda, caso a melhor proposta não interesse a este Organismo.

A proposta que porventura seja aprovada ficará sujeita ao direito de opção a favor do rendeiro comercial [illegible] no prédio em venda.

NA OFICINA DA ESTRELA — R. SANTO ANTÓNIO, 31-A TEL. 671091/2

DENTRO DE LISBOA, A MAIOR E A ÚNICA COM LINHA DE REVISÕES

FARÁ MARCAÇÕES IMEDIATAS, RÁPIDAS REPARAÇÕES E TAMBÉM REVISÕES

inclusive os cupões grátis A e B — FÉNIX — assistência oficial FIAT

ALVALADE, 16 horas

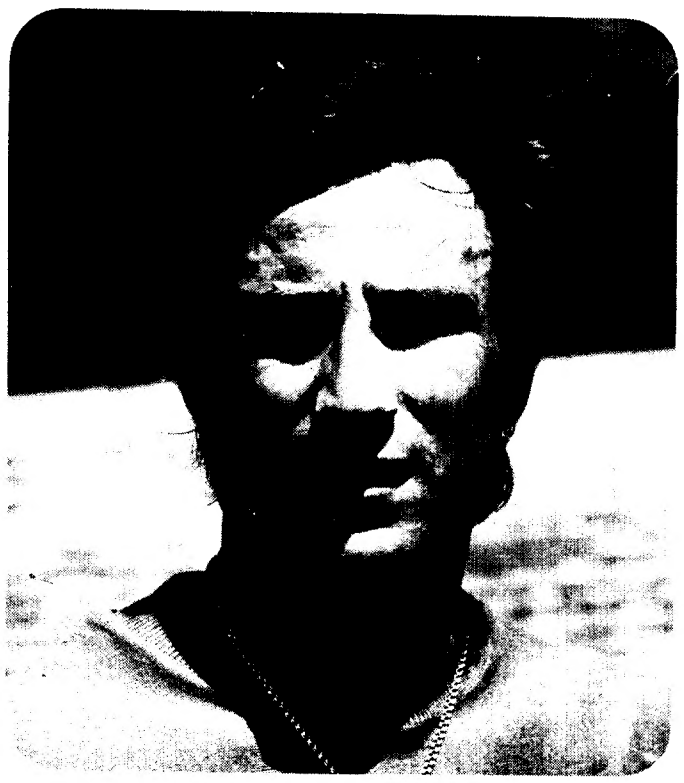
PERES OU MATINE: para quem o meio campo?

Tema

Jogaram lado a lado no treino semanal da selecção. Têm características perfeitamente opostas e hoje vão competir no relvado de Alvalade, frente a frente, numa luta que visa o domínio da zona fulcral do futebol moderno: o meio campo.

Chamam-se Peres e Matine: no Sporting e no Vitória eles são os homens-chave, são argumentos na discussão dos dois pontos. Quem vencerá?

Peres está a jogar em ritmo lento: pois a condição física não é a ideal, não reagindo do melhor modo à transição de uma fase de treino ligeiro, para a intensidade das sessões de Mário Lino. Na quarta-feira, no Jamor, alinhando pela selecção (sem Benfica) contra o Belenenses, ele foi o homem que mexeu os cordelinhos todos da equipa. Recebeu e deu jogo, rematou e marcou golos: mas pecou por prender demasiado a bola, retê-la em adornos e em preparações, para a entregar muitas vezes quando a defesa já estava colocada e Abel e Tito não tinham espaços à sua frente. Será hoje assim? É de crer que Mário Lino insista para que Peres largue a bola no momento exacto, que lance os extremos e que tente o remate da meia-distância.



Peres: futebol repousado.

Se assim acontecer, então Peres pode ganhar o meio-campo e encaminhar a sua equipa para a recuperação do platónico segundo lugar. Doutro modo, se as carências físicas vierem ao de cima e se Peres não for suficientemente lesto a libertar-se da teia de Pedroto, então mal irá o Sporting.

Matine está no lado oposto. Tècnicamente, jamais se pode dizer o que frequentemente lhe apontavam quando no Benfica. Já não é, longe disso, um «artesão a tratar, toscamente, a bola.» Hoje, Matine aprendeu a arte de dominar a bola, de a passar no tempo certo, de se desmarcar para a zona mais livre, de marcar um adversário sem lhe dar tempo nem espaço para as manobras.

Como (por outro lado) mantém a sua admirável força física, como (por outro lado) continua a ser um atleta honesto e sério que não desperdiça energias em derivativos extra-futebol, Matine surge numa forma excelente: quando a época atinge o climax e quando os seus pares começam a ceder pelas costuras. Por isso ele pode vencer a batalha do meio-campo, que Alvalade vai viver na tarde de hoje. Atenção, muita atenção, aos tiros do Matine. O pontapé do moçambicano (jogador do Benfica prestes a regressar à Luz) está a caracterizar-se por uma violência do Vitória (a que assistimos) inaudita. Nos dois últimos jogos por duas vezes Matine atirou fragorosamente à barra pontapés de bola parada. Isto é: na execução de livres. Contra o Guimarães, o esférico enviado de muito longe embateu na trave e saltou ao ar como castanha quentíssima em brasas vivas. Foi um estalo de todo o respeito: Damas pode bem preparar-se e ir aquecendo as mãos.

É evidente que não é só do esforço destes dois homens que depende o resultado da luta do meio-campo. Há que contar com Octávio e José Maria, embora um e outro estejam longe do seu melhor. Contra o Vitória de Guimarães, foram quase um «furo», ainda que nisso tenha havido culpa de Wilson que minou o meio-campo com uma floresta de jogadores.

Por parte do Sporting, Manaca lá está a fechar, um ferrolho que funciona certo se não o obrigarem a correr muito. Arnaldo, na Cuf, recuou bastante: e, aí, Manaca falhou, se bem que não devesse ter ordens para seguir o guineense em certos terrenos. E, especialmente, para esta partida, Lino lança Vagner: golpe táctico que as circunstâncias aconselhavam. Sabendo que o meio-campo do Vitória é povoado de excelentes futebolistas e sabendo que Manaca (sòzinho) pouco poderia contra Octávio e José Maria, aí está Vagner na liça, em detrimento do argentino Yazalde. Na grande-área ficará outro qualquer pronto ao sacrifício e para segurar os dois centrais Cardoso e Mendes. No meio-campo, andará Vagner: para equilibrar os números e para tentar imitar contra os seus antigos colegas as sagas do meio-campo que editaram juntos épocas a fio com excelentes resultados.

Matine: futebol impetuoso.

Mas, ficamos na nossa. A supremacia do meio-campo vai derimir-se fundamentalmente entre Peres e Matine. Até porque estarão frequentemente frente a frente: e não nos admira nada que a função primária de Matine seja exactamente anular Peres. A partir daí, fica a questão para o Manaca e o Vagner, para o Octávio e o José Maria.

De qualquer modo, boas expectativas de luta técnica de qualidade na zona do meio-campo, no Sporting-Vitória de hoje à tarde.

D.R.

UNIÃO FEZ A FORÇA

Já lá vão uns anos mas ainda me lembro. Do desprezo. Da ironia. Do sorriso dos senhores bem instalados na vida(ou não), mas que eram da Académica. Porque era «bem». Porque dava «ficha.» E dava, também, direito a olhar de cima a arraia miúda que gravitava na Arregaça.

Sabem o que é a Arregaça? Eu vou contar. É o velho campo do União. Do clube da gente simples de Coimbra, que trabalha, que veste fato de ganga ou faz o melhor sorriso atrás de um balcão. O clube de homens que depois de um dia de labuta metem uns copos no buxo e gritam pelo seu «Onião», o que convenhamos, é bastante diferente do que acontecia com «os rapazes irreverentes de capa e batina»que, durante as madrugadas, metiam igualmente copos no buxo mas davam «F.F.R.R.A.A.»

Voltando à Arregaça: as pessoas «bem» não iam lá. Ignoravam o clube. E quando não ignoravam mostravam o tal desprezo, a tal ironia.

O tal sorriso. Sem darem conta que os tempos antigos da rivalidade e ódio iam longe. Sem repararem que não mais havia lugar para a separação ridicula de futricas e estudantes. Sem terem noção que dos universitários só uma minoria era(é) sócia da Académica, enquanto muitos estudantes passavam a jogar futebol no União. E a distância futebolística, como de resto aconteceu a outras distâncias, começava também a desaparecer...Depois de pensarem no título da 1ª Divisão e na conquista da Taça (pensamentos frustrados), os adeptos das coisas grandes e da Académica deram de caras com o Uniião na 2ª Divisão. E agora, agoraé que são elas: com o sorriso amargo trancado na garganta semi-aberta, as pessoas bem dão-se conta da atitude da direcção do clube da arraia miúda. Uma atitude «aberta». Digna. E inteligente, também. Tão inteligente que, hoje, Coimbra irá assistir a um espectáculo que ninguém julgava possivel aqui há uns anos atrás: junto do Mondego, no Estádio Universitário, os preconceitos vão desaparecer e as pessoas importantes e as «outras» vão irmanar-se gritando pela Académica. E se gritarem pelo União, o significado será idêntico: a gente simples e humilde de Coimbra não quer que a Académica desça.

Por RIBEIRO CARDOSO

Uma pergunta: Se a questão fosse ao contrário aconteceria o mesmo?

...Já lá vão uns anos e ainda me lembro. Do desprezo. Da ironia. Do sorriso dos senhores bem instalados na vida(ou não) mas que eram da Académica. E nessa altura, já eu tinha orgulho em ganhar a minha vida jogando futebol no União apesar de viver numa «República» e frequentar um curso na Universidade de Coimbra. Orgulho que aumentou ao saber da atitude da direcção do meu antigo clube.

Por tudo isso e por muito mais lá estarei hoje, no meio da gente de Coimbra, a gritar pela Académica. É que para o ano, quero ver as duas equipas na 1ª Divisão.

ACADÉMICA DIFERENTE

Apesar do que fizeram a Artur Jorge prometeram-lhe mundos e fundos, ludibriaram-no e em altura de má forma esqueceram-no... Apesar do que se passou com a saída de Curado, de Viegas e de outras, a contrariar a feição verdadeiramente «sui generis» duma equipa de estudantes: cuja preocupação dominante seria o aproveitamento escolar e o futebol um mero prázer dos domingos à tarde.

Apesar do sucedido com Mário Wilson, que saiu porque não ganhou campeonato ou taça.

Apesar do contrato pouco académico feito com o «internacional» leonino Peres.

Apesar doutros contratos.

Apesar do fanatismo que tem envolvido a equipa e de muitos adeptos tornados iguais a outros adeptos.

Por EUGENIO ALVES

Apesar dos subsídios.

Apesar de muita coisa...

A Académica continua a ser diferente. Continua a equipa de jogadores de bola que sabem porque jogam e para que jogam. Jogadores privilegiados mas capazes de tomarem posições ou assumirem atitudes **(coisa rara em senhores de privilégios)... Posições e atitudes exemplares que em nenhuma outra equipa de futebol cá do b u r g o consideramos possível. E lembramos a reunião dos jogadores, há cerca de um mês: e da atitude colectiva, em relação aos problemas da equipa. Da atitude corajosa de Marques. Da atitude de todos eles (ou quase todos) sentindo-se responsáveis e não simples assalariados manejados por patrão. Da atitude deles em Maio de 69.**

Por isso a Académica é diferente. Por isso eu gosto da Académica.

E por isso a Académica não deve descer.

ALGARVE

Se comprou casa ou apartamento no Algarve não terá problemas de mobiliário, tecidos e cortinados, se consultar uma casa especializada, associada duma fábrica de mobiliário do Norte. Modelos económicos e estudados para o ambiente Algarvio.

CONFORTALIS __ ARTIGOS DE DECORAÇÃO, LDA.
RUA DO COMÉRCIO, 39 __ PORTIMÃO

SURDOS

CASA SONOTONE

JÁ SE LEMBRARAM QUE ESTAMOS NA PRIMAVERA?

É altura de ouvir o chilrear dos passarinhos e os rios correrem num murmúrio constante. Que felicidade podermos ouvir todos os sons! Mas aqueles que não puderem ouvi-los, estamos nós aqui para os ajudar, proporcionando-lhes um exame auditivo que é gratuito bem como todas as demonstrações, apresentando-lhes as últimas novidades em aparelhos próprios para surdez nervosa, a mais difícil de corrigir, mas temos lutado e conseguimos o que há de melhor para suprimir este mal. Temos pilhas de todas as voltagens, FACILITAMOS O PAGAMENTO, e prestamos assistência técnica a todos os aparelhos, sejam ou não vendidos por nós, de qualquer marca ou de qualquer casa.

Não deixem de nos visitar e, desde já, um grande OBRIGADO.

EM LISBOA, POCO DO BORRATÉM, 33, s/l. — TELEF. 86 83 52
NO PORTO, PRAÇA DA BATALHA, 92 - 1.º — TELEF. 3 56 02
EM LUANDA, RUA ANT.º ENES, 42 - 2.º, APARTAMENTO 26

COLECTIVIDADES POPULARES

Por ALEXANDRE PAIS

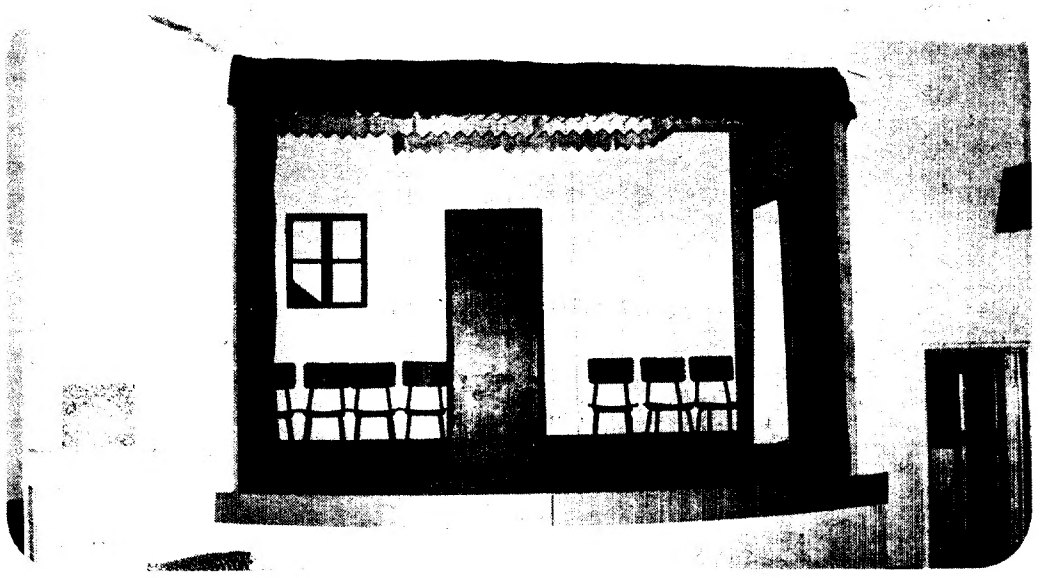
Grupo Musical 1.º de Dezembro: Queijas vive "drama sem nome"

— Eu, para ensaiar, preciso do máximo silêncio. Todos os predicados que dizem respeito a um teatro. Agora, como é que eu posso preparar o meu «pessoal» se a colectividade pretende angariar fundos?... Tenho de fechar a porta? Não entra ninguém...

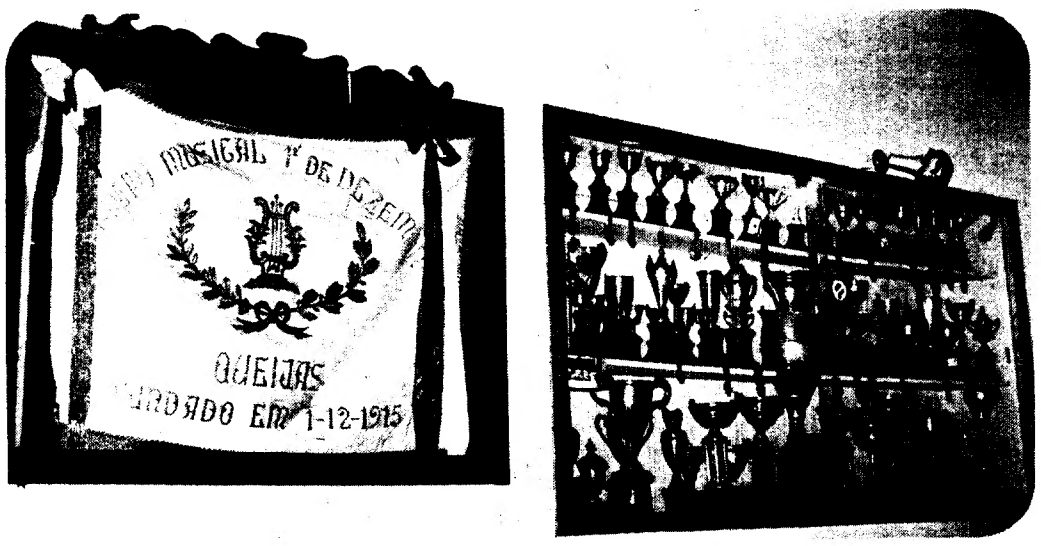
— Então... arranja-se para aí uma sala. Não me diga que não se há-de arranjar para aí uma casita...

— Está bem, mas é que eu preciso de trabalhar com o palco à vista. Tenho de «descriminar» determinadas coisas...

— Mas, lembre-se, que íamos também sacrificar os outros. Isto, enfim...



É este o palco sem cúpula dos dramas sem nome



O património que urge renovar

— Se eu pretender fazer uma revista como é que posso meter ali os cenários? Pois se não tenho cúpula...

— Mas também quem é que lhe pode exigir mais do que há?

— Pois claro, isso já se sabe. Mas estes senhores estão aqui para saber as coisas aprofundadas. Não temos mais que é dizer...

Foi este pitoresco diálogo que a reportagem do DL recolheu no início da sua vista ao «Grupo Musical 1.º de Dezembro», de Queijas. No gabinete da direcção decorria uma reunião de trabalho entre os dirigentes da colectividade (Rogério Perpétuo, de 32 anos, empregado de escritório, «presidente»; Vítor Cardia, de 25 anos, desenhador de máquinas, «1.º secretário» e Aron Morato, torneiro mecânico, de 47 anos, «tesoureiro») e o responsável pelo grupo cénico (João Marcelino, também de 47 anos e serralheiro mecânico de profissão). Sobre o assunto que ali nos levara (a actividade desportiva) começaram por nos dizer:

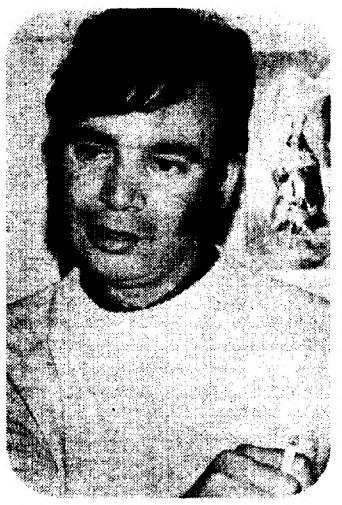
«O clube neste momento só pratica uma modalidade: o futebol. Temos uma equipa de seniores e outra de juniores que entraram em torneios populares. Para o futuro está prevista a competição em provas oficiais. É preciso ver que as equipas dos arredores vivem à base de jogadores cá do sítio. De resto, enfim, anda-se para aí a organizar um bocadinho de pesca e tal...»

Fundado em 1915, no dia 1.º de Dezembro, como o próprio nome indica, a agremiação de Queijas conta (actualmente) com 408 associados a pagarem de quota um mínimo de cinco escudos mensais:

«É difícil arranjar outras fontes de receita, porque o sócio não está mentalizado para pagar. Julga que os cinco «paus» da quota lhe dão todas as regalias».

A sede (composta de um salão apetrechado com um pequeno palco, de uma mini-divisão onde está instalada a direcção e de outra sala que serve de bufete) custa ao clube 300$00 por mês.

«Esta casa foi-nos cedida pela Câmara de Oeiras e até já funcionou como escola. Aqui gastámos (em obras) uns bons contos de reis o que não nos impede de apresentar nesta altura um saldo positivo da ordem dos 40 mil escudos. Vamos agora sacrificar mais um dinheirito para iniciarmos a nossa biblioteca. Mas o grande problema continua a ser a falta de espaço. Às vezes, vem aí um circo, uns saltimbancos, coitados, e a sala enche de tal modo que não cabe uma agulha.



Rogério Perpétuo, presidente: o grande problema é a falta de espaço...

João Marcelino: isto está mesmo «mesquinho»...

Interrompe o ensaiador do «grupo dramático»:

«Então... quando eu aqui fiz uma peça chamada «Mosquitos por cordas» a casa estava à cunha. Foi um grande sucesso...»

Quem não conhece Queijas deve aproveitar a primeira oportunidade de que disponha para lá dar um pulo. O estado de abandono em que se encontra a povoação é simplesmente incontável. Aquilo não são ruas, mas autênticos caminhos de cabras. Leitor, é como digo: só visto. Continuemos com os directores do 1.º de Dezembro» que estão agora a jogar ao ataque:

«Há por aí meia dúzia de indivíduos que se encheram de dinheiro e que são capazes de nos virar as costas se lhes formos pedir auxílio. No entanto, não deixámos de ter prometimentos por parte dessas mesmas pessoas...»

E aí temos de novo o sr. Marcelino:

«A colectividade já não tem condições para o nível que se está a proporcionar cá na terra. Isto está mesmo mosquinho...»

Acompanhámo-lo, depois, numa visita aos baixos do palco para o ouvirmos continuar a puxar «a brasa à sua sardinha».

«Vamos começar com um drama que ainda não tem nome. Tínhamos, tínhamos, mas foi estraviada uma peça que eu queria, com três actos, em drama. Agora fazemos esta e depois segue-se uma comédia. Eu só encontro dificuldades na parte moral: é preciso ver que tenho aqui rapazes que nunca pisaram um palco. Tenho de estruturá-los, limar-lhes todas as arestas... Felizmente que está aí a aparecer uma camada jóvem com um bocadinho de cultura e é nessa que eu estou esperançado».

Aí vou eu a caminho de Valeijas, minha próxima jornada. Deixo para trás a confusão. Talvez que as ruelas enlameadas duma terra em desalinho, ao mesmo tempo que me dificultam a saída, me façam sentir que revivi em Queijas muito do entusiasmo da minha juventude. Daquele sentimento único que nos faz saber que não vivemos apenas porque respiramos. Só realizando, o que quer que seja, nos conseguimos sobrepôr à doença triste das pantufas quentes. E então gritamos: nós existimos realmente! Rapaziada de Queijas: está por fazer aquilo que já é, por certo, vosso intuito construir. Mãos à obra!

JOÃO, UMA PALAVRA

És um daqueles «furiosos dramáticos» infelizmente já em vias de completa extinção. Porque, se há anos atrás, ainda existiam os chamados «ensaiadores», mesmo arcaicos, mesmo ultrapassados, agora nem isso. As pessoas que, devidamente esclarecidas, poderiam dar ao Teatro amador o entusiasmo que lhe falta, cansaram-se do desapoio de uma actividade sem glória. Tu, João, permaneces fiel ao grupo dramático, às cúpulas, ao silêncio absoluto, ao grande sucesso, aos dramas sem nome, às revistas, aos mosquitos e às cordas, enfim àquilo que tu pensas ser «o limar de arestas». Mas o certo é que continuas. E não desarmes. Não te canses. De que serviria dizer-te que estás enganado no teu conceito sobre o Teatro? O de hoje. O de sempre. Tu aceitarias? Para quê tentar explicar-te o erro que tu não sentes e em que por isso mesmo persistes? Tu irias compreender? Estou certo que seria inútil. Lamento, apenas, que o teu esforço não possa contribuir para que o nosso Teatro amador vá perdendo o cheiro dum bafio que o apodrece.

Continua, João, apesar de tudo camarada, quanto basta para amigo.

A.P.

Márais enfrenta serpentes

Jean Marais será o principal intérprete do filme de Henri Noel Dupuy «O Lagarto Mexicano». Na película, Jean Marais, que será acompanhado pela actriz Marika Green, deverá enfrentar serpentes e tribos selvagens.

MORADIAS NA ZONA DE CASCAIS

Com 2-3-4 e 5 assoalhadas em zona de grande valorização

Preço: desde 380 contos

Próprio: JOAQUIM BARAONA

Avenida Valbom, 28-1.º—Telef. 282345 CASCAIS

ACTUALIDADE

Na selecção: para prolongar um nome

JOSÉ CARLOS (Vitória de Guimarães): UM BECKENBAUERZINHO

Como a quase totalidade dos jovens da sua geração, o futebolista José Carlos, defesa-central do Vitória de Guimarães, viu a sua carreira interrompida e quase mesmo terminada por mor do serviço militar

Quando partiu (em 1969) era o terceiro homem do centro da defesa, o primeiro a ser chamado nas ausências de Manuel Pinto ou Joaquim Jorge. Esteve lá até Setembro do ano passado, recomeçou a treinar, teve que recuperar todo o tempo perdido com trabalho dobrado e, hoje, é o senhor da área vitoriana. A tal ponto que José Augusto o chamou ao estágio da selecção e o colocou a jogar durante todo o tempo do treino, o que é significativo.

Daí que o seu nome esteja na berlinda, daí que lhe tenhamos perguntado algo acerca da sua evolução no futebol.

—Nasci em Vila Praia de Âncora, a 27 de Dezembro de 1946 e o meu nome completo é José Carlos Verde da Silva. Sou irmão do Ibraim que joga também no Vitória de Guimarães. Aos 16 anos vim para Guimarães, onde joguei nos juvenis e juniores. Antes de abalar para o Ultramar fui convocado para a selecção de «esperanças» no tempo em que o Juca era o treinador. Ainda fiz alguns jogos na primeira categoria, mas os titulares eram o Pinto e o Jorge. Talvez fosse demasiado cedo para jogar sempre, mas eu começava a sentir-me à altura da função e do clube. Com o serviço militar, pensei que tinha acabado para o futebol. Felizmente, nos últimos quatro meses joguei no Ferroviário de Nampula treinado por Costa Pereira. Foi um período de recuperação lenta e que me premitiu recomeçar o trabalho em melhor condição física e psicológica.

Irmão de Ibraim

PROFISSIONAL DESDE OS 17 ANOS

No dia 14 de Setembro regressei à metrópole e principiei os treinos sob a orientação de Mário Wilson. Duramente, para entrar depressa em forma. Quatro meses depois estava na primeira categoria, pois (entretanto) o Joaquim Jorge lesionou-se em Coimbra e fui ocupar-lhe o lugar no jogo com o Belenenses. Daí até agora só falhei o encontro de Alvalade, tendo realizado duas boas exibições contra o Belenenses, logo na estreia, e nas Antas, contra o F.C. do Porto.

José Carlos impressiona pela sua compleição física entre os companheiros de defesa. Tem um metro e oitenta de altura e pesa 74 quilos, o que se pode considerar ideal para um atleta e para o lugar primordial que ocupa. Alto, musculado, seco de carnes, possui ainda uma técnica básica bastante boa, mas susceptível de aperfeiçoamento futuro. Wilson, neste aspecto, tem sido de importância fundamental, como o foram antes José Valle e Jean Luciano. A nós, que vimos ainda muito recentemente o moço de Vila Praia de Âncora jogar em Setúbal, impressionou-nos o modo rápido como desarma e sai logo para o contra-ataque, assim como que um Beckenbauerzinho em embrião. Diz (mais) o novo candidato à camisola das quinas:

—Embora não sendo velho na idade já tenho uma boa experiência como jogador. Sou profissional desde os 17 anos e já vi bastantes coisas no futebol. A chamada à selecção é a consequência da minha experiência, se bem que esteja convencido que já teria tido mais oportunidade desde a convocatória para as «esperanças» e se não fosse para o Ultramar.

Casado, com um filho de dois anos (que também se chama José Carlos) o defesa vimaranense disse-nos que admira acima de todos os seus colegas no lugar o «internacional» Rui Rodrigues, pela «soupless» extrema que coloca em cada intervenção. Acerca do seu irmão mais novo, o Ibraim, ex-«internacional» júnior e em vias de se fixar definitivamente na ponta-esquerda do «team» de Mário Wilson, diz José Carlos:

—Vive em minha casa, e não cria problemas. É muito bom moço, bom tipo, mas ainda inexperiente. Futebolisticamente receia muito os lances de bola dividida com os adversários, não entrando com a decisão indispensável a um avançado. Em contrapartida, é bom driblador e chuta muito bem. Vai longe, se ganhar maior audácia e genica.

NÈLINHO, lisboeta desterrado quer voltar à grande cidade

Enquanto diàriamente se deslocam trabalhadores dos campos, instalando-se nas grandes cidades e desequilibrando a distribuição demográfica da população obreira, este moço que têm aí, com o ar mais sisudo deste mundo, deixou a grande cidade e foi viver, primeiro numa vila do interior e depois em pequena cidade do litoral.

Abalou na intenção de conquistar evidência suficiente para mais tarde regressar à cidade, com um nome feito na sua profissão: o futebol. Até lá, ele é um lisboeta desterrado. O seu nome: Nélinho. Vive em Aveiro trabalha no Beira-Mar (especializado como ponta direita) e o regresso está iminente.

«Chamo-me Joaquim Manuel Rodrigues da Silva Marques, nasci em Lisboa a 22 de Agosto de 1948. Estou no Beira-Mar há três anos, mas contínuo ligado ao Palmense. Como sou de Benfica comecei a jogar futebol no Palmense (nos juniores) e lembro-me que no meu primeiro ano de bola fomos à meia-final com o Sporting. Depois, abalei para Tramagal (cedido por um ano) e consegui somar bastantes golos, sendo até o segundo marcador da Zona Norte da Segunda Divisão. Talvez por isso o Beira-Mar se tenha interessado no meu concurso: e fui jogar para Aveiro. A primeira época ainda com a carta emprestada, as duas últimas já ao abrigo da Lei Militar. Este ano, acabo o serviço militar (daqui a quatro ou cinco meses) e devo mudar de clube, sendo o Palmense o último a dizer para onde irei.

VELOCIDADE

Antes de se profissionalizar no futebol. Nélinho foi empregado de escritório, ajudando a sustentar a família de cinco irmãos. O pai é encarregado de serralharia e não podia custear-lhe os estudos. O seu caso individual, porém, deve estar resolvido com o futebol e pelos anos mais próximos. O que acontece com muito poucos. Nélinho, reúne boas condições físicas e técnicas.

Tenho, 1,69 m de altura e peso 63 quilos. Jogo tanto a extremo como a ponta-de-lança, mas acho-me mais dotado para alinhar a extremo-direito. Como sou bastante leve e veloz, torna-se mais fácil infiltrar-me a partir da lateral. Daí o meu jeito para correr e aparecer na área com a bola ou à espera que um colega me devolva o esférico em condições. Esta chamada à selecção e a participação no primeiro treino com os «maiorais» vem dar-me ainda mais vontade de trabalhar. Eu, pessoalmente, gosto do futebol: ainda sou profissional porque gosto e não faço isto como obrigação. Por isso, apreciei bastante a chamada, ainda que não a esperassa muito. Na segunda-feira vim de Aveiro para Lisboa, deixei lá a ferramenta toda (botas e equipamento) e só depois fiquei a saber que tinha sido convocado. Já não voltei ao clube e isso veio fazer com que me apresentasse em más condições no treino, com umas botas emprestadas. Acabei com os pés a doerem-me muito.

PORTO OU LISBOA

Para quem nasceu em Lisboa, para quem aqui viveu até aos 17 anos, não será muito fácil adaptar-se a outros ambientes. Mormente para quem, como Nélinho, se habituou a fazer de toda a cidade o campo de luta e de brincadeiras, Tramagal ou Aveiro não poderão deixar de constituir um certo cerceamento de ambições. Daí a compreensão absoluta de tudo o que Nélinho nos diria:

— Estranhei um bocado a cidade de Aveiro, pois se no Verão é muito bonita e podemos ir para a praia ou ficar mais tempo na rua, no Inverno, às oito horas, já está tudo em casa. O que me valeu foi o óptimo ambiente que sempre lá tivemos no clube, com uma camaradagem absolutamente ímpar entre todos os jogadores. Quando o Beira-Mar estava na segunda divisão ainda éramos mais unidos. Então, os solteiros faziam cá um grupo que era uma maravilha, com brincadeiras a toda a hora. Além disso toda a gente me estima e eu sou muito querido na cidade. Mas não nego que sinto necessidade de regressar a uma grande cidade (Lisboa ou Porto). E digo isto não só porque há mais vida como ainda porque, no aspecto profissional, terei mais hipóteses de progredir e de alcançar uma situação material melhor. Esta época já fui contactado pelo Futebol Clube do Porto, Belenenses e CUF: e é quase certo que me vou transferir para o Porto ou Lisboa. É uma mudança que me interessa muito sob todos os pontos de vista. Sou novo e acho que posso atingir um lugar de certo destaque no futebol, ainda que não tenha ilusões de ser uma grande «estrela». E isso só é possível num clube grande.

INQUÉRITO AO EXPORTADOR

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Rua Camilo Castelo Branco, 2-3.°—LISBOA

Está em lançamento um inquérito à generalidade das firmas real ou potencialmente exportadoras com o objectivo de actualizar o respectivo ficheiro de empresas nacionais existente neste Organismo.

Solicita-se, às empresas que estão a receber o questionário, a sua devolução urgente, após devido preenchimento, utilizando o envelope enviado para o efeito.

Dirigentes: Os reis vão nus

Tremor de terra na praça: aqui del-rei, que o Hagan é muito nosso e só aos directores do clube tem de dar contas. Nunca as mãos lhe doam, por apontar verdades: rezavam outras missivas. E neste torvelinho, neste certo-incerto, se consumiu a semana: de olhos postos no calendário, à espera da quarta-feira holandesa que vai unir todos os portugueses em torno do seu campeão.

Numa «torcida» impressionante que atire os futebolistas da águia para o cume europeu.

Há, entretanto, outras histórias a saltar. Um director do Beira-Mar arvora-se em técnico de futebol e escala o «onze» da colectividade: a Académica baqueia e o sujeito incha de orgulho, pois prova a si próprio (e aos descrentes) que sabe de bola mais que qualquer Bianchi.

Intromissão, pura e simples, de um paisana em negócio de militares.

Tirsense perde em casa, a favor de um rival do peito: e a proeza dos rapazes da praia arroja outro treinador para o desemprego. Não vamos, aqui, avaliar se Medeiros tem (ou não) arcaboiço para a tarefa em que estava investido: só que os dirigentes de Santo Tirso ali o tinham posto porque, em seu entender, o homem era capaz de lhes oferecer bom pecúlio na tabela pontual. Ora, perdendo o jogo, ali mesmo, nas barbas da sua clientela, que iriam dizer os adeptos do mesmo emblema?

Que eles tinham sido burros no contrato de Medeiros.

Que eles não percebiam nada de futebol: e Medeiros ainda menos.

Vaí daí, que sucedeu?

Pontapé no rabo e treinador na rua.

Janos Hrotko falou. Disse coisas: e a entrevista não foi censurada. Deu escândalo: nunca ninguém se atrevera a afirmar, com tanto conhecimento de causa, que dirigentes amadores não tem capacidade para mandar em profissionais.

Que conserveiros não sabem a potes de futebol, embora percebem muito de sardinhas.

Que diletantes não podem traçar o rumo de um clube que é de todos quantos pagam regularmente a sua quota, ainda que os eventuais patrões tenham investido no grémio muito do seu dinheirinho.

À espera da fotografia nos jornais.

Da imagem no «écran» estriado.

Do nome na boca de desconhecidos.

Como um investimento eleitoral, como veículo para promoção na vida.

Os senhores ficaram zangados: então aquilo diz-se dos manda-chuva?

Hrotko? Maia na mão e toque para destroçar.

No Boavista, a caricatura ainda foi mais vincada. Quando os dirigentes chamaram António Teixeira para o rebocarem até ao Bessa, os jornais trouxeram o evento: a uma secretária sorridente, enquadrado por dois senhores óptimamente engravatados, o técnico rubricava o contrato com o clube. Oficializava a ligação.

Umas semanitas andadas, a coisa a dar para o torto, e Teixeira fora de portas. Vem (então) a revelação pela boca do próprio escorraçado do bestial que virara besta:

— **Não cheguei a subscrever qualquer contrato com o Boavista. As fotografias que apareceram em público obedeceram apenas ao formalismo de uma praxe jornalística.**

Quer dizer: houve mistificação.

Enganou-se o pagode.

Ludibriaram-se os amigos do Boavista.

Escamoteou-se a realidade.

Defraudou-se a verdade.

O Sindicato dos Treinadores, sempre tão avaro em defender os seus contribuintes, como vai reagir?

O fisco, os impostos, onde vão descobrir matéria colectável para o seu erário?

Onde vai a Federação arranjar desculpa para ter dado cartão de treinador a António Teixeira, como «responsável técnico pelo Boavista»?

Onde está António Teixeira que se presta a chicanas?

Onde moram os dirigentes que encenam comédias de bairro?

Onde está a fronteira entre o homem e a marioneta?

O certo, meus amigos, é que qualquer sujeitinho com meia dúzia de contos de réis pode comprar a fama. Basta oferecer-se para presidente de um clube popular: embora como dirigente do seu futebol já ganhe o direito a nome nos jornais.

Desse modo, temos assistido a promoções vertiginosas.

A sucessos de carregar pela boca.

A coisas de fazer corar um carroceiro.

Rouba-se a água pública.

Joga-se com o dinheiro alheio.

Foge-se para a Argentina com um cofre patinador.

Cava-se para a Venezuela com a receita da cotização

Engana-se o público emitindo bilhetes para além da lotação dos campos.

Inventam-se «dias do clube».

Sacam-se letras à custa de papalvos.

Passa-se uma mão pelo lombo e mete-se a outra na carteira do alheio.

Espezinham-se as «estrelas» do espectáculo com as mais vergonhosas proibições.

De falar.

De respirar.

De ser gente.

De ser cidadão.

E, quem segura as rédeas da corrida?

Pessoas esclarecidas?
Não: vaidosos.
Pessoas inteligentes?
Não: asnos.
Pessoas modestas?
Não: pavões.
Pessoas brilhantes?
Não: ambiciosos.

Ao fim, vem sempre o julgamento do tempo. Quem foi o presidente do clube Xis no ano da vitória no campeonato?
Uns meses depois, ninguém recorda.
Na memória só ficou o golo conseguido.
O tento falhado.
O fora de jogo marcado.
A defesa milagrosa.
O árbitro amigo.
O dirigente, começou e acabou a carreira no mesmo dia.

Evidentemente, que toda a regra tem excepção.

Brás Medeiros já era alguém antes de ir para o trono do Sporting.

Nunca matara ninguém.

Pinto de Magalhães já era importante antes de dar dinheiro e tempo para o Futebol Clube do Porto.

Nunca falsificara assinaturas.

Manuel Bullosa já era importante antes de capitalizar o Belenenses.

Nunca passeara de borla à custa do clube.

Joaquim Bugalho já era admirado antes de erguer o Benfica do rés-do-chão.

Sempre fora honesto.

Sá Viana Rebelo já tinha continência antes de entrar na sede verde.

Era um militar inatacável.

Edison Magalhães já era respeitado quando o levaram a falar nas assembleias do Leixões.

Tinha a espinha direita.

Carlos Costa vinha do Porto colocar em sentido o congresso que lançava.

Sabia o que dizia.

Francisco Retorta empolgava os benfiquistas.

Falava com o coração: não com a carteira.

Então, onde está a devoção ao desporto que faz com que os mesmos que desertaram de clubes de bairro corram a poisar num lugar com mais luz?

Onde está o amor pelo desporto que só tira os dirigentes da cama na hora de jogar o primeiro «team»?

Onde está a paixão clubista que só sabe exprimir-se em notas de conto?

Onde está o gosto pelo clube que faça comparecer em campo nas horas mais delicadas?

Sem ser para dizer parvoíces ou tirar o retrato.

Para olhar de cima para baixo os jogadores.

Os sócios.

Os jornalistas.

Todos os intrusos no seu aerópogo.

Todos os que não trazem graxa nas mãos.

Nem na caneta.

E, volta-se ao lugar de oriegm: a quem deve um treinador dar contas dos seus actos?

Ao dirigente que o contratou e a quem deve o ganha-pão diário, a fuga ao desemprego, o adeus ao anonimato?

Ao associado do clube que nunca chegou à fala na redoma das assembleias gerais?

Ao jornal que o tornou conhecido?

À rádio que o tornou conhecido?

À rádio que fala de si?

Pergunta-se: não é um treinador de futebol uma personagem pública?

Como um actor de Teatro, uma figura do Cinema, uma «estrela» dos micros? Pergunta-se: onde está o recato de um ditador embrionário?

Na fuga à responsabilidade das chacinas que ordena?

No pé atrás perante a crítica?

No desprezo pelas opiniões alheias, ainda que elas venham da maioria.

Da boca dos seus próprios comandados; de quantos nunca precisam de erguer os calcanhares para ficarem mais alto?

Nem vão precisar.

Nem vão suspirar de saudade na hora da abalada.

Mesmo que vão ao banquete de homenagem.

À entrega da faixa de campeão.

À tesouraria receber um chequeextra.

"TAÇAS" LOUCURA E MORTE

Por DIANA ANDRIGA

Tenho, pelo desporto como é considerado neste país (as taças e as rivalidades e os delírios do futebol, as rivalidades menores dos outros desportos) um horror maior que pela droga quando mal usada. E, apesar de tudo, maior que pelo alcoolismo.

Que ninguém se droga por acaso, ninguém se embebeda por acaso - mas também ninguém é conduzido a esses estados tão friamente, tão premeditadamente, como à loucura através das «Taças».

Vi uma vez ciclismo em pista, provas de contra-relógio, e gostei. Tinha lido o Vailland, 325.000 francos, e sabia os gestos correctos do corredor. Gostava que corresse contra si, contra o tempo. Por um momento, não havia competidor.

E eu odeio a competição.

Gosto dos ciclistas quando transformam, por razões certas, a «Volta» num passeio ou num piquenique.

Gosto dos jogadores, de todos, mesmo os de futebol: que é o desporto que menos gosto. Gosto do Eusébio porque uma vez o vi na rua reagir como quando era menino em Moçambique e tinha medo.

Se usam a loucura dos outros, têm razões para isso - razões de sobrevivência - e de falta de possibilidades para chegar a realizar um trabalho socialmente útil.

Mas não gosto dos adeptos furiosos dos clubes.

E é por isso que nunca, tirando essa vez em que vi ciclismo de pista, assisto a qualquer «manifestação desportiva» - nem, sequer, pergunto os resultados.

Praticar desporto, isso faria, se pudesse. Mas a equitação, meu desporto favorito, sai demasiado cara e, quando tentei a natação (em piscina, portanto), apanhei uma enorme sinusite. Hesito, agora, entre a ginástica, o judo e a preguiça.

Mas lá que o desporto faz falta, faz.

O praticado por nós, para nós.

O da competição - para os outros. Que belo remédio para fazer esquecer ao país Portugal as frustrações diárias! Um jogo Benfica-Ajax f u n c i o n a, nesse aspecto, muito melhor do que uma intervenção directa no cérebro. E é muito mais prático.

A OUTRA MÚSICA

Por REGINA LOURO

A discriminação começou logo na escola primária (para não dizer mais cedo) quando meninos e meninas foram distribuídos por turmas diferentes. À mesma hora em que eles, no pátio do recreio da velha escola, se entregavam à prática de «Ginástica», nós, recolhidas tínhamos a nossa tranquila e formativa aula de «Costura». E assim foi desde a primeira à quarta classe. Só no final das aulas, aproveitando o sossego das ruas de aldeia, procurávamos tirar a desforra, competindo com os rapazes em correrias desenfreadas, ante o ar escandalizado das avós que espreitavam ao postigo das portas. Mas a nossa compensação era só de *meio* e não de *resultado:* porque, mais lestos do que nós, os miúdos batiam-nos sempre nas corridas. Sem treino, cansadas, ficávamos a vê-los desaparecer ao virar de cada esquina, soltando gritos de vitória que inùltilmente espicaçavam o nosso orgulho ferido.

No ensino secundário, o esquema mudou de nome, mas não de figura. O moderno edifício do c o l é g i o de província servia, duas v e z e s por s e m a n a (às quatro da tarde) de cenário para duas manifestações inteiramente diversas: de um lado, reservada aos alunos, a aula de «Educação Física», do outro lado, para as meninas, os «Lavores Femininos». Contrastando com a mobilidade do corpo, apenas as mãos cavalgavam na confecção de rendas e bordados, para um futuro enxoval... Divertido, não era?

A nossa vingança, ou o alibi para a nossa frustração, foi o consumo de glórias alheias. Nomes femininos que triunfavam no desporto - ginastas, atletas, nadadoras - passaram a encher-nos a cabeça, tornando-se o símbolo dos nossos desejos insatisfeitos.

Recortávamos as suas fotografias, que colávamos nas capas dos livros, por impossibilidade de as exibirmos na própria sala onde praticávamos «Lavores Femininos». Admirávamo-las na clandestinidade das aulas e dos recreios, sonhávamos com os seus triunfos, que seriam a nossa futura festa.

Até que chegou o tempo de participar. Já sem sonhos de glória, de nomes nos jornais, de fotografias nos álbuns de outras meninas de aldeia. Apenas a prática do desporto, pelo desporto. A contemplação do espectáculo desportivo e o desprezo pela competição.

Algumas de nós, vindas do colégio conservador, matricularam-se no I.N.E.F.. Outras entraram para equipas femininas (de empresa ou universitária): equipas de basquetebol, de voleibol, de ténis. Houve até quem, por necessidade de defesa, se lançasse na aprendizagem do judo. E, finalmente, as que ficaram simples espectadoras.

Ficaram a perder? Não tenho a menor dúvida. Mas não a perder tudo. Pessoalmente, a beleza, a elegância e a harmonia de um espectáculo de ginástica é capaz de me transmitir tanta emoção estética como a de um disco de Beethoven.

Quem achar que disse alguma barbaridade, levante o dedo.